


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ISABEL DE ALMEIDA TELLES MACARI

**A TRANSDICISPLINARIDADE DOS
SABERES CIRCENSES NO ENSINO
MÉDIO: um diálogo com a BNCC**



ARARAQUARA – S.P.
2021

ISABEL DE ALMEIDA TELLES MACARI

**A TRANSDICISPLINARIDADE
DOS SABERES CIRCENSES NO
ENSINO MÉDIO: um diálogo com a BNCC**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de Pesquisa: Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Profa. Dra. Denise Maria Margonari Favaro

Bolsa: CNPQ- 07/2020 a 04/2021

ARARAQUARA – S.P.
2021

Macari, Isabel de Almeida Telles

M115t A transdisciplinaridade dos saberes circenses no Ensino Médio : um diálogo com a BNCC / Isabel de Almeida Telles Macari. -- Araraquara, 2021
172 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Denise Maria Margonari Favaro

1. Circo. 2. Educação Escolar. 3. Transdisciplinaridade. 4.
Currículo escolar. 5. BNCC. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ISABEL DE ALMEIDA TELLES MACARI

A TRANSDICISPLINARIDADE DOS SABERES CIRCENSES NO ENSINO MÉDIO: um diálogo com a BNCC

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas

Orientador: Profa. Dra. Denise Maria Margonari Favaro

Bolsa: CNPQ

Data da defesa: 28/05/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Denise Maria Margonari Favaro
UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina
UNIARA/Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Marco Antonio Coelho Bortoleto
UNICAMP/Campinas

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a minha mãe, Patricia de Almeida Telles Macari, que infelizmente não me viu fechar este ciclo, mas que com certeza foi a pessoa que mais me encorajou a iniciá-lo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha orientadora Denise por embarcar nesta aventura comigo.

Ao meu pai e a minha avó, que me acompanharam nesta mudança de estudos e de profissão e que, ainda assim sem entender muito da área, me apoiam.

Ao meu parceiro Fernando, pelo amor, apoio, incentivo e força nos momentos de angústia.

Aos meus amigos, que me apoiaram e seguem comigo desde o início deste ciclo.

Ao grupo de pesquisa CIRCUS, da FEF, que me mostrou que era possível pesquisar a atividade circense, assim como o grupo Prax Circense da UFF.

Aos docentes que participaram das entrevistas e suas contribuições para o projeto proposto.

Ao professor Marco Bortoleto, pelas contribuições nesta pesquisa e na minha formação para pensar a atividade circense.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado, a partir de uma pesquisa qualitativa e de estudo de caso, une-se a outros trabalhos que propõem a atividade circense em ambiente escolar como uma prática enriquecedora, tanto para alunos quanto docentes. Pensamos nas atividades circenses como uma contrapartida (ao estimular a criatividade, o autoconhecimento, o movimento, o trabalho em conjunto, etc.) ao ensino tradicional presente na maioria das escolas, visto que a prática circense trabalhada de forma crítica e não tecnicista possibilita um outro olhar sobre o ambiente escolar e do próprio praticante sobre ele mesmo. Este trabalho tem como objetivo a proposição de uma ação transdisciplinar para o Ensino Médio, na qual a atividade circense é utilizada como ferramenta pedagógica. Como resultado, planos de aula de cada disciplina foram elaborados e aprimorados por meio de entrevistas com docentes especializados. Apresentamos o projeto transdisciplinar a partir destes planos de aula, ao passo que utilizamos as habilidades presentes na BNCC, uma vez que, atualmente, este é o documento que dita o currículo das escolas, apesar de nossas críticas. Como uma forma de auxiliar na instrumentalização de docentes das escolas básicas, alguns jogos foram esquematizados e organizados em quadros.

Palavras-chave: Circo; Educação Escolar, Proposta curricular; Currículo; Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

This master thesis, through a qualitative research of case study, unites with other studies that propose circus activities at school as an enriching experience, for students as well as for teachers. Reflecting upon the circus activities as a counterpart (by stimulating creativity, self-knowledge, movement, collaborative effort, etc.) to the traditional way of teaching, available in the majority of schools today. If the circus activities are used in a critical and non-technical way, it allows the students a different view upon the school's environment and a new perception about themselves. This thesis aims to develop the proposition of a transdisciplinary action for High School students, in which the circus activities are the main tool of learning. As a result, lesson plans of each subject were developed and enhanced by interviews with specialized faculty. We present the transdisciplinary project through lesson plans, whereas we use the abilities of BNCC (Base Nacional Comum Curricular), as, nowadays, this is the document that dictates the school's curriculum, although we have our critics to BNCC. As a way of assisting in the faculty's instrumentalisation, some games were schematized and organized in charts.

Keywords: Circus; School Education; Curriculum; Transdisciplinary.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Objetivos da BNCC por área	40
Tabela 2: Proposta de ação transdisciplinar	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	19
1.1 A Escola Tradicional e a Alegria na Escola	19
1.2 Circo: caminhos possíveis	29
1.3 A BNCC do Ensino Médio: apresentação e críticas	38
1.3.1. As práticas circenses na BNCC	44
1.3.2 Transdisciplinaridade e BNCC: teoria e prática	50
2. METODOLOGIA E PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR	56
2.1 Instrumentos para a coleta de dados	56
2.2 Uma proposta de ação transdisciplinar	57
3. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	60
3.1 Análise e discussão das contribuições feitas pelas entrevistas	60
3.2 Planos de aula	63
3.3 Jogos de instrumentalização	101
Considerações Finais	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista	125
Apêndice 2: Transcrições entrevistas	126
Anexo 1: Quadros de jogos Duprat (2007)	168

INTRODUÇÃO

O circo é uma arte milenar, com origens muito antigas, as quais não conseguimos precisar exatamente. O registro visual mais remoto que temos data do ano 2040 A.C., o qual foi encontrado na tumba do líder egípcio Ben Hassani. Nessa pintura há mulheres jogando malabares (algo parecido com as bolas de malabares de hoje) e para alguns historiadores esse momento fazia parte de um ritual religioso. Sabe-se, também, que na Roma Antiga havia apresentações de cunho circense nas arenas, na época medieval podemos lembrar dos bobos da corte e dos saltimbancos e, assim, seguimos ao longo da história da humanidade tecendo o percurso do circo.

Hoje, quando pensamos em circo, evocamos a imagem da lona tradicional, na qual, muitas vezes, todos os artistas pertencem ao mesmo núcleo familiar. Dentro da família o conhecimento era propagado, desde o artístico, como jogar malabares, até o técnico-estrutural, de como estender a lona. Para ser artista circense o indivíduo tinha que nascer dentro desse núcleo ou se agregar a uma trupe/grupo e ao seu modo de vida. Os estudiosos nomeiam essa estrutura familiar de circo tradicional ou circo familiar (SILVA, 1996). Com o surgimento das escolas de circo, no final do século XX (SILVA, 1996), as atividades circenses se popularizaram e as pessoas começaram a procurar essa prática porque era lúdica e diferente, cujo objetivo não era tornar-se um artista, mas, sim, conhecer as potencialidades do seu próprio corpo. Nessas escolas, de forma geral, o foco é o desenvolvimento técnico e corporal, não o aprimoramento artístico e estético. Atualmente, as atividades circenses se fazem presentes em diversos ambientes, como academias, clubes, nas praças, nos semáforos, nas universidades, em festas, feiras e, também, em algumas escolas de ensino regular, onde tive o primeiro contato com essa arte.

Em 2014 conheci uma escola de circo na cidade onde resido e comecei a praticar tecido acrobático para, posteriormente, apaixonar-me pela lira e por todo o universo circense. Nessa época eu havia terminado minha Graduação em Letras e, logo em seguida, iniciaria os estudos no Mestrado em Educação Escolar. Assim, ingressei neste Programa de Pós-graduação com uma proposta de investigação sobre Literatura e sala de aula, uma continuação da minha pesquisa na Graduação, porém, uma curiosidade era latente e no início de 2019 decidi voltar a minha atenção e o foco do estudo para a área do circo. Posso

afirmar que a atividade circense mudou minha vida, em vários sentidos, ao me conectar novamente com as potencialidades do meu corpo, de lembrar o fazer acrobático (fui ginasta em São Paulo durante toda a minha infância e juventude, até ter uma lesão nos pés que me impediu de praticar qualquer esporte na época), dos amigos que conheci e muitos outros fatores. Vi naquilo que sempre gostei uma oportunidade, o que me levou a mudar completamente o foco da minha profissão e dos meus estudos. Em 2019 eu já exercia a docência e tinha muitas críticas às escolas de ensino tradicional. Foi assim que pensei sobre como seria ter a prática circense na escola e, nesse sentido, originou-se a minha pesquisa a respeito das atividades circenses na educação.

No contexto atual percebemos que as escolas de ensino tradicional estão muito preocupadas em formar alunos para adentrar no mercado de trabalho e/ou nas universidades, mas pouco se percebe nessas escolas uma formação humanizadora, que para além do ensino do conteúdo proporcione uma visão crítico-emancipatória da realidade, “[...] a campainha toca, os alunos se sentam e passam a escrever um sem-número de palavras, cuja significação não compreendem bem. Cujas significação está distante de sua vida cotidiana” (DUARTE, 2012, p. 24).

A visão transmitida pela escola tradicional é a de que o sujeito deve estar preparado para o mundo do trabalho e somente isso, perde-se a visão da realidade concreta em que se vive, já que nas escolas a transmissão dos saberes é determinada pela classe dominante. Não há espaço para a individualidade, pensa-se muito em padronização. Duarte (2012) afirma que esse tipo de ensino é constituído por um adestramento, e não educação; já Freire (1987), se refere a esse processo como modelo de educação bancária, na qual o professor – detentor de todo o conhecimento – deposita todo o seu saber no aluno, que é um mero receptor, instituindo-se, por consequência, uma hierarquização. A educação bancária sustenta uma ideologia que oprime os alunos, uma vez que o professor está no patamar de detentor do saber, em oposição ao aluno, que está em ignorância quase que absoluta. Essa relação de ensino-aprendizagem instaura o que Freire chama de ‘cultura do silêncio’, ou uma ação educacional antidialógica.

Vemos, então, o mesmo fenômeno do ensino-aprendizagem da escola tradicional ser abordado e denominado de diferentes formas, por diversos teóricos, como afirma Rubem Alves (2004), por exemplo, ao se referir a esse modelo de ensino como uma pinoquização cultural. Na escola tradicional percebemos a falta de atenção às artes do corpo e à criatividade (MARGONARI, 2001, 2006 e 2013), uma vez que estão muito focadas em conteúdo e não têm um olhar para o corpo do aluno e sua expressão

individual, aspectos importantes no desenvolvimento do adolescente e que acabam sendo negligenciados. Segundo Margonari, 2013:

[...] no âmbito educacional geral, a alegria e a criatividade parecem ser tolhidas nas escolas. Uma ênfase exagerada na transmissão, na memorização e na reprodução do conhecimento tem impedido os alunos de desenvolver e realizar seus verdadeiros potenciais para criar. Dentre os autores estudados, Redin (2002), Alves (1994), Wechsler (1993), Snyders (1993), Ford e Harris (1992), Kneller, (1978) e Eisner (1978), todos são unânimes em afirmar que a diminuição da alegria e da criatividade resultam da estrutura que as crianças encontram ao entrar na escola, onde aprendem a pensar convergentemente e a aceitar somente uma resposta como a certa, abolindo, assim, sua inclinação natural à criação e ao questionamento. (MARGONARI, 2013, p. 133).

Pensamos que a educação deveria levar em conta as vivências dos alunos e de seu contexto para transmitir os seus saberes, de forma horizontal. Deveria proporcionar uma visão cultural da sociedade, do contexto em que se encontram e de outros contextos socioculturais. Deveria, também, ensinar aos alunos como conviver em sociedade e serem agentes ativos de sua comunidade, com conhecimento de suas capacidades socioemocionais em vigor. Acreditamos que a escola consiga construir esse espaço não-opressor por meio do diálogo entre aluno-professor, com abertura para o afeto e o compartilhamento das emoções. Por meio de um ensino não tradicional em que se dê o devido valor à arte, quase sempre deixada em segundo plano nas escolas, pensamos que o ensino-aprendizagem pode ter as características citadas acima, já que essa permite um maior contato com os sentimentos e, dessa forma, abrange o processo de aprendizagem como um todo, não tendo foco só em sua dimensão simbólica, palavresca, verborrágica, como faz a escola tradicional.

Tendo em vista essa mecanização, propomos o trabalho com as atividades circenses, uma arte milenar, como ferramenta pedagógica para quebrar esses muros que a escola impõe sobre o corpo e o pensar. Utilizaremos, nesta pesquisa, os termos atividades circenses e práticas circenses para denominarmos a cultura corporal que advém dessa linguagem, de forma mais específica estaremos nos referindo ao malabarismo, ao equilibrismo e às acrobacias individuais e coletivas, visto que essas modalidades são de mais fácil implementação na escola. Gostaríamos de deixar claro que o objetivo da nossa proposta em utilizar das atividades circenses como ferramenta pedagógica no âmbito escolar não é o de formar artistas, mas, sim, de propiciar aos alunos um contato com a ludicidade, a técnica e a linguagem que a compõe. Apesar de as

atividades circenses não serem comumente aplicadas nas escolas, estão previstas – ainda que de forma escassa – na Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira (LDB, 1996), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), na BNCC (2017), ainda nos currículos oficiais para a Educação Física das cidades de São Paulo (2011) e Bauru (2016), entre outros. Acreditamos que a escassez de propostas ou professores que trabalhem com a prática circense nas escolas se dê por diversos motivos, tais como: a falta de sistematização do ensino das atividades circenses; a ausência das práticas circenses no currículo dos cursos de formação inicial dos docentes da área de Educação Física; a falta de estrutura física nas escolas, entre outros.

Uma vez que a presente pesquisa tem a sua parte prática voltada aos adolescentes do Ensino Médio, explicitaremos a definição do conceito de adolescência rapidamente. Abordaremos o conceito de adolescência por meio da visão de teóricos da Psicologia Histórico-cultural, como Vygotski, Elkonin e Leontiev. A Psicologia Histórico-cultural se dá no ensino-aprendizagem pela Pedagogia Histórico-crítica, que enxerga o ser humano como um ser social e estuda o indivíduo a partir de sua relação com a natureza (relação sujeito-objeto). Parte daí a periodização do desenvolvimento psíquico, que estuda o ser humano ao longo de épocas (primeira infância, infância e adolescência), que são divididas em dois períodos cada (primeiro ano, primeira infância; idade pré-escolar, idade escolar; adolescência inicial e adolescência). Em cada período temos uma atividade-guia/dominante:

A atividade dominante é aquela responsável pela formação e reorganização dos processos psíquicos centrais de um dado período do desenvolvimento. Isso significa que em cada período do desenvolvimento uma atividade diferente guia o desenvolvimento psíquico. A atividade guia ou dominante não apenas forma e reorganiza processos psíquicos, mas gera novos tipos de atividade; dela dependem as principais mudanças psicológicas que caracterizam o período (LEONTIEV, 2001 b). A partir da atividade dominante, surgem em cada período novas possibilidades de atividade para a criança. É justamente a mudança de atividade dominante ou atividade-guia que marca a transição a um novo período do desenvolvimento. (PASQUALINI; EIDT, 2016, p.103)

O motivo pelo qual as épocas são divididas em dois períodos é que “[...] a hipótese de Elkonin é que alguns períodos do desenvolvimento se relacionam mais diretamente à esfera afetivo-emocional, [...] ao passo que outros relacionam-se mais diretamente à esfera intelectual-cognitiva” (PASQUALINI, EIDT, 2016, p. 108). O primeiro momento

terá o foco na relação criança-adulto social, enquanto no segundo momento prevalece a relação criança-objeto social. O conceito de crise diz respeito a um momento de reorganização das relações “[...] é o momento da revolução, em que mudanças bruscas se processam em um curto período de tempo, como resultado das contradições vivenciadas pela criança, produzindo uma reorganização do psiquismo” (PASQUALINI, EIDT, 2016, p. 109). É um momento de grande tensão, por parte da criança e/ou adolescente que deseja realizar o movimento de superação – ainda que com temor de adentrar em um universo desconhecido – ao mesmo tempo em que os adultos mobilizam forças para manter essa criança/adolescente no mesmo lugar no sistema de relações sociais.

Quando falamos sobre a adolescência há que se considerar o processo histórico e social que a constitui. Segundo Anjos (2013), ela surge em consequência de um determinado grau, historicamente alcançado, de complexidade da vida social. Até o século XVIII, o indivíduo passava da condição de criança para a de adulto, sem necessariamente passar pela adolescência, uma vez que as crianças começavam a trabalhar por volta dos 7 anos. Com a industrialização, no século XIX, a tecnologia exigiu capacitação profissional e o estudo passou a ser importante, ainda que na época a escolarização somente fosse acessível para a classe média e alta. Prolongou-se, então, o tempo que a criança passava na escola e, como consequência, os adolescentes teriam se distanciado dos pais e formado o seu próprio grupo. Sendo, então, a juventude um momento de grandes rupturas definitivas, velhos interesses da infância vão desaparecendo e outros vão surgindo. Nesse sentido, a postura esperada dos adolescentes frente à sociedade é mais exigente e, por ser uma fase de transição, trata-se de um processo longo, sensível e dolorido. É um período no qual o indivíduo passa a pensar por conceitos “[...] acrescenta [Vygotski] que somente pelo pensamento por conceitos é que a ciência, a arte e demais produções sociais poderão ser apropriadas de forma aprofundada” (ANJOS, 2013. p. 18). Existem dois tipos de conceitos, os cotidianos e os científicos, sendo que os primeiros são formados na prática cotidiana, enquanto que os últimos se desenvolvem a partir do ensino escolar. Anjos (2013) afirma que na adolescência ocorre o auge formativo da construção da individualidade, como, por exemplo, a autoconsciência, a formação de conceitos, a visão de mundo, e a estabilização dos traços da personalidade. Essas mudanças são processuais e nesse período há um salto qualitativo:

A ciência, a arte e demais esferas de objetivações genéricas para-si, poderão ser apropriadas de forma aprofundada somente por meio dos

conceitos, ou seja, somente a partir da adolescência (VYGOTSKI, 1996, p. 64). Tais objetivações são necessárias para o desenvolvimento psicológico do adolescente, para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e para a formação de uma individualidade parasi. (ANJOS, 2013, p. 20)

Portanto, a adolescência é um momento de virada, é a época do desenvolvimento humano na qual se efetiva o aspecto interno da personalidade. A partir da dominação dos símbolos e signos (linguagens, numeração, obras de arte, escrita, desenhos etc.) as funções psíquicas tornam-se superiores, ou seja, são incorporadas, “[...] a apropriação do conteúdo cultural promove o desenvolvimento de neoformações que possibilitarão ao indivíduo a apropriar-se de novos conteúdos” (ANJOS, 2017, p. 104). A atividade dominante da adolescência inicial é a comunicação íntima pessoal, isto é, é nesse período que o indivíduo atinge o auge de formação de sua personalidade, resultado de um processo longo que vem de dentro para fora, é um momento de descoberta do próprio ‘eu’, e como esse ‘eu’ se relaciona com a sociedade que o cerca. Nesse ponto, Elkonin afirma que há o “código de companheirismo”, no qual os adolescentes reproduzem o sistema das relações existentes entre os adultos, enquanto nesse período a atividade-guia é a do estudo, com o intuito de ingressar no mercado de trabalho. Para “[...] Bock (2004, p. 41) a adolescência refere-se, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico”. (BOCK, 2004 *apud* ANJOS, 2013, p.16).

Pensamos ser interessante a explicação acima para justificar o porquê da nossa escolha em trabalhar com adolescentes. Acreditamos que a prática circense aliada a um projeto transdisciplinar possibilita um desenvolvimento amplificado no adolescente em como pensar o próprio corpo e o seu lugar na sociedade, a atividade guia desse período. Sabemos dos benefícios físicos das atividades circenses no que envolve as habilidades motoras (BELTRAME *et al*, 2016; REBUTINI, 2010) mas, para além disso, há pesquisas recentes que demonstram a contribuição das atividades circenses no desenvolvimento psíquico e social, como afirmam BORTOLETO; BARRAGÁN; SILVA, (2016), DUPRAT (2007) e BARRIA (2006). Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo a elaboração de um projeto transdisciplinar para o Ensino Médio, composto por planos de aula de cada disciplina (baseado nas competências e habilidades da BNCC), no qual as atividades circenses serão utilizadas como ferramenta pedagógica.

A BNCC (2017), Base Nacional Comum Curricular, é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais**” (BRASIL, 2017, p. 7, grifo do autor), e atualmente é o documento sob o qual as escolas organizam seu currículo. Percebemos que a versão mais recente da BNCC tem como intuito dar uma roupagem nova à educação, trazendo temas contemporâneos e discutindo a interdisciplinaridade, assim como a transdisciplinaridade. Porém, apesar de ser um documento cuja escrita tenha sido muito influenciada por forças políticas e que traz algumas incoerências, ainda assim trabalharemos com ele, por ser o documento de caráter obrigatório nas escolas, pensando que dentro do que é proposto possamos trazer à tona práticas que enriqueçam a experiência dos discentes e docentes.

Espera-se contribuir, a partir da proposta e dos planos de aula, para que docentes utilizem as práticas circenses em âmbito escolar. Assim, o projeto apresentado nesta dissertação é transdisciplinar e visa o ensino-aprendizagem de forma integradora. Porém, sabemos das dificuldades de se implantar uma proposta transdisciplinar nas escolas, para que os participantes desenvolvam múltiplas linguagens (artística, escrita, oral, corporal, motora etc.), assim como a criatividade e a expressão corporal. Espera-se potencializar, também, por meio do estímulo ao pensamento analítico-crítico, o reconhecimento do espaço em que se encontram e o autoconhecimento de seus saberes, identidades e culturas.

Para tanto, esta pesquisa apresenta-se estruturada em três sessões.

Na Introdução analisamos o panorama e contexto geral das motivações da investigação, assim como trazemos a hipótese, os objetivos gerais e específicos deste estudo.

Na primeira seção apresentamos o referencial teórico que norteou a pesquisa, explicitando o incômodo com a escola de ensino tradicional, onde não há espaço para expressão, liberdade criativa e individualidade, já que as escolas têm focado, de modo mecanizado, nos conteúdos disciplinares. Em contraposição ao ensino tradicional, apresentamos a Escola da Ponte e o Projeto Âncora, pois ambos contam com um ensino humanizado, crítico-emancipatório, com o foco no aluno e na sua aprendizagem integral. No segundo item apontamos os caminhos possíveis que o circo pode seguir para adentrar o âmbito escolar e os benefícios dessa escolha. O terceiro item versa sobre a BNCC do Ensino Médio e as controvérsias sobre sua escrita. No primeiro subitem analisamos como a atividade circense é tratada na BNCC, para no segundo subitem discorrermos sobre o conceito de transdisciplinaridade e, também, como essa é inserida no documento.

Na segunda seção apresentamos nosso viés metodológico, pois trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de um estudo de caso. O procedimento para a coleta de dados, referente aos planos de aula, foi feito a partir de entrevistas com docentes especialistas de cada área. O instrumento de geração de dados foi a gravação de videochamadas das entrevistas. A presente pesquisa passou por aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Campus de Araraquara. Ao final desta sessão apresentaremos a proposta transdisciplinar.

Na terceira seção trazemos a Apresentação, a análise e a discussão de dados e os resultados da pesquisa de estudo de caso, revelaremos os planos de aula e algumas fichas de instrumentalização das atividades circenses, seguidos das Considerações Finais deste trabalho.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A Escola Tradicional e a Alegria na Escola

- O que ensinam para você na escola, Hans-Thomas?
- perguntou meu pai
- A ficar sentado na carteira sem perguntar nada - respondi. – E está aí uma coisa tão difícil que a gente precisa de anos para aprender. (GAARDER, 1996, p. 63)

A escola tradicional data do século XIX. Saviani (2000, p. 54) versa sobre o método tradicional de ensino e de sua origem após a Revolução Industrial:

Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade.

Percebe-se que o método tradicional de ensino nasce de uma mudança social, na qual os burgueses se consolidam como classe. Por ser um período de novas tecnologias e novas oportunidades, a escola torna-se ‘universal, gratuita e obrigatória, como um instrumento de consolidação da ordem democrática’ (SAVIANI, 2000, p. 54). A burguesia passa de classe dominada a classe dominante e, como diz Freire, quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor.

Após a Revolução Industrial a escola se originou com o papel de difundir e transmitir os conhecimentos acumulados e sistematizados pela humanidade, pois acreditava-se que os indivíduos eram livres e esclarecidos por terem passado por ela, e os que não, eram marginalizados. Tinha-se a crença de que a escola era a responsável por equalizar a sociedade, no entanto, houve uma crescente decepção com a instituição, por não ser acessível a todos, sendo que os que eram alunos nem sempre eram bem-sucedidos. Desde então, começa-se a pensar em outros métodos de ensino, pensava-se que se a escola não cumpria a função de (des)marginalizar é porque esse tipo de ensino (tradicional) não era adequado. Para a classe dominante, a falta de domínio cultural das classes populares – por consequência da padronização da educação – era favorável à manutenção da ordem social vigente.

Nossas escolas são construídas segundo o modelo das linhas de montagem. Escolas são fábricas organizadas para a produção de unidade biopsicológicas móveis, portadoras de conhecimento e habilidades. Esses conhecimentos e habilidades são definidos exteriormente por agências governamentais a que se conferiu autoridade para isso. Os modelos estabelecidos por tais agências são obrigatórios, e têm a força de leis. Unidades biopsicológicas móveis que não estejam de acordo com tais modelos são descartadas. É sua igualdade que atesta a qualidade do processo. Não havendo passado no teste de qualidade-igualdade, elas não recebem os certificados de excelência ISO-12.000, vulgarmente denominados diplomas. As unidades biopsicológicas móveis são aquilo que vulgarmente recebe o nome de “alunos” (ALVES, 2004, p. 26)

A crítica de Rubem Alves (2004), em conjunto com o processo de formação das escolas de ensino tradicional, evidencia a mecanização anteriormente mencionada e a falta de espaço para a individualidade, a criatividade e o pensamento crítico por parte dos alunos, o que é de total interesse à burguesia: “As escolas seguem repetindo um modelo que tem 300 anos de existência. Mudanças foram feitas, certamente. Mas os alunos continuam sendo tratados como ‘pessoas que sabem menos’” (PACHECO, 2018, p. 117)

Como classe dominante, a burguesia detinha o poder sobre o conteúdo a ser transmitido e, podendo ditar os saberes, ela continua dominando as camadas populares, tornando-as excluídas dos conhecimentos valorizados, já que “[...] dominar o que os dominadores dominam é condição de libertação” (SAVIANI, 2000, p. 55)

Saviani (2000) afirma que a escola é determinada socialmente, pois, desde o surgimento da pedagogia de ensino tradicional continuamos sob as mesmas bases do sistema capitalista. Dessa maneira, ainda hoje convivemos com uma educação pautada nessa pedagogia. Atualmente, há diversas novas formas de ensino sendo desenvolvidas e aplicadas, porém, a maioria das escolas e as públicas, principalmente, seguem ainda a metodologia tradicional de ensino. Nesse sentido, o objetivo da nossa pesquisa não é realizar um percurso histórico sobre as novas metodologias de ensino, nosso foco de crítica é o método tradicional de ensino, utilizado por muitas escolas.

Acreditamos que o uso da palavra “disciplina”, na escola tradicional, tem dois significados, um deles relacionado aos valores culturais e históricos a serem transmitidos e o outro – de grande importância para esse tipo de ensino – é a ação do aluno de ficar sentado em sua cadeira, em silêncio, “sossegado”. Segundo Duarte (2012):

[...] a campanha toca, os alunos se sentam e passam a escrever um sem-número de palavras, cuja significação não compreendem bem. Cuja

significação está distante de sua vida cotidiana. As palavras deixam de ser símbolos, representando conceitos, para se tornarem quase que mero *sinais*. (DUARTE, 2012, p. 34)

Vemos uma escola muito focada em transmitir os conteúdos e pouco preocupada com o ser social que está ali dentro de suas paredes:

Hoje, vivemos (diz-se) numa sociedade democrática onde se defendem (diz-se) valores democráticos. Fala-se em liberdade, solidariedade, igualdade, fraternidade, verdade... No entanto, a capacidade de pensar, imaginar, inovar, expressar é constantemente inibida, agredida, recalçada. Podemos dizer que muitas crianças são inibidas de pensar o que lhes “apetece”. Quanto mais pensamentos “atrevidos” tiverem, mais ferozmente serão censuradas. Muitas crianças são coagidas a produzir o que é “normal produzir-se”.

[...] Repetem-se todos os dias, como se a escola fosse um palco cheio de personagens. O professor encena, dirige, organiza. Os alunos representam. (ALVES, 2004, p. 51)

Alguns teóricos dissertam sobre o ensino tradicional e, apesar de criticarem aspectos semelhantes, colocam nomes diferentes para suas teorias, como, por exemplo, Freire (1994) que diz que “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (p. 33), criando o que o autor chama de ‘concepção bancária de educação’. Rubem Alves (2004) fala do fenômeno da pinoquização, “a estória do menino de carne e osso e alma de gente ao qual a escola transforma num adulto de madeira, rígido e triste como Pinóquio” (p. 69). Vemos, portanto, uma rigidez das posições, nas quais o educador é aquele que sabe e detém todo o conhecimento, enquanto o educando é um ser passivo, com um espaço vazio esperando para ser preenchido, desse modo se “nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 1994, p. 34).

Como podemos pensar que as escolas (dissertamos aqui sobre as escolas de ensino tradicional) se encarregam de formar agentes críticos, participativos da sociedade, quando na realidade concreta a educação só é pensada e padronizada em conceitos e não leva em conta o contexto social do aluno? José Pacheco afirma:

E tomamos consciência de que não passa de um grave equívoco a ideia de que se poderá construir uma sociedade de indivíduos personalizados, participantes e democráticos enquanto a escolaridade for concebida como um mero adestramento cognitivo (PACHECO, 2004, p. 65).

Os alunos têm que adentrar a escola despidos de emoções para que tenham o “melhor funcionamento” dentro da sala de aula, para que não tenham distração do que realmente importa, que é saber o conteúdo. Muitas vezes esse “saber” se dá por meio de “decorebas”, que logo depois serão esquecidas, já que muitas vezes não são aplicadas na realidade e não se faz uma tentativa de fazer um paralelo com o cotidiano do aluno. Em quantas escolas e cursinhos pré-vestibulares vemos os professores e estudantes criando músicas, rimas e formas de decorar os conceitos? A escola tradicional direciona o aluno para um futuro de sucesso no mercado de trabalho, porém não se atenta ao presente, aos sentimentos, à socialização, à formação da psiquê. Não há abertura para expressar o que se acha e o que se pensa, as repostas estão sempre prontas.

Hiperatrofiando a razão gera-se, dialeticamente, um profundo irracionalismo, na medida em que os valores e emoções não possuem canais para serem expressos e se desenvolverem. Assim, a dança, a festa, a arte, o ritual, são afastados de nosso cotidiano, que vai sendo preenchido apenas com trabalho utilitário, não criativo, alienante. A forma de expressão das emoções torna-se a violência, o ódio, a ira – somente a violência pode fazer vibrar nossos nervos, enrijecidos pelo trabalho sem sentido (DUARTE, 2012, p. 64)

A educação escolar tem um papel importante na mediação entre os conceitos cotidianos (que aprendemos no dia a dia) e os conceitos científicos/por conceitos (que acontece por meio do ensino-aprendizagem), “[...] acrescenta [Vygotski] que somente pelo pensamento por conceitos é que a ciência, a arte e demais produções sociais poderão ser apropriadas de forma aprofundada” (ANJOS, 2013, p. 18). Tudo o que não pensamos ser necessário ou importante à nossa essência é descartado, esquecido, por isso é necessária uma educação que aproxime os conceitos científicos da realidade vivida do aluno. É por meio desse pensamento por conceitos que a personalidade e a concepção do mundo se desenvolvem no educando. Não podemos pensar que há um abismo entre a cultura popular e o conhecimento científico, nem mesmo pode-se negar uma em detrimento do outro, é preciso trabalhar de uma forma dialética, na qual haja uma continuidade entre os conhecimentos.

Anjos (2017) também reitera o papel da arte na mediação e internalização do conhecimento científico, pois “[...] a apropriação do conteúdo cultural promove o desenvolvimento de neoformações que possibilitarão o indivíduo a apropriar-se de novos conteúdos” (ANJOS, 2017, p. 104). A arte, por várias vezes, é negligenciada na escola, é colocada em segundo plano.

De todas essas lembranças é provável que chegássemos a uma conclusão: as aulas de arte serviam mesmo é para divertir, para aliviar a tensão provocada por todos aqueles outros professores sisudos e suas exigências intermináveis. Hoje, como médicos, engenheiros, psicólogos ou economistas, não veríamos nenhuma ‘utilidade’ naquelas atividades, além da diversão. Jamais aquelas aulas poderiam ter cumprido outra finalidade, jamais elas poderiam fazer de ‘nós’ um ‘doutor’ mais eficiente [...], mas será que não poderiam mesmo? (DUARTE, 2012, p. 10)

Esse trecho de Duarte revela uma ideia recorrente no âmbito escolar, de que a arte não tem valor prático para o aprendizado que as escolas almejam, pois, essas aulas são vistas como um momento de relaxamento e, muitas vezes, como perda de tempo. Isso decorre do fato de que as escolas tradicionais não se atentam ou não se propõem a ter um olhar mais cuidadoso acerca do papel formativo da arte na educação. No que se refere ao fazer artístico, essas aulas ainda deixam a desejar, reduzindo-se, muitas vezes, à pintura, sendo que no mundo das artes temos uma variedade muito grande de formas de expressão, tais como o teatro, a dança, a música, o circo, o audiovisual, etc.

O papel educativo da arte, portanto, é provocar um salto qualitativo do em si ao para si, o salto da experiência cotidiana à experiência não cotidiana [...] O indivíduo por meio da obra de arte, pode reviver tramas humanas vividas num tempo e espaço muito distantes, como se fossem parte de sua própria história. [...] A arte, portanto, liga o percurso da vida individual ao percurso histórico da humanidade (ANJOS, 2017, p. 29)

Nas escolas cujo ensino ocorre de forma tradicional, a movimentação e expressão do corpo não são incentivadas, pelo contrário, são evitadas. Espera-se que o aluno fique sentado em sua cadeira por um período de mais de cinco horas e, como forma de recompensa para esse corpo domesticado, há os intervalos, as aulas de Arte e de Educação Física.

Educar os sentimentos, as emoções, não significa reprimi-los para que se mostrem apenas naqueles (poucos) momentos em que nosso ‘mundo de negócios’ lhes permite. Antes, significa estimulá-los a se expressar, a vibrar diante de Símbolos que lhes sejam significativos. Conhecer as próprias emoções e ver nelas os fundamentos de nosso próprio ‘eu’ é a tarefa básica que toda escola deveria propor, se elas não estivessem voltadas somente para a preparação de mão de obra para a sociedade industrial. (DUARTE, 2012, p. 67)

O aluno fica em sua cadeira, fazendo seus exercícios, escrevendo em seu caderno, tudo de forma solitária, não havendo contato e interação entre os pares. Quando, esporadicamente, é feita alguma atividade em grupo, os educadores demonstram dificuldade em aplicá-las, e os alunos dificuldade em realizá-las. É ulterior ao indivíduo o sentimento de pertencimento e aceitação em grupos e comunidades, disso decorre um senso de agir e partilhar com os outros. Se na sala de aula não há espaço para esse compartilhamento, para uma vivência com o grupo, como a escola poderá formar um indivíduo humanizado e participativo que atue para o bem coletivo?

O civismo não se ensina e não se aprende – simplesmente (como diria o publicitário Fernando Pessoa) “entranha-se”, isto é, organiza-se e pratica-se no dia a dia, de uma forma permanente, consistente e coerente. E é da prática do civismo que resultam a aprendizagem e a consciência da cidadania (ALVES, 2004, p. 10/11)

Ambientes escolares em que haja espaço para troca, empatia, comunicação, são ambientes que favorecem a aprendizagem em aspectos afetivos e cognitivos, “[...] é neles que as crianças, de fato, sentem-se muito mais seguras, disponíveis e motivadas para aprender e, [...] para aprender umas com as outras e não apenas com os adultos [...]” (ALVES, 2004, p. 10).

Ao falarmos sobre a escola, poucas vezes vem à nossa cabeça a palavra ‘alegria’. Snyders (1993) discorre a esse respeito, pois, para ele, a escola “[...] já contém elementos válidos de alegria. Ela não é oposta à alegria, esse sentimento já é possível na escola atual, o que torna ainda mais lamentável que ela não esteja entre seus objetivos primordiais” (SNYDERS, 1993, p. 12). O autor defende que o problema não está no como se ensina, mas, sim, no que se ensina e para que se ensina. A partir desse pensamento, tira-se a alegria do âmbito escolar. A alegria é um conceito referente ao sentir, de buscar autonomia, das descobertas, da autossuperação, do desenvolvimento das potencialidades e, também, das inseguranças, dos medos e das incertezas, das satisfações que a cultura, a obra-prima e a ciência podem despertar no aprendiz. Essa alegria é retirada do aluno por meio do rigor imposto na escola, da presença do obrigatório e o deferido, a preparação para o futuro.

A fim de endireitar o bastão turvo curvando-o em sentido contrário, façamos doravante silêncio sobre a escola como preparadora do futuro. [...] Eu gostaria de uma escola onde a criança não tivesse que saltar as alegrias da infância, apressando-se, em fatos e pensamentos, rumo à

idade adulta, mas onde pudesse apreciar em sua especificidade os diferentes momentos de suas idades. (SNYDERS, 1993, p. 29)

Mas, então, que tipo de ensino se oporia a esse ensino tradicional?

1.1.2 Um exemplo: a Escola da Ponte

Falemos, antes, de espaços de aprendizagem, de espaços de convivência reflexiva, de que as escolas carecem. Reflitamos sobre competências-chaves do século XXI: interagir em grupos heterogêneos da sociedade, agir com autonomia, usar ferramentas interativamente, competências que, dificilmente, o modelo de ensino convencional reproduzido em “sala de aula” logra desenvolver. (PACHECO, 2018, p. 39)

A Escola da Ponte situa-se em São Tomé de Negrelos, no distrito de Porto, em Portugal. A escola surge em 1976 com a liderança de José Pacheco, baseada na pedagogia desenvolvida pelo francês Célestin Freinet, integrando o Movimento da Escola Moderna (MEM), uma associação de professores e profissionais da educação, que tem como base o método natural de aprendizagem de Freinet. José Pacheco é português, formado em Ciências da Educação, fundador da Escola da Ponte e indutor de diversos projetos para uma nova educação.

Mas no que a Escola da Ponte e seu método de ensino se diferenciam da Escola e do ensino tradicional? A Escola da Ponte não segue o sistema de nivelamento tradicionalmente utilizado – que é baseado em seriação ou ciclos – ou seja, não existem turmas, nem salas de aula, os alunos são agrupados de acordo com suas áreas de interesse. Rubem Alves (2004) já afirmava: “[...] A Ponte é, desde logo, uma comunidade profundamente democrática e autorregulada.” (p. 10). Autorregulada quando: os alunos têm a liberdade de escolher sua área de interesse e desenvolver os projetos, em grupos e individualmente; quando ocorrem as Assembleias com a participação de todos os alunos, inclusive a mesa sendo composta por eles, esses encontros ocorrem todas as sextas e obedecem uma convocatória, tendo uma ata ao final de toda assembleia; quando os próprios alunos escrevem ao início do ano a lista dos seus Direitos e Deveres, “[...] que é aprovada em Assembleia, no início de cada ano letivo. Constitui-se como um código de conduta para todos os elementos da comunidade educativa.”¹ quando são imbuídos de

¹ Citação do documento **Dispositivos Pedagógicos**, do site oficial da Escola da Ponte. Disponível em <https://www.escoladaponte.pt/wp-content/uploads/2021/04/Dispositivos-Pedag%c3%b3gicos.pdf>

responsabilidade para anotar suas próprias faltas e atrasos no “Mapa de presença” e de avaliar a si mesmos no “Eu já sei”. Podemos perceber nesses momentos, que o que a escola chama de “dispositivos pedagógicos” são os três fatores – nos quais a Escola da Ponte é baseada – sendo exercidos: a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade, como Rubem Alves (2004) afirma “é uma práxis de educação na cidadania” (p.10) e não “para a cidadania”.

Existe na Escola da Ponte, uma “reformulação (absolutamente radical) dos papéis do “professor” e do “aluno”, como membros de uma comunidade educativa.” (ALVES, 2004, p.12). Sobre o papel do professor na Ponte, Rubem Alves apresenta uma metáfora deveras interessante:

O mestre-artesão não determinava como deveria ser o objeto a ser produzido pelo aprendiz. Os aprendizes, todos juntos, iam fazendo cada um a sua coisa. Eles não tinham de reproduzir um objeto ideal escolhido pelo mestre. O mestre estava a serviço dos aprendizes e não os aprendizes a serviço do mestre. O mestre ficava andando pela oficina, dando uma sugestão aqui, outra ali, mostrando o que não ficara bem, mostrando o que fazer para ficar melhor (modelo maravilhoso de "avaliação"). Trabalho duro, fazer e refazer. Mas os aprendizes trabalham sem que seja preciso que alguém lhes diga que devem trabalhar. (ALVES, 2004, p. 26)

Portanto, na Escola da Ponte os professores não atuam da forma como aprendemos nas escolas de ensino tradicional, entrando em uma sala de aula e explanando acerca de um tema. Os professores são designados por áreas, nos pavilhões da humanística, das ciências, e o da Educação Artística e Tecnológica. Há os encontros que são requeridos pelos alunos, as “aulas diretas”, nas quais o docente os guia pelas suas questões. Os educadores, de diversas áreas, acompanham, orientam e avaliam as atividades realizadas pelos alunos. Chamamos a atenção ao Projeto Educativo da Escola da Ponte, nos itens 25 e 27:

25- Urge clarificar o papel do profissional de educação na Escola, quer enquanto orientador educativo, quer enquanto promotor e recurso de aprendizagem; na base desta clarificação, supõe-se a necessidade de abandonar criticamente conceitos que o pensamento pedagógico e a práxis da Escola tornaram obsoletos, de que é exemplo o conceito de docência, e designações (como a de educador de infância ou professor) que expressam mal a natureza e a complexidade das funções reconhecidas aos orientadores educativos.

27- O orientador educativo não pode ser mais entendido como um prático da docência, ou seja, um profissional enredado numa lógica

instrutiva centrada em práticas tradicionais de ensino, que dirige o acesso dos alunos a um conhecimento codificado e predeterminado.²

Para além das responsabilidades dos professores e dos alunos, sempre surge a curiosidade acerca de como o currículo é trabalhado na Escola da Ponte, na qual vemos que as crianças não são obrigadas a aprender em sua função. Em uma de suas crônicas, Alves (2004) narra que na sua visita o tema “quente” era a descoberta do Brasil, e que um dos alunos se interessou por estudar as caravelas, que não estão nos currículos e programas. Em seguida, o autor demonstra como o estudo das caravelas pode levar o aluno a assuntos de Física, como centro da gravidade, à bússola, perpassando pelos mapas e oceanos, visitando a história sobre a influência de Veneza sobre a tecnologia, entre outros. Quando me debrucei a estudar a Escola da Ponte uma fala de uma entrevista com José Pacheco sempre ressoou na minha cabeça:

Uma menina chega, e eu pergunto ‘o que queres fazer?’ ‘Nada.’ ‘O que queres saber?’ ‘Nada. Você não é meu pai, não pode me obrigar, deixe-me ir embora’. ‘O que queres ser?’ Não é quando for grande, o que queres ser agora. Perguntar quando for grande é um insulto para uma criança. Ela é, não vai ser. E ela disse ‘Eu quero ser rapper’. Fiz um projeto de vida com ela. Um currículo de subjetividade onde ela aprendeu tudo o que está na Base. E aos 13 anos foi abrir os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro ao lado da Karol Conká: Mc Soffia.³

Mc Soffia ficou conhecida por seu clipe e música “Menina pretinha”⁴, lançados em 2016, com uma letra que expõe o racismo e questionando o uso de palavras como “exótica” para se referir a meninas negras como ela, assim como o fato de não existirem bonecas negras. Mas, como José Pacheco, educador português, entrou em contato com Soffia? Em 23 de setembro de 1995, Walter Steurer e Regina Machado Steurer criaram o Projeto Âncora, que tinha como objetivo “ser um espaço de aprendizagem, prática e de multiplicação da cidadania”⁵. Ao longo dos anos, algumas mudanças foram feitas, de acordo com as necessidades educacionais do espaço, e em 2011, movidos pelo

² Citação do documento **Projeto Educativo**, do site oficial da Escola da Ponte. Disponível em <https://www.escoladaponte.pt/wp-content/uploads/2021/04/Projeto-Educativo.pdf>

³ Citação retirada da reportagem **A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco**. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/18295/a-finlandia-e-a-base-nacional-nao-servem-para-nada-diz-jose-pacheco>

⁴ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1Wko&ab_channel=MCSoffia

⁵ Citação retirada do site oficial do Projeto Âncora, disponível em <https://www.projetoancora.org.br/historia>

falecimento de um dos fundadores, abre-se uma escola formal, com a ajuda de José Pacheco.

O Projeto Âncora, localizado em Cotia, no Estado de São Paulo, foi inspirado na Escola da Ponte, porém foi se adaptando à realidade que encontrou e também se utilizou de fontes brasileiras como Paulo Freire.

O Projeto Âncora vem se consolidando como pioneiro de um trabalho de assistência social, que, aliado à educação, fornece às crianças e jovens e suas comunidades as ferramentas necessárias para acabarem com o círculo vicioso da pobreza e contribuírem para uma sociedade mais íntegra, justa e sustentável.⁶

No Brasil, a escola vem sendo considerada referência por utilizar práticas inovadoras e semelhantes à Escola da Ponte. A escola do Projeto Âncora se diferencia por sua prática pedagógica, seu funcionamento e sua estrutura e o que mais chama a atenção, o seu espaço físico, em um local amplo com acesso à natureza e com uma lona de circo ao centro – algo muito simbólico para esta pesquisa. Assim como na Escola da Ponte, o Projeto Âncora inverte a lógica tradicional da educação, no projeto os alunos, seus interesses e suas necessidades são o ponto de partida. Em momentos pandêmicos que estamos vivendo, vemos o Projeto Âncora com dificuldades de atender aos alunos e de continuar em pé para um futuro em que as crianças possam retornar às escolas.

Existe, no Brasil, o Projeto Âncora e algumas outras escolas que tentam usar de outras metodologias que não as tradicionais (Escola Oficina Pindorama, Comunidade de Aprendizagem do Paranoá, entre outras), porém sabemos da realidade da maioria das escolas brasileiras, em que se luta contra a falta de investimento e a imposição do cumprimento de um currículo nacional obrigatório extenso. Pacheco afirmou em palestra na UnB: “Encontrei no Brasil as melhores propostas educacionais do mundo. Em nenhum outro lugar do mundo vi uma produção acadêmica de tanta qualidade. Mas também encontrei aqui muita miséria. É um país de contradições”⁷

Nos cabe afirmar que a proposta apresentada neste projeto não tem intenção alguma de dialogar com o ensino tradicional, pelo contrário, propomos uma prática integrativa do ensino baseada nas pedagogias de Freire, Vygotsky e outros tanto autores,

⁶ Citação retirada do site oficial do Projeto Âncora, disponível em <https://www.projetoancora.org.br/historia>

⁷ Citação retirada da reportagem **Educador José Pacheco aponta caminhos para transformar a educação no país**. Disponível em <https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/1725-educador-jose-pacheco-aponta-caminhos-para-transformar-a-educacao-no-pais>

ainda assim baseada na BNCC que é o documento norteador do currículo. Propomos a criação de um espaço onde haja liberdade (de expressão do corpo e de opinião), de sociabilidade, de autonomia, de uma visão crítica – espaço esse tão necessário nas escolas atualmente –, e tangível por meio das atividades circenses e suas múltiplas linguagens e possibilidades. Eisner afirma que a prática circense, “[...] propicia a autoexpressão criadora, a solução criadora de problemas, a cultura visual, a disciplina, a preparação para o trabalho, o desenvolvimento cognitivo, além de potencializar a *performance* acadêmica” (EISNER, 2002 *apud* MACEDO, 2008, p. 120).

No subitem seguinte abordaremos os caminhos possíveis da atividade circense no âmbito escolar.

1.2 Circo: caminhos possíveis

Refletindo sobre essas questões, pensamos que por meio dessa paulatina perda de contato com nós mesmos, com nosso corpo e com as artes, ante a falta de experiências sensoriais, de experiências estéticas e corporais, estamos perdendo uma parte importante do que a educação significa, e estaremos caminhando em direção a uma educação desumanizada que promove ainda mais a dessensibilização das pessoas? (ONTAÑON, 2012, p. 23)

Anteriormente, quando criticamos as escolas que se baseiam na forma de ensino tradicional, pontuamos também a questão das aulas de artes e a visão que se tem do corpo dentro dos muros das instituições educacionais. Pode-se pensar, aqui, que idealizamos um ensino utópico, quando, na verdade, só pensamos em um ensino mais humanizado. Acreditamos em uma educação humanizadora, sustentável, que se oponha a esse modo bancário ou ‘pinoquizador’ de ensino-aprendizagem. Desejamos uma escola que, para além de conteúdos, ensine a viver. Viver com os pares, com pessoas de outras idades e diferentes competências, que ensine a sentir e se sensibilizar, assim como, buscar soluções para os problemas aparentes, ter um olhar crítico e de criação. O que nos aflige é que as escolas pensam num futuro cidadão-trabalhador-máquina, e não em um ser humano adulto e sociável.

Propomos as atividades circenses a serem trabalhadas de forma transdisciplinar, para que o corpo do aluno não seja livre só na quadra de futebol. A cultura corporal que advém – dentro da escola – da Educação Física é muito ampla. Para além dos esportes e

da aptidão física, o nosso corpo pode ser acrobático, mas, também, artístico, pode, por meio de movimentos simples ou complexos, se expressar. É de grande importância que exploremos os significados e as potências que o nosso corpo é capaz de produzir, que o aluno perceba seu potencial criador. Vamos discutir essa aproximação das potencialidades pedagógicas da atividade circense em diálogo com as habilidades presentes na BNCC, de forma transdisciplinar, respeitando os nossos corpos, nossas diferenças, desafiando os alunos a buscarem mais conhecimento, desenvolvendo uma educação corporal, estética e artística (ONTAÑÓN, 2016).

A abertura das atividades circenses para outros âmbitos se iniciou em meados dos anos de 1970 (JACOB, 1992), quando foram inauguradas as escolas de circo, ampliando os espaços e o alcance da atividade circense. Quando estudamos a história do circo, muitos teóricos dizem que esse foi o momento em que se inaugurou o ‘circo novo’ ou ‘circo contemporâneo’, em oposição ao ‘circo tradicional’ ou ‘circo família’. Esse novo termo surge das novas formas de se fazer circo, do lado de fora da lona. Há um debate muito extenso sobre essa denominação dicotômica entre circo tradicional e circo novo, mas, apesar desse debate ser de extrema importância, não nos aprofundaremos aqui, já que não é o nosso objetivo principal. É importante saber que foi nesse momento que outras artes como a dança, teatro e outras áreas do conhecimento se voltaram para o circo, com novos olhares. Atualmente, podemos ver aproximações de campos distintos, como História (Silvia, 1996), Artes Cênicas, Pedagogia (Sánchez *et al*, 2018), Arquitetura, Matemática (Garcia *et al*, 2016), Sociologia, Geografia (Ávila, 2008), Educação Física (Tucunduva, 2019), entre outros.

Há aproximadamente 50 anos teve-se um novo olhar para as atividades circenses, porém a inserção do circo na escola é um movimento recente, pelo menos no Brasil. A implantação das atividades circenses nas escolas vem acontecendo em diversos países, como afirma Melo (2020)

Esse movimento educativo tem sido observado no Brasil e em muitos outros países, como na Alemanha (BUSSE, 1991), Canadá (KIEZ, 2015), Chile (RETAMAL *et al*, 2012), China (LI, 2010), Dinamarca (KRABBE, s/d), Espanha (AGUADO; FERNANDES, 1992; BROZAS, 1999; INVERNÓ, 2003; ONTAÑÓN; BORTOLETO, 2014), França (AUBERTIN; FUNK, 2018; FOUCHET, 2006; HOTIER, 2003), Finlândia (NEVANEN; JUVONEN; RUISMÄKI, 2014), Nova Zelândia (PRICE, 2012) e Uruguai (ALONSO; BARLOCCO, 2013). Particularmente, destacamos o Uruguai e a França, países nos quais as atividades circenses são “conteúdo”

obrigatório na educação básica desde 2008 (ALONSO, 2015; COASNE, 2013). (MELO, 2020, p. 26)

Falemos, então, das potencialidades pedagógicas das atividades circenses no âmbito escolar. A prática circense é vista como uma arte, que envolve o uso de um corpo acrobático, flexível, ágil e forte. Para além da capacidade motora, atividade circense pode propiciar um corpo brincante, uma mente criativa, uma relação maior com o espaço, uma maior sociabilização, assim como o bem-estar. Como afirma Duarte Jr (2012),

Pela arte o indivíduo pode expressar aquilo que o inquieta e o preocupa. Por ela, este pode elaborar seus sentimentos, para que haja uma evolução mais integrada entre o conhecimento simbólico e seu próprio “eu”. A arte coloca-o frente a frente com a questão da criação: a criação de um sentido pessoal que oriente sua ação no mundo. (DUARTE, 2012, p. 73)

Sobre essa questão, Invernó (2003) afirma que a prática circense reúne uma série de características, o que justificaria sua presença no currículo escolar

Com isto pretende-se que o aluno aprenda as diferentes técnicas de circo, mas que além desta aprendizagem proporciona uma melhora em diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade a expressão corporal, o trabalho em cooperação, o desenvolvimento da criatividade e a melhora da autossuperação e da constância em diferentes tarefas, o conhecimento acerca do próprio corpo, a melhora da autoestima.... Se pretende, em definitivo, que o mundo do circo favoreça o CRESCIMENTO do aluno como pessoa. (INVERNÓ, 2003, p. 24, tradução nossa)⁸

Portanto, a atividade circense não é realizada somente a partir da técnica corporal, a prática está relacionada a uma educação integral, já que as diferentes situações colocadas pela atividade circense propiciam um desenvolvimento pessoal nos âmbitos afetivo, social, motor e cognitivo. Inclusive, a prática circense por si só não possui esse caráter emancipatório e crítico, essas características advêm da pedagogia utilizada, pode se muito bem ter aulas de prática circense tecnicistas, voltadas para um ensino tradicional.

⁸ Com esto se pretende que el alumno aprenda las diferentes técnicas de circo, pero que además este aprendizaje le suponga una mejora en diferentes aspectos personales, como la sensibilidad por la expresión corporal, el trabajo de la cooperación, el desarrollo de la creatividad, la mejora de la autosuperación y la constancia em las diferentes tareas, el conocimiento del propio cuerpo, la mejora de la autoestima...Se pretende, en definitiva, que el mundo del circo favorezca el CRECIMIENTO del alumno como persona. (INVERNÓ, 2003, p. 24)

No que diz respeito a levar as práticas circenses para o espaço da escola, o pesquisador francês Hotier (2003, 2001) possui uma vasta e aprofundada pesquisa que trata do poder educacional das técnicas circenses, evidenciando como a prática das atividades circenses pode influenciar no desenvolvimento de uma criança nos campos físico, psicológico e social. “Segundo o autor [Hotier (2003)] através da prática circense, as crianças egocêntricas, tímidas, apavoradas, inibidas, podem desbloquear a psique em conjunto com suas evoluções motoras” (MACEDO, 2008, p. 127). Macedo (2008) ainda cita alguns exemplos pontuais que o autor coloca, como o da acrobacia aérea, a qual “permite reforçar e condicionar a musculatura corpórea, o equilíbrio e a flexibilidade. Entre as habilidades motoras, é necessário desenvolver movimentos ondulatórios e dar noção de espaço e tempo” (MACEDO, 2008, p. 127). Já no que tange os aspectos psicossociais, “desenvolve a capacidade do indivíduo de ter autonomia nas decisões, atenção, percepção e capacidade de lidar com o risco.” (idem, 2008, p. 127). Sobre outras técnicas, Macedo (2008) cita Hotier quando disserta sobre o equilibrismo, “que, envolvendo funambulismo, equilíbrio de objeto, antipodismo, etc., colabora para trabalhar a respiração, a concentração e a consciência interior.” (idem, 2008, p. 127). Sobre o malabarismo e a manipulação de objetos: “desenvolvem capacidades ligadas com a visão periférica e a lateralidade. O palhaço envolve uma pesquisa interior e o saber aceitar o ridículo, etc.” (MACEDO, 2008, p. 128)

Podemos perceber que as atividades circenses trabalham capacidades para além do benefício físico, mas que também se relacionam com o campo cognitivo do praticante. Habilidades essas que são utilizadas em diversos momentos, inclusive na sala de aula da escola formal, na qual se requer atenção, autonomia e raciocínio.

Em síntese, nos apoiamos em duas grandes justificativas quando defendemos a inserção das atividades circenses em ambientes educativos: a primeira diz respeito à arte do circo, enquanto parte de nossa história e nossa cultura; e também no potencial lúdico, estético, motor e educativo que essas atividades possuem e que podem contribuir na formação de nossos alunos. (PRODÓCIMO; BORTOLETO; PINHEIRO, 2011, p. 14)

A prática circense tem em suas linguagens o movimento, sendo esse uma forma de “alcançar a dissociação entre a adaptação motora e a representação simbólica, proporciona a constituição de noções culturais, está ligado à atividade psíquica e mental, aspectos da inteligência, afetividade [...] aprimoramento das capacidades fundamentais.”

(MACEDO, 2008, p. 125). A linguagem do circo é complexa e constituída de multiplicidades, que facilitam a criação e o desenvolvimento de trabalhos inter e transdisciplinares. Estudos feitos ao redor do mundo apontam para o potencial transformador das atividades circenses em âmbito escolar:

Da mesma forma, destaca-se um estudo com 287 estudantes canadenses de quarta e quinta série de 10 escolas diferentes de Ensino Fundamental, que foram atendidos por meio de um programa de atividade física da província de Columbia Britânica, evidenciou uma relação positiva entre atividade física e o rendimento da prova padronizada de conhecimentos da área de matemática e memorização de vocabulário. Gerando um maior desempenho nos exames, em relação aos estudantes que não participaram do programa [...] outra descoberta foi que as atividades físicas com maior intensidade, tem efeitos melhores do que as atividades físicas de menor intensidade. Isto também evidenciou que o treinamento de equilíbrio, coordenação e expressão corporal favorece diferentes funções cognitivas implicadas na concentração, memória, na diferenciação e ajuste nos processos de tomadas de decisão em situações de risco (*La Active Living Research*, 2015 *apud* SANDOVAL et al, 2019, p. 138)⁹

Kiez (2015) realizou uma pesquisa qualitativa e quantitativa sobre o impacto do ensino de circo na ‘alfabetização física’ (aptidão física) de crianças na 4^a e 5^a séries:

211 estudantes participaram, com números equivalentes entre quarta e quinta série do Ensino Fundamental, com uma distribuição igual entre os grupos de Educação Física e Educação Física-Circo. Houve uma melhora significativa ($p < 0.05$) nas habilidades motoras (referente ao currículo) ao longo do tempo para os dois grupos, porém com uma diferença substancial ao final (7.9%, $p < 0.01$) a favor do grupo Educação Física-Circo, com 15 das 18 habilidades motoras, somente na

⁹ Tradução nossa do original: Asimismo, destaca un estudio con 287 estudiantes canadienses de cuatro y quinto grado de 10 escuelas primarias diferentes que fueron atendidos por medio de un programa de actividad física en la provincia de Columbia Británica evidenció una relación positiva entre actividad física y rendimiento de la prueba estandarizada de conocimientos en el campo de las matemáticas y memorización de vocabulario. Generando una mejora más alta en sus exámenes respecto a estudiantes que no participaron en el programa [...] Otro hallazgo fue que las actividades físicas vigorosas tienen mejores efectos que las actividades de menor intensidad. Esto también evidenció que el entrenamiento de equilibrio, coordinación y expresión corporal favorece diferentes funciones cognitivas implicadas en la concentración, la memoria, la diferenciación y el ajuste en procesos de decisión-riesgo (*La Active Living Research*, 2015 *apud* SANDOVAL et al , 2019, p. 138)

quinta série. A lacuna de gênero referente às habilidades motoras no grupo Educação Física-Circo foi menor que o do grupo Educação Física. Crianças do grupo Educação Física-Circo demonstraram um maior entendimento na terminologia dos movimentos e uma maior confiança na execução ($p < 0.05$). Crianças do grupo Educação Física-Circo, reportaram maior confiança, sentiram-se mais talentosas e bem-sucedidas nas atividades, tinham mais desejo de participar ($p = 0.055$), as meninas desse grupo em comparação com grupo Educação física associaram mais a atividade física com felicidade ($p < 0.05$). (KIEZ, 2015, p. 4).¹⁰

Trazemos os estudos anteriores para reforçar nosso entendimento de que as atividades circenses, quando trabalhadas na escola através de uma pedagogia integradora, impulsionam o desenvolvimento de inúmeras habilidades cognitivas, para além das físicas. Sabemos, porém, que não é adequado comparar o sistema educacional Canadense com o Brasileiro. A pesquisa que citamos teve um contexto muito positivo, que foi o auxílio da secretaria da educação, desde a aquisição de aparelhos até a formação dos professores, infelizmente essa é uma realidade ainda incomum no Brasil, embora estudos recentes mostrem escolas que obtiveram ótimo suporte para o ensino das atividades circenses (Melo 2020; Santos Rodrigues 2019; Carnadi, 2018). Nesta pesquisa, quando nos referirmos as modalidades circenses tomaremos como base a seguinte tabela de Duprat (2007)

Quadro 1: Organização das modalidades circenses

Unidades didático-pedagógicas	Blocos temáticos	Modalidades Circenses
	Aéreas	Trapézio Fixo; Tecido; Lira; Corda.

¹⁰ Tradução nossa do original: 211 students participated, with equal numbers in grades 4 and 5, and an even distribution between PE and PE CIRCUS groups. There were significant ($p < 0.05$) improvements in motor competence in movement skills (curricular linked) over time for both school settings, but with substantial endpoint differences (7.9%, $p < 0.01$) in favour of PE CIRCUS for 15 of 18 movement skills in grade 5 only. The gender gap in motor competence in the PE CIRCUS group was smaller than that in the PE group. Children in the PE CIRCUS schools revealed greater movement terminology comprehension and higher confidence in execution ($p < 0.05$) Children in the PE CIRCUS schools reported greater confidence, felt more talented, were more eager to participate ($p = 0.055$) and girls associated physical activity with happiness ($p < 0.05$) more than those in the PE schools. (KIEZ, 2015, p. 4).

Acrobacias	Solo/Equilíbrios Acrobáticos	De chão (solo); Paradismo (chão e mão-jotas); Poses Acrobáticas em Duplas; Trios e Grupo.
	Trampolinismo	Trampolim Acrobático; Mini-tramp; Maca Russa. Malabarismo.
Manipulações	De Objetos	Prestidigitação e pequenas mágicas.
Equilíbrios	Funambulescos	Perna de pau; Monociclo; Arame; Corda Bamba; Rolo Americano (rola-rola).
Encenação	Expressão corporal	Elementos das artes cênicas, dança, mímica e música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos.

Quadro 3: Classificação das modalidades circenses por unidades didático-pedagógicas (DUPRAT, 2007, p. 58)

Em nossa proposta transdisciplinar utilizaremos apenas alguns dos blocos temáticos apresentados acima, por questões de segurança e de estrutura. Para as acrobacias aéreas e de trampolinismo é necessário o uso de equipamentos de custo elevado (colchão na densidade correta, o próprio trampolim, tecido, etc) além de uma estrutura adequada para a colocação dos aparelhos aéreos, por isso acreditamos ser mais difícil a aplicação destas modalidades no âmbito escolar, não excluindo a possibilidade de uso em alguma escola que tenha os materiais e profissionais capacitados.

Levando em consideração as informações apresentadas acima, como podemos fazer a ligação entre as atividades circenses e as disciplinas escolares? Alguns exemplos são: os conteúdos de Matemática são, muitas vezes, considerados difíceis ou até impossíveis de serem apreendidos, somente passíveis de aprendizado por meio da ‘decoreba’, assim como as fórmulas de Física. E se por meio dos jogos de malabares e objetos de manipulação pudéssemos abordar a Matemática e a Física? É possível discutir temas como geometria e álgebra (uso de equações para o lançamento dos objetos), assim como questões ligadas “ao emprego de forças, movimento e velocidade. Podem ainda, tratar dos deslocamentos realizados por esses aparelhos” (PARMA; LOPES, 2016, p. 17) que podem ser parabólicos, quando lançados de uma mão a outra e paralelos, quando lançados e recebidos pela mesma mão.

Segundo estudos científicos, a prática profissional do malabarismo produz mudanças na matéria cinza – onde acontece o processamento do pensamento – e na matéria branca do cérebro – encarregada de encadear

as conexões neurais e a velocidade e processamento das informações.
(SANDOVAL *et al*, 2019, p. 149)¹¹

O giro do bambolê no corpo pode ser explicado por meio de leis da Física, como a gravidade, as forças de torção, a força centrípeta, a fricção, a inércia e o movimento excêntrico. A Literatura pode ser trabalhada em sala de aula e ressignificada em cenas circenses. A Sociologia – que levanta questionamentos sobre a sociedade em que vivemos e estuda os momentos pelos quais já passamos – pode ser igualmente transposta em uma mini cena ou cena, na qual os alunos, por meio da expressão corporal, do figurino e do cenário exprimem os sentimentos de uma época. O circo existe há muito tempo, por que não, através da História, lembrar esses momentos com os bobos da corte e os saltimbancos e, por consequência, da época medieval, assim como do circo nas arenas romanas, remetendo à antiguidade clássica? A partir desses contextos históricos o docente poderia propor um jogo de RPG com caracterização e encenação desses personagens históricos. Por meio de fórmulas químicas os alunos poderiam se passar por mágicos; na Biologia, poderiam estudar os movimentos das técnicas circenses sob uma perspectiva muscular, hormonal, etc; escrever roteiros para criar cenas e um espetáculo circense poderia ser aliado às aulas de redação; na Educação Física o docente poderia reforçar a parte técnica e lúdica do circo; nas aulas de Arte as formas de expressão do corpo, da linguagem e até a confecção de matérias circenses e o cenário para um espetáculo; pela Geografia poderiam ser abordados assuntos relacionados à itinerância, nomadismo e migração; no ensino de línguas a ludicidade do circo pode auxiliar o docente a transmitir conhecimentos como cores, formas geométricas, partes do corpos, comandos, etc.

Se essas pontuais aproximações entre as atividades circenses e as disciplinas escolares foram feitas por nós, acreditamos que se uníssemos professores de todas as áreas, muitas outras ideias surgiriam. Nesse sentido, um outro questionamento importante nos inquieta: por que o circo não está dentro do espaço da escola?

Resulta, então, contraditório pensar no porquê, apesar de o circo estar tão presente no dia a dia infantil, em livros e contos, desenhos animados, filmes, programas de televisão, brinquedos etc., essa arte não

¹¹ Tradução nossa do original: Según estudios científicos, lá práctica profesional del malabarismo produce câmbios em la materia gris – donde tiene lugar el procesamiento del pensamiento – y em la materia blanca del cerebro – encargada del andamiaje em las conexiones neurales y la velocidade de procesamiento de la información-. (SANDOVAL *et al*, 2019, p.149)

se encontra (ou se encontra pouco) presente no espaço escolar. Ao longo da história, a arte circense enfrentou e ainda enfrenta diversos preconceitos. Mesmo atualmente, nos círculos que debatem arte e cultura, em ocasiões ela é tratada como uma arte menor (à exceção de alguns países). Quando se fala em arte, é fácil ouvirmos sobre música, artes plásticas, literatura ou artes cênicas, em que geralmente se encaixam a dança e o teatro, e aí o circo raramente é lembrado, inclusive pelas faculdades de arte. (ONTAÑON, 2012, p. 26)

Acreditamos que um dos maiores motivos das atividades circenses não estarem tão presentes no ambiente escolar é pela escassez dessa prática na formação inicial dos professores. Atualmente, no Brasil, são poucas as instituições de ensino superior que têm em seu currículo as atividades circenses como disciplina. Uma pesquisa feita por Tucunduva (2015), demonstrou a falta de formação inicial, referente às técnicas circenses. No quadro a seguir Tucunduva reuniu instituições de ensino superior brasileiras e internacionais, as quais tivessem a atividade circense como disciplina. Pontuamos aqui quem em 5 anos, desde que foi feito o quadro, mais instituições têm as atividades circenses como disciplina, como por exemplo, na Unicamp.

	Instituição	Disciplina	Estado
Brasil	Faculdade Mário Schenberg	Atividades Circenses	São Paulo
	Universidade Federal do Paraná	Esportes Ginásticos ("Circo novo")	Paraná
	Universidade Estadual de Maringá	Atividades Circenses	Paraná
	Uniesp	Atividades Circenses	São Paulo
	Universidade Federal Fluminense	Acrobacia e Malabarismo	Rio de Janeiro
	Universidade Camilo Castelo Branco	Manifestações Culturais ("Técnicas Circenses")	São Paulo
	Universidade Estadual de Goiás	Atividades circenses e artísticas aplicadas a Educação Física	Goiás
Outros países	Instituição	Disciplina	País
	State University of New York	Artes Circenses*	EUA
	Universitat de Léon	Atividades Acrobáticas*	Espanha
	Universitat de Lleida	Estratégias para ensinar técnicas circenses na escola*	Espanha
Université de Sherbrooke	Esportes ginásticos e artes do Circo*	Canadá	

(Quadro 1. Evidências do Circo na formação inicial em Educação Física no Brasil e em outros países. TUCUNDUVA, 2015, p. 24)

Para além da questão de se ter ou não as atividades circenses na formação inicial, o professor – visando a segurança dos praticantes – pode esbarrar na dificuldade do espaço e da estrutura. Para as acrobacias de solo, o ideal seria o uso de *sarneige*¹² para o treino de aéreos é necessária uma vistoria de um engenheiro, assim como a instalação dos

¹² Colchão fino feito de espuma aglomerada de alta densidade (D100), suavizando o impacto da queda.

aparelhos pelo profissional, com preferência com curso de NR-35¹³ assim como o uso de colchões de queda, materiais esses que são de um custo elevado.

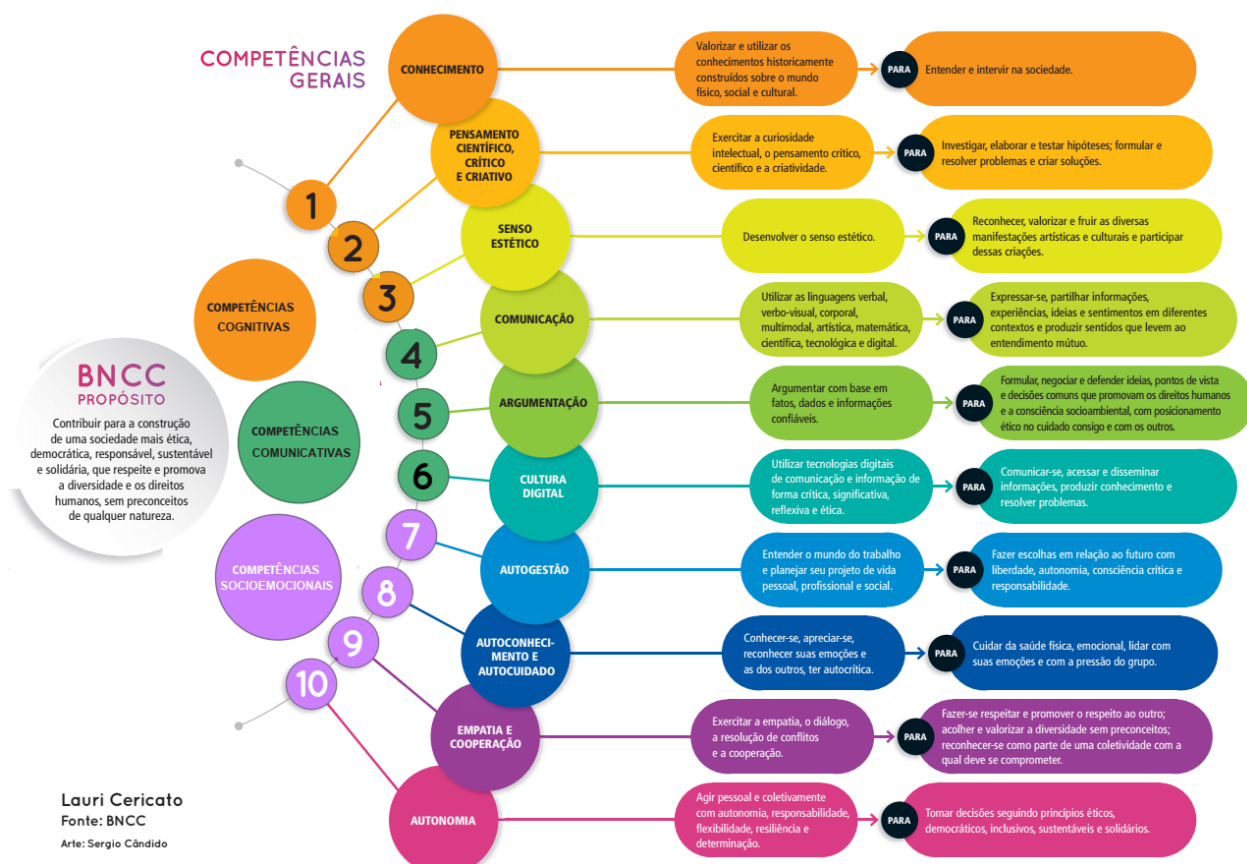
Apesar de as atividades circenses não estarem dentro da escola, de forma majoritária, a atividade vem sendo reconhecida e, aos poucos, incluída em documentos educacionais, como a BNCC e a LDB. Nas próximas seções discutiremos o que é a BNCC do Ensino Médio, de que forma se deu a escrita e aprovação do documento, as competências gerais e as linguagens apresentadas para esta etapa.

1.3 A BNCC do Ensino Médio: apresentação e críticas

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais**” (BRASIL, 2017, p. 7, grifo do autor). A BNCC engloba, em sua última versão, todas as etapas do ensino de educação básica, e segue os preceitos do Plano Nacional de Educação (PNE), além dos princípios éticos, políticos e estéticos fundamentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica (DCN), que são: a formação humana integral e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A estrutura do documento conta com uma introdução acerca de seus objetivos, embasamentos legais e fundamentação pedagógica para, em seguida, explicar sua organização e adentrar nas três etapas, da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (esse que não era contemplado nas versões anteriores). O documento afirma que as três etapas do ensino devem atuar para o desenvolvimento das competências gerais, termo que a Base define como: “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017, p. 8). Na imagem a seguir são apresentadas as competências gerais da BNCC, divididas em suas respectivas competências, cognitiva, comunicativa e as socioemocionais, que seguem sendo subdividas em seus objetivos específicos.

¹³ Estabelece os requisitos mínimos de proteção para o trabalho em altura, envolvendo o planejamento, a organização e a execução. Ou seja, ela garante a segurança e a saúde dos trabalhadores envolvidos direta ou indiretamente com trabalhos em altura.



Fonte: retirado do site <http://www.lauricericato.com.br/bncc-competencias-gerais/>

Como o foco de nossa pesquisa são os adolescentes, daremos ênfase à análise da BNCC do Ensino Médio. Logo de início, no capítulo do Ensino Médio, nos deparamos com a seguinte citação:

a juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, **produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes** (Parecer CNE/CEB nº 5/2011; ênfase pelo documento, *apud* BRASIL, 2017, p. 463).

Dialogamos com a teoria apresentada acima, na qual o adolescente tem que ser considerado um ser social, não somente restrito aos aspectos biológicos. Em outro momento, o documento também pontua que a escola deve “valorizar os papéis sociais desempenhados pelos jovens, para além de sua condição de estudante, e qualificar os processos de construção de sua(s) identidade(s) e de seu projeto de vida” (BRASIL, 2017, p. 465), o que vem de encontro com a questão de que a juventude é o momento auge de

formação da identidade do indivíduo, além de serem utilizadas, nessa introdução, palavras como ‘protagonismo’, ‘interlocutores legítimos’, ‘sujeitos críticos’, ‘tomada de decisões’, termos que igualmente se vinculam a essa ideia.

A BNCC do Ensino Médio é centrada no desenvolvimento das competências gerais por meio de 4 áreas do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com o intuito de “integrar dois ou mais componentes do currículo, para melhor compreender a complexa realidade e atuar nela.” (BRASIL, 2017, p. 469-70). Para cada área do conhecimento, são definidas competências específicas, e para cada competência são descritas habilidades. Na tabela abaixo organizamos os objetivos propostos pela BNCC para cada área.

Tabela 1: Objetivos da BNCC por área

Áreas	Objetivos
Linguagem e suas Tecnologias	Ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias.
Matemática e suas Tecnologias	Ampliando o leque de recursos para resolver problemas mais complexos, que exijam maior reflexão e abstração; construir uma visão mais integrada da Matemática, da Matemática com outras áreas do conhecimento e da aplicação da Matemática à realidade.
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	Trata a investigação como forma de engajamento dos estudantes na aprendizagem de processos, práticas e procedimentos científicos e tecnológicos, e promove o domínio de linguagens específicas, o que permite aos estudantes analisar fenômenos e processos, utilizando modelos e fazendo previsões; possibilita ampliar sua compreensão sobre a vida, o nosso planeta e o universo, bem como sua capacidade de refletir, argumentar, propor soluções e enfrentar desafios pessoais e coletivos, locais e globais.

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	Aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos; estimular uma leitura de mundo sustentada em uma visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana.
---	---

(Autoria própria, elaborada a partir de informações que constam na BNCC, 2017, p. 471-472)

Para além dessas 4 áreas, a BNCC do Ensino Médio também articula o Projeto de Vida, que é definido como “o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais” (BRASIL, 2017, p. 472-473). O objetivo do Projeto de Vida é auxiliar o estudante a reconhecer suas potencialidades e a relevância de sua participação ativa na comunidade.

A BNCC do Ensino Médio traz ideias interessantes a serem pensadas e utilizadas, como os próprios Projetos de Vida ou as Eletivas, a inclusão de Literatura Indígena e Africana no currículo, porém o que vemos é que na prática se encontram muitas dificuldades. Dificuldades que se dão pela estrutura das escolas e na defasagem de formação dos professores, dou como exemplo o meu caso, me formei no curso de Letras em uma instituição pública em 2017 e não tive na graduação inteira alguma disciplina que abordasse os temas de Literatura Indígena ou Africana.

Apresentamos de forma geral, sem entrar no viés dos conteúdos e das linguagens, a BNCC do Ensino Médio, cabe agora um momento de críticas ao processo de escrita do documento.

Fernando Cássio (2019) diz que a “base é antes de tudo, uma política de centralização curricular” (CÁSSIO, 2019, p.13), o autor esclarece que este termo é utilizado para toda e qualquer política de homogeneização de currículos, que subsidie outras políticas como a de materiais didáticos, de avaliação, formação docente, etc. Esta centralização curricular é alvo de muitas críticas por parte dos educadores, no sentido de que no Brasil existe uma diversidade cultural muito grande para se fixar conteúdos iguais

de norte a sul. Um dos slogans da BNCC à época da implementação era “Se a base é a mesma, as oportunidades também serão”¹⁴, Bigode (2019) evidencia que

Da noite para o dia, os principais meios de comunicação foram inundados com artigos e entrevistas com representantes dos reformadores empresariais [...] fazendo uso de uma variedade de argumentos falaciosos, por exemplo o de que “a crise do sistema de ensino se devia à falta de uma base” e que “só a BNCC poderia garantir equidade”, pois “a base vai garantir que os alunos de todo o Brasil aprenderão as mesmas coisas”, que “a base garante qualidade comum para termo escolas mais justas”, que a base “foi um sucesso na Austrália, que é uma federação como o Brasil”, que “agora um aluno que mora no Piauí poderá se mudar para Santa Catarina sem preocupações com os conteúdos” (BIGODE, 2019, p.125)

O discurso da BNCC de gerar igualdade educacional a nível nacional é um discurso incrível, porém sabemos que a prática encontra diversas limitações, físicas e pedagógicas, isso pensando nas escolas públicas da rede estadual e municipal. Neira (2019) diz que “em hipótese alguma minha relutância significa a defesa de que cada escola ou professor ensinem o que queiram e se quiserem.” (NEIRA, 2019, p. 165), seguindo essa linha de argumentação o autor critica o determinismo da BNCC em “especificar o gênero textual a ser lido e quando isso acontecerá, qual aspecto da prática corporal deverá ser ensinado e em que momento.” (NEIRA, 2019, p. 165). Acreditamos que a concepção equivocada da BNCC nesta questão é assumir que crianças e adolescentes, da mesma idade, devam aprender as ditas habilidades da mesma maneira e ao mesmo tempo, evidenciando um retorno ao ensino tradicional, onde não se leva em consideração as particularidades do aluno, assim como a realidade de nossas escolas, Cássio (2019) faz uma colocação objetivo “defender a Base como realizadora de direitos ou de igualdade educacional, é o mesmo que defender que a Constituição Federal realiza o direito à educação pelo simples fato de inscrevê-lo no texto constitucional.” (CÁSSIO, 2019, p. 34)

Outra questão levantada por pesquisadores, especialmente Fernando Cássio (2017), é a divulgação feita pelo MEC de que a elaboração da recente versão da BNCC aconteceu em diversas etapas, contando com especialistas de todas as áreas do conhecimento e por meio de amplos debates (seminários estaduais, audiências públicas e enquetes online) com a sociedade e educadores. No levantamento de dados feito por Cássio (2017) em 2018 o Brasil tinha 209 milhões de habitantes, destes havia 2,2 milhões

¹⁴ Disponível em www.facebook.com/ministeriodaeducacao/videos/1691153960932411 Acesso em 05 de jan. de 2021

de professores nas redes públicas e privadas do país (dados retirados do Censo Escolar de 2017), sendo que foi propagado pelo MEC que a consulta pública da primeira versão da BNCC (BNC a época), teve 12 milhões de contribuições.

Há um problema de escala na afirmação de que as contribuições à consulta pública sobre a BNCC seriam numericamente iguais a 5,78% da população brasileira. É como se cada professor atuante no Brasil contribuísse mais de cinco vezes com a consulta.

A análise dos microdados da consulta pública, obtidos via Lei de Acesso à Informação (Lei n. 12.527/2011), mostra que o número total de contribuintes únicos da consulta é 143.928. Logo, entre o número de contribuintes únicos e as 12 milhões de “contribuições” divulgadas há uma diferença de 8400%. Para o MEC, um clique “concordo” e um comentário crítico com 50 linhas foram igualmente considerados “contribuições”. [...] Quanto às contribuições efetivas depositadas na consulta, as sugestões de inclusão e de modificação perfazem 1,52% do total de “contribuições”, não há nenhuma indicação nos relatórios públicos do MEC de como elas foram analisadas ou incorporadas à segunda versão da BNCC. [...]

Uma das diferenças mais notáveis entre a segunda e a terceira versão da Base foi a reincorporação da pedagogia das competências em que se basearam, nos anos 1990, os PCN. [...] Apesar de nenhum dos selecionadíssimos participantes dos seminários estaduais- professores, supervisores e dirigentes das redes de ensino- ter feito essa sugestão, a BNCC surgiu reorganizada em torno da pedagogia das competências para todas as etapas da Educação Básica a partir da terceira versão. (CÁSSIO, 2019, p. 27-28)

É perceptível através destes e de outros dados que vão sendo apresentados por Fernando Cássio que a elaboração da BNCC não contou com uma colaboração robusta e efetiva de educadores, como propagaram diversas vezes, assim como é perceptível também a influência dessas “entidades”, empresas grandes como a Fundação Lemann, Itaú Educação e Trabalho, Fundação Roberto Marinho, Instituto Ayrton Senna, Instituto Natura, Instituto Unibanco. Alvarez (2019) diz que “a formulação da BNCC deixou-se impregnar da ‘opinião educacional’ de setores empresariais” (p.42).¹⁵ Ainda cabe dizer que a última versão da BNCC, assim como o Novo Ensino Médio foram aprovados durante o governo Temer logo após o *impeachment* de Dilma Roussef e a derrocada de nossa democracia. O governo Temer, com uma bancada ultraconservadora e

¹⁵ Para aprofundamento no tema o Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais desenvolve um mapeamento acerca da inserção das empresas privadas no setor de educação. Disponível em https://www.grepe.fe.unicamp.br/pt-br/mapeamento_da_insercao_do_setor_privado_nas_redes_estaduais_de_educacao

fundamentalista religiosa, conseguiu excluir questões como identidade de gênero e orientação sexual e

Temer decidiu que as escolas não devem promover valores constitucionais de combate a todas as formas de discriminação- optando por excluir de um instrumento curricular a necessidade de enfrentamento do machismo, da homofobia, do sexismo e da misoginia nas escolas brasileiras, justamente em um país recordista em casos de estupro, agressões de toda a ordem contra mulheres, feminicídio e homicídios contra pessoas LGBT (CARA, 2019, p. 89)

Colocadas as críticas acerca da elaboração da BNCC como a não participação dos profissionais atuantes e dos alunos na elaboração do documento, bem como a forma de organização do currículo que recai na pedagogia tradicional, além da influência política e econômica muito grande. Apesar de tudo isso este é o documento que atualmente dita os componentes curriculares das escolas brasileiras, e por isso, apesar das críticas e ressalvas tomamos a decisão de manter a nossa proposta embasada na BNCC, buscando, dessa forma, apresentar outras maneiras de se trabalhar com o documento. Para além de sua estrutura de currículo e vertente tradicional, na qual o conhecimento é único e inquestionável e apresenta um desinteresse pelas questões político-sociais, pretendemos trazer um olhar da vertente progressivista- ainda que trabalhando um currículo tradicional- cujo centro da aprendizagem são os alunos, considerando suas experiências prévias e conhecimentos.

Ainda sobre a BNCC acreditamos ser importante analisarmos e expor como o documento trata a atividade circense, portanto no próximo capítulo nosso enfoque será a prática circense e a BNCC.

1.3.1. As práticas circenses na BNCC

Nossa proposta é baseada na BNCC, visto que atualmente este é o documento que guia o currículo escolar, por isso achamos importante destacar como a prática circense aparece no documento. Apesar do nosso foco ser na BNCC do Ensino Médio consideramos relevante trazer as menções a atividade circense no documento inteiro. Procuramos no documento a palavra ‘circo’ que gerou zero resultados, assim como ‘atividade circense’ e ‘prática circense’, em contraposição a ‘artes circenses’ que resultou em duas citações da BNCC. Realizamos a procura também com palavras referentes a

modalidades da prática circense, como ‘trapézio’, ‘malabares’, ‘acrobacia coletiva’, que são citados no mesmo parágrafo acerca do Ensino Fundamental.

No Ensino Fundamental situam-se os termos “artes circenses”, assim como ‘trapézio’, ‘malabares’ e ‘acrobacia coletiva’. Na linguagem de Arte, a citação as “artes circenses” aparece no seguinte parágrafo

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as **artes circenses**, o cinema e a performance. (BRASIL, 2017, p. 196, grifo nosso)

Nesse ciclo de Ensino a Arte “está centrada”, segundo a BNCC, nas linguagens de Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Mas ainda assim citam de maneira generalizante as ‘artes circenses’ como uma “forma estética híbrida”, logo depois de especificar cada uma das modalidades acima. E não seriam a dança e o teatro formas híbridas também? Ao explicar sobre o papel da Arte na educação, o documento afirma que “os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas” (BRASIL, 2017, p. 193). Ao citarem as ‘artes circenses’ somente ao final do capítulo dedicado à Arte com o intuito de “possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas” (idem, p.196), nos parece que não houve um aprofundamento por parte do MEC e dos redatores acerca das atividades circenses e suas possibilidades. Nos perguntamos se essas aparições- aparições porque não são citadas ou aprofundadas durante o documento e uma vez ou outra (no Ensino Fundamental em específico duas vezes) dão o ar da graça- ocorrem para corroborar parágrafos como este

A área de Linguagens, no Ensino Fundamental, está centrada no conhecimento, na compreensão, na exploração, na análise e na utilização das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais), visando estabelecer um **repertório diversificado** sobre as práticas de linguagem e desenvolver o senso estético e a comunicação com o uso das tecnologias digitais. (idem, p.471)

Um outro momento que a prática circense é citada na BNCC do Ensino Fundamental, ainda na parte de Linguagens, é na disciplina de Educação Física

Na **unidade temática Ginásticas**, são propostas práticas com formas de organização e significados muito diferentes, o que leva à necessidade

de explicitar a classificação adotada: (a) ginástica geral; (b) ginásticas de condicionamento físico; e (c) ginásticas de conscientização corporal. A ginástica geral, também conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Podem ser constituídas de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (**trapézio**, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e combinam um conjunto bem variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, **pirâmides humanas** etc. Integram também essa prática os denominados **jogos de malabar ou malabarismo**. (idem, p. 217)

Percebemos aqui outra generalização, na qual a prática circense é citada na unidade temática de Ginásticas, apagando novamente a linguagem circense, subestimando e a colocando a serviço da ginástica. Sendo curiosa a menção ao trapézio, um aparelho da modalidade aérea, que necessita de instalações adequadas, além de alguns dispositivos para garantir a segurança do praticante. Estrutura e materiais de segurança que não estão presentes na maioria das escolas, levando em consideração a realidade brasileira.

Pontuamos também que em duas habilidades do Ensino Fundamental é feita a menção a atividades que podem ser ambas da prática circense ou da ginástica, apesar desta não ser colocada como unidade temática própria, e só ter alguns elementos evidenciados na escrita do documento. A primeira habilidade diz respeito ao 1º e 2º ano, que apresenta as unidades temáticas de Brincadeiras e jogos, Esportes, Ginásticas e Danças

(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes **elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais)** e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança. (BRASIL, 2017, p. 227, grifo nosso)

Já a segunda habilidade é referente a Educação Física do 3º ao 5º ano, com adição nas unidades temáticas da Luta

(EF35EF07) Experimentar e fruir, de forma coletiva, combinações de diferentes **elementos da ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais)**, propondo coreografias com diferentes temas do cotidiano. (BRASIL, 2017, p.229)

Com essa análise pretendemos evidenciar como o MEC e os redatores do documento não se propuseram a investigar as especificidades da prática circense, por isso

esta é mencionada de forma generalizante e até errônea. No caso das atividades circenses em âmbito escolar, pensamos que a melhor alcunha seria atividade ou prática circense, e não ‘artes circenses’ como coloca o documento. Não concordamos com o uso da palavra ‘artes’ no plural, pois a arte circense é uma, na qual se inserem variadas modalidades. Será que mesmo o uso da palavra ‘arte’ no singular é mais recomendada? Ao falarmos em Arte Circense há uma carga no sentido de ensinar uma arte, o que sabemos não ser fácil no período escolar, no qual os alunos têm que realizar provas e tarefas e os professores, seguir o currículo, será que na escola há tempo hábil de se ensinar e aprender uma arte? Pensamos que a ideia da inserção da prática circense na escola seja a de dialogar com a arte e não ser a arte, ou até mesmo o papel do professor, que não tem como função ser um formador de artistas. Utilizamos em nossa dissertação o termo ‘atividade circense’ porque pensamos que este abrange um conjunto de práticas, que é desenvolvida em diversos ambientes, como clube, ONGs, escolas especializadas, e no âmbito escolar, além de seguir o verbete escrito por Bortoleto (2014). Nesses lugares, não se pretende formar artistas. Já a palavra ‘circo’ é mais abrangente e se refere a todo o universo, ao campo de linguagem, modo de vida, entre outros. Sobre o uso da palavra Arte para designar uma disciplina, Pacheco (2018) pontua

Frequentemente, no processo de elaboração de uma base curricular, disciplinas consideradas “nobres” são privilegiadas em detrimento das consideradas “menos importantes”. Por exemplo: por que razão na proposta de Base Curricular se dá a designação de “Arte” a uma disciplina? Não se deveria considerar, por exemplo, as disciplinas de Artes Visuais, ou de Educação Musical, no lugar da disciplina... “Arte”? (PACHECO, 2018, p. 36)

No que diz respeito a menção ao circo na BNCC do Ensino Médio, essa menção ocorre somente uma vez na disciplina de Arte

A proposta de progressão das aprendizagens no Ensino Médio prevê o aprofundamento na pesquisa e no desenvolvimento de processos de criação autorais nas linguagens das artes visuais, do audiovisual, da dança, do teatro, das **artes circenses** e da música. Além de propor que os estudantes explorem, de maneira específica, cada uma dessas linguagens, as competências e habilidades definidas preveem a exploração das possíveis conexões e intersecções entre essas linguagens, de modo a considerar as novas tecnologias, como internet e multimídia, e seus espaços de compartilhamento e convívio. (BRASIL, 2017, p. 482, grifo nosso)

Um trecho que chamou nossa atenção foi o “aprofundamento na pesquisa e no desenvolvimento” de diversas linguagens, assim como a circense. Em análise feita

anteriormente percebemos que na verdade a atividade circense não é proposta efetivamente, então como aprofundaríamos a pesquisa e desenvolvimento de uma prática que não foi colocada como habilidade e possivelmente nunca trabalhada pelo docente e aluno? No que se refere as competências específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias, a atividade circense é inexistente, há alguns momentos em que a atividade circense poderia estar presente como habilidade, mas o que percebemos é a falta dela. Por exemplo na Competência Específica 5, que o texto de apresentação enuncia

Essa competência específica indica que, ao final do Ensino Médio, o jovem deverá apresentar uma compreensão aprofundada e sistemática acerca da presença das práticas corporais em sua vida e na sociedade, incluindo os fatores sociais, culturais, ideológicos, econômicos e políticos envolvidos nas práticas e nos discursos que circulam sobre elas. Prevê também que o jovem valorize a vivência das práticas corporais como formas privilegiadas de construção da própria identidade, autoconhecimento e propagação de valores democráticos. Nessa direção, é importante que os estudantes possam refletir sobre suas preferências, seus valores, preconceitos e estereótipos quanto às diferentes práticas corporais.

Cada conjunto de práticas corporais (**jogos e brincadeiras, danças, lutas, ginásticas, esportes e atividades corporais de aventura**) apresenta especificidades de produção da linguagem corporal e de valores e sentidos atribuídos às suas práticas. Essa diversidade de modos de vivenciar e significar as práticas corporais é objeto de aprendizagem da área. (BRASIL, 2017, p. 495, grifo nosso)

Assim como na Competência Específica 6, o texto de apresentação revela que “Pretende-se também que sejam capazes de participar ativamente dos processos de criação nas **linguagens das artes visuais, do audiovisual, da dança, da música e do teatro e nas interseções entre elas e com outras linguagens** e áreas de conhecimento” (BRASIL, 2017, p. 496, grifo nosso). Em uma das habilidades desta competência vemos a ausência da atividade circense quando o texto discorre

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos **nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas interseções entre elas**, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas. (idem)

Ou seja, no Ensino Médio a atividade circense está prevista na disciplina de Arte e é referida como “artes circenses”, com um caráter generalizante e que desvaloriza a cultura circense, quando pela segunda vez faz parte de “outras linguagens” ou da “intersecção entre elas (linguagens descritas)”. O que, ao nosso olhar, gera uma sensação

de confusão e de hierarquização no que diz respeito as linguagens artísticas na disciplina de Arte, além de gerar um embate, a atividade circense deveria estar presente na linguagem de Arte ou Educação Física? Acreditamos que a atividade circense possa estar presente em ambas as disciplinas, desde que sejam mencionadas de forma a abranger a prática e a um olhar crítico acerca do fazer circense, compreendendo uma leitura histórica bem como as suas transformações e significações sociais. Duprat (2007) defende que a atividade circense esteja presente na disciplina de Educação Física, dentro do conteúdo de ‘atividades rítmicas e expressivas’, vimos anteriormente que na BNCC a prática circense é faz parte do conteúdo de ‘ginásticas’

Indo mais além, acreditamos que este conteúdo deva integrar os conhecimentos a serem trabalhados na educação física. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) organizam os conteúdos da educação física em três blocos, que tem como função evidenciar quais são os objetos de ensino e aprendizagem que estão sendo privilegiados, são eles: Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas, e; Conhecimentos sobre o corpo (BRASIL, 1998). Como indicamos no capítulo anterior, o circo constitui-se como um conjunto de atividades expressivas possuindo uma teatralidade múltipla no fazer artístico. Esta característica desenvolveu-se ao longo de sua história, que incorpora, copia e recria diferentes manifestações artísticas, tais como música, dança, teatro, arte dos funâmbulos e saltimbancos, dos cavaleiros militares, entre outras. Desta forma, integra o grupo das atividades rítmicas e expressivas que devem incluir as manifestações da cultura corporal que tem como característica comum a intenção explícita de expressão e comunicação por meio dos gestos da presença de ritmos, sons e da música na construção da expressão corporal. (DUPRAT, 2007, p. 51)

Para corroborar nossa ideia colocada acima achamos interessante trazer uma citação sobre o lugar da Dança na BNCC, a época houve uma grande discussão sobre a Dança estar presente na disciplina de Arte ou Educação Física, o Grupo de Trabalhos Temático da Escola, do CBCE (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte) pontua que

Desse ponto de vista, a multiplicidade de olhares apenas enriquece o processo. Não há como negar os benefícios oriundos de um trabalho em que os primas da Arte e da Educação Física sejam apresentados, discutidos e analisados. [...] Soma-se a isso o fato de que o debate acerca dos processos de escolarização tem apontado a necessidade de relativizar a lógica do enquadramento disciplinar, já que o mesmo impede e/ou dificulta que os alunos analisem a totalidade da realidade circundante. Logo, a lógica disciplinar e de especialização contida nos discursos da Arte e da Educação Física precisam de revisão. (CBCE ,2015, p.10)

Ainda que as atividades circenses apareçam de forma escassa ou generalizante na BNCC, Melo (2020), afirma:

O que importa é que diversos documentos oficiais, federais, estaduais ou municipais, também reconhecem as atividades circenses. Dentre eles, destacamos: propostas curriculares do estado do Paraná (2008) e do Rio Grande do Sul (2009); Programa Segundo Tempo do Governo Federal (DUPRAT; ONTAÑÓN; BORTOLETO, 2014); os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997); e o currículo oficial para a Educação Física das cidades de Bauru (2016) e São Paulo (2011), entre outras. (MELO, 2020, p. 27)

Portanto, acreditamos que o documento deixou a desejar quando se refere as atividades circenses, colocando a de forma vazia e generalizante. Na seção a seguir discutiremos o conceito de transdisciplinaridade e como a BNCC explora essa metodologia.

1.3.2 Transdisciplinaridade e BNCC: teoria e prática

A prática transdisciplinar não é nova, sua origem é do século passado, em 1994, quando pesquisadores realizaram o que ficou conhecido como ‘primeira grande manifestação mundial da transdisciplinaridade’, estavam presentes Basarab Nicolescu, Edgar Morin e Lima de Freitas, nomes que se destacariam no campo.

Barbosa *et al* (2016) afirmam que “uma educação de qualidade requer um ensino que envolva a compreensão do ser, da vida, da cultura, em suas relações e inter-relações” (p. 2). Os autores seguem o texto apontando que um novo modelo de educação deva se voltar para a reforma do pensamento e de uma educação dialógica capaz de conduzir a relação da prática educacional e o enfoque da percepção da realidade, sendo a transdisciplinaridade

[...] a chave para que a educação possa ser vista com outros conceitos e novas ideias, pois essa prática é uma oportunidade que melhora o processo de ensino aprendizagem, tornando as aulas, mais atraentes e eficientes, pois engloba todas as disciplinas do contexto escolar, através da articulação entre as inúmeras faces de compreensão do mundo. (BARBOSA *et al*, 2016, p.3)

Nicolescu (2000) define a transdisciplinaridade como uma prática que “está entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (NICOLESCU, 2000, p. 2). A ideia desse ensino é superar a fragmentação dos saberes,

já que o conhecimento é um fenômeno multidimensional. Uma das consequências dessa fragmentação é a separação entre a cultura científica e a cultura humanística, além da hierarquização de saberes e disciplinas. A abordagem transdisciplinar também representa uma quebra da rotina, seja para o professor ou para o aluno, visto que em nossa sociedade há a especialização dos saberes, sendo a transdisciplinaridade um desafio tanto para os professores que a aplicam como para os alunos que a experienciam.

Para Morin (2010) uma mudança radical teria que acontecer, principalmente na formação dos docentes, para que estes estejam aptos e abertos ao diálogo e a um pensamento capaz de globalizar os saberes, uma vez que os docentes são os responsáveis por desenvolver um ensino que possibilite ao aluno aprender a aprender, a serem críticos e reflexivos.

Diante dessa realidade, o educador precisa além de uma prática crítica e reflexiva, ser um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, capaz de olhar para o aluno como sujeito essencial na construção de saberes, capaz de propor alternativas que auxiliem a interação e o desenvolvimento de cada docente, somente através da educação pode-se ter uma compreensão melhor da realidade (BARBOSA *et al*, 2016, p.6)

Portanto a noção do transdisciplinar se propõe um olhar múltiplo, possibilitando ao docente a interação dos saberes, no qual não existem fronteiras, propiciando igualmente a reflexão e cooperação. Pensamos que o ensino hoje precise ter um caráter mais amplo do conhecimento e de saberes transversais, integrando as diversas áreas do saber, características da prática transdisciplinar. A partir disso é importante e necessário que não só o docente, mas a escola também esteja preparada para tornar a aprendizagem significativa, através das ações e interações que envolvem toda a comunidade escolar e o ser humano, visando uma educação com um olhar voltado para as relações do mundo, para além dos muros da escola.

Assim, tão importante quanto conhecer e discutir as ideologias políticas em vista da transformação social é também importante: o autoconhecimento; o trabalho com o corpo, com as emoções, com a razão e com o espírito; o desenvolvimento da consciência ecológica; o respeito pelas diferenças pessoais, coletivas e raciais; a articulação entre o mundo da interioridade e da exterioridade sócio-político-econômica em uma realidade onde todas as dimensões estão interligadas. (SANTOS NETO, 2006 p. 42).

Achamos importante destacar que quando falamos de transdisciplinaridade, a ideia não é a exclusão das disciplinas, como afirma Barbosa *et al* (2016)

As disciplinas tradicionais não serão extintas, mas o currículo que é reorganizado, para promover a conexão das diferentes matérias. [...] Outro exemplo seria um professor de ensino técnico projetar sobre motores elétricos, onde o matemático trabalharia com os cálculos, o físico com os fenômenos, o historiador relatando a história do motor, os geógrafos sobre o território, o qual o primeiro equipamento começou a funcionar. (BARBOSA *et al*, 2016, p.8)

Mas então como a BNCC trata a prática transdisciplinar? No documento só há uma menção ao termo, pontuando que é fundamental o uso de metodologias que favoreçam e estimulem o protagonismo do aluno e que:

evidencie a contextualização, **a diversificação e a transdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos**, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e possibilitando o aproveitamento de estudos e o reconhecimento de saberes adquiridos nas experiências pessoais, sociais e do trabalho (Resolução CNE/CEB nº 3/2018, Art. 7, § 2º *apud* Brasil, 2017, p. 479, grifo nosso)

Em outros momentos no texto podemos perceber a alusão a uma prática transdisciplinar, por exemplo quando o documento se refere a organização curricular e tal qual a metodologia. Que deva favorecer e estimular o protagonismo dos adolescentes, bem como “romper com a centralidade das disciplinas nos currículos e substituí-las por aspectos mais globalizadores e que abranjam a complexidade das relações existentes entre os ramos da ciência no mundo real” (Parecer CNE/CEB nº 5/2011, *apud* BRASIL, 2017, p. 479).

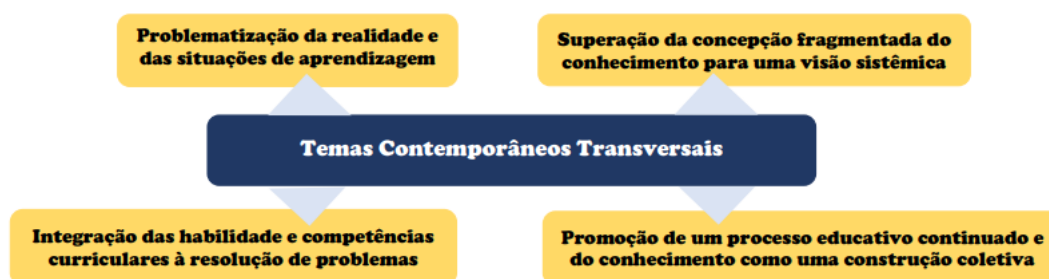
Em contrapartida a não menção por parte da BNCC, o site do MEC traz um documento intitulado de “Temas Contemporâneos Transversais na BNCC” (2019), que foi escrito com o intuito de auxiliar os docentes a tratar de temas transversais contemporâneos com as abordagens intradisciplinar (cruzamento entre conteúdo e habilidades), interdisciplinar (módulos de aprendizagem integrada), e transdisciplinar (projetos integradores e transdisciplinares). No texto de apresentação, é evidenciado que

Ao contextualizar o que é ensinado em sala de aula juntamente com os temas contemporâneos, espera-se aumentar o interesse dos estudantes durante o processo e despertar a relevância desses temas no seu

desenvolvimento como cidadão. O maior objetivo dessa abordagem é que o estudante conclua a sua educação formal reconhecendo e aprendendo sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade. [...]. Já a transversalidade é um princípio que desencadeia metodologias modificadoras da prática pedagógica, integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada, em direção a uma visão sistêmica. Os TCTs não são de domínio exclusivo de um componente curricular, mas perpassam a todos de forma transversal e integradora. (BRASIL, 2019, p 4)

Inicialmente o guia apresenta seis macro áreas de temas transversais (meio ambiente; ciência e tecnologia; multiculturalismo; cidadania e civismo; saúde e economia), os quais contém subtemas. Em seguida, o guia apresenta a metodologia de trabalho na qual está pautado, assim como seus quatro pilares:

Figura 1: Os quatro pilares dos Temas Contemporâneos Transversais

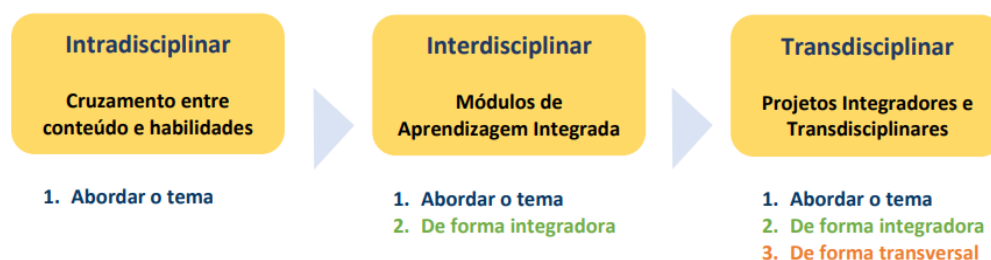


(BRASIL, 2019, p. 8)

A proposta metodológica apresentada acima tem como objetivo amplificar e estimular a criação de novas estratégias que relacionem os variados componentes curriculares, “de forma que o estudante ressignifique a informação procedente desses diferentes saberes disciplinares e transversais, integrando-os a um contexto social amplo, identificando-os como conhecimentos próprios.” (BRASIL, 2017, p. 9)

Em um terceiro momento o documento evidencia três formas de se abordar os conhecimentos

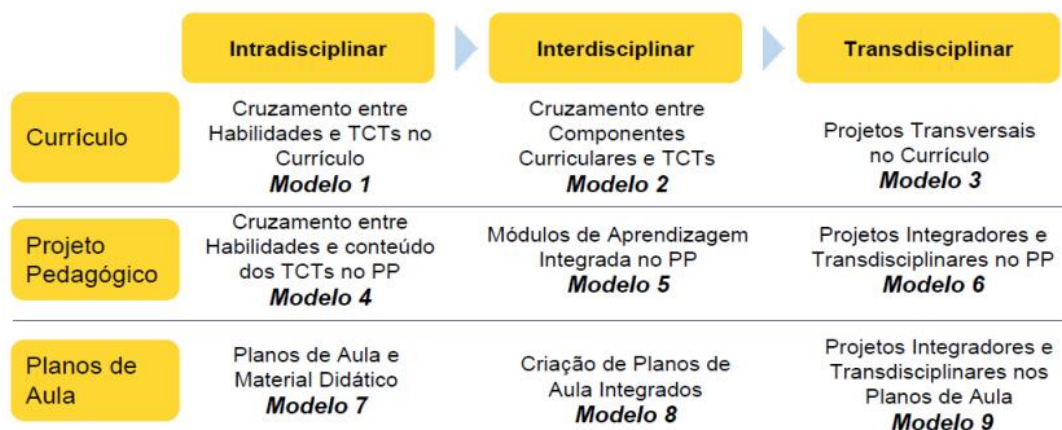
Figura 2: Três níveis crescentes de complexidade



(BRASIL, 2019, p. 9)

Para em seguida exemplificar modelos de currículo, projeto pedagógico e plano de aula inseridos na intra, inter e transdisciplinaridade.

Figura 3: Integração dos componentes



(BRASIL, 2019, p. 10)

Na presente dissertação utilizaremos o ‘Modelo 9’ para apresentar a nossa proposta, ao expor o ‘Modelo 9’, o guia coloca que

Um dos grandes estudiosos na Educação, Jean Piaget, já alertava para o fato de que, na educação no futuro, as fronteiras disciplinares tenderiam a desaparecer e que os educadores precisariam adotar cada vez mais atitudes que levassem os estudantes a observar as conexões entre as áreas de conhecimento sem, no entanto, negligenciar o campo de sua especialidade. Eis um dos maiores desafios posto aos educadores: conferir às abordagens pedagógicas, nas dimensões do Currículo, dos Projetos Pedagógicos e aos Planos de Aula, o alcance da integralidade do seu objetivo somado aos temas da contemporaneidade na perspectiva da educação integral e transformadora (BRASIL, 2019, p.23)

No documento, é evidenciado que o prefixo ‘trans’ “indica aquilo que está entre as disciplinas, através das diversas disciplinas e mais além que qualquer disciplina, e tem por objetivo ajudar a compreender o mundo em sua complexidade e diversidade e romper com o isolamento disciplinar.” (BRASIL, 2019, p. 19). A transdisciplinaridade proporciona um espaço de encontro e de diálogo entre os diversos campos e saberes, das diferentes ciências, além de contribuir para “uma educação que não apenas atenda as contingências imediatistas, mas também às necessidades da humanidade, do mundo e da vida.” (BRASIL, 2019, p. 19). Vemos, hoje, uma dissolução das fronteiras disciplinares, desafiando o docente e o estudante a superar a fragmentação do conhecimento, buscando o desenvolvimento de uma visão ampla de mundo: “Essa (trans)formação se faz possível por meio de uma abordagem pedagógica que valorize a construção de conhecimentos de forma integrada e contextualizada.” (BRASIL, 2019, p. 24). O Guia de Temas Contemporâneos Transversais (2019) ainda reforça que quando deixamos de levar em conta todos os aspectos das dimensões do ser humano no ensino-aprendizagem, podemos incorrer no erro da alienação e perda do sentido social e individual do viver.

A discussão levantada neste trabalho tem como objetivo propor uma prática transdisciplinar, utilizando a atividade circense e todos os questionamentos acerca do seu universo como ferramenta pedagógica. Não deixamos de nos questionar durante a pesquisa sobre as dificuldades para se efetivar a transdisciplinaridade, e mesmo atentas a essa problemática acreditamos que é uma prática que deva ser buscada no contexto escolar, e por isso acreditamos estar adicionando ao debate.

2. METODOLOGIA E PROPOSTA TRANSDISCIPLINAR

Por meio de um estudo teórico baseado na literatura da pedagogia das atividades circenses (BORTOLETO, DUPRAT, ONTAÑON), assim como de crítica a BNCC (CÁSSIO, NEIRA, PACHECO), realizamos uma pesquisa de estudo de caso, de natureza qualitativa. De acordo com Ludke e André (2013), o estudo de caso “se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos e situações” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 20).

Neste sentido, propomos um projeto transdisciplinar, composto por planos de aula, no qual as atividades circenses são a ferramenta pedagógica que perpassa as disciplinas. Apresentamos também alguns jogos circenses dispostos em tabelas, desenvolvida por Duprat (2007), para instrumentalização dos docentes.

2.1 Instrumentos para a coleta de dados

Os procedimentos para a coleta de dados foram organizados a partir dos resultados das entrevistas com os docentes especialistas de cada área. O instrumento de geração de dados foi a gravação de vídeo chamadas realizadas por meio do aplicativo Zoom. A gravação no momento da entrevista permite que o entrevistador consiga dar maior atenção ao entrevistado (GARCEZ, DUARTE, EISENBERG; 2011). Alguns professores optaram por uma entrevista via Google Formulários. Ao total foram entrevistados por vídeo chamada 6 docentes e mais 6 que optaram pelo Google Formulários.

No caso das entrevistas por vídeo chamada e por Google Formulários utilizamos o mesmo roteiro, no modelo semiestruturado (Apêndice 1), pois permite que ela seja planejada, mas também flexível (BARROS, 2018), além de propiciar “correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (LÚDKE; ANDRÉ, 2014, p. 40). Por meio da entrevista com o docente objetivamos enriquecer o plano de aula para cada disciplina que já havia sido redigido, no próximo capítulo abordaremos os resultados referentes as entrevistas.

2.2 Uma proposta de ação transdisciplinar

Buscamos, com a presente dissertação, propor uma ação transdisciplinar, na qual as atividades circenses se apresentam como uma ferramenta pedagógica presente em todas as áreas, pois

[a atividade circense] é sim uma proposta político-pedagógica que aposta no desenvolvimento criativo e na construção da cidadania a partir dos saberes, necessidades e potencialidades das crianças, adolescentes e jovens das classes populares. Educar com o circo é apostar na alegria recuperar todo o potencial civilizatório de uma arte milenar, que desde as suas origens teve por base a diversidade, a aceitação do outro, o sentimento do fantástico e do mágico, a superação dos limites, a convivência e a criação coletiva e, acima de tudo, a brincadeira e o jogo levados a sério” (SOMME; CAMARGO, 2016, p.173)

Sabemos que um projeto transdisciplinar encontra limites, visto que envolve a comunidade escolar por inteiro e depende não só do docente que teve o ímpeto de realizá-la, é uma ação que necessita do envolvimento da gestão, de outros docentes, de funcionários de diversos cargos dentro do ambiente escolar, e inclusive por parte dos alunos. Acreditamos ser papel da escola engajar os adolescentes na proposta, uma vez que eles serão os grandes agentes, de aprendizagem e de ação. Como evidenciado anteriormente em outros capítulos, os adolescentes estão acostumados com a escola de ensino tradicional, podendo ter dificuldades em compreender o que é um projeto transdisciplinar, até mesmo de colocá-lo em prática.

Nossa ideia é que com esta investigação e proposta possamos contribuir para avanços na área transdisciplinar, pois vemos esta prática como integradora e enriquecedora, tanto para alunos, docentes e demais pessoas da comunidade escolar. A seguir apresentaremos uma tabela, que contém informações do que é sugerido se trabalhar em cada disciplina, assim como as habilidades da BNCC relacionadas aos temas propostos, a qual foi construída com base na tabela do documento ‘Guia Prático de Temas Contemporâneos: proposta de práticas de implementação’ (2019, p. 22-3) já explorado nesta dissertação.

A coluna ‘Componente’ trará a disciplina a ser trabalhada, na segunda coluna ‘Prática’ são apresentados os objetivos da disciplina e de acordo com eles a(s) prática(s) circense(s) sugerida(s), seguida de uma lista de jogos circenses, que podem ser utilizados como ferramenta pedagógica. Os jogos circenses serão explorados no próximo capítulo,

assim como os planos de aula para cada disciplina, contendo mais informações de como desenvolver as ideias organizadas na tabela transdisciplinar. A terceira e última coluna organiza as habilidades da BNCC a serem trabalhadas nesses planos de aula sugeridos. Decidimos por realizar a proposta contendo os planos de aula por disciplina, visto que a

[...] transdisciplinaridade diz respeito à dinâmica dos diferentes níveis de realidade. Para conhecê-la é preciso o conhecimento disciplinar, o que quer dizer que a própria pesquisa transdisciplinar se apoia na pesquisa disciplinar. No entanto, enfocada a partir da unidade do conhecimento. **Portanto conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não são antagônicos, são complementares.** (SANTOS, 2004 p.111, grifo nosso)

Tabela 2: Proposta de ação transdisciplinar

COMPONENTE	PRÁTICA (DESENVOLVER O PROJETO EM CADA COMPONENTE)	HABILIDADE (S) POR COMPONENTE
Arte	<p>Explorar com os alunos o autoconhecimento da capacidade de seus corpos e de sua criatividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabarismo, acrobacias individuais e coletivas, acrodança, palhaçaria, entre outros. Jogos indicados: 2, 3, 7, 9, 16, <i>Apêndice 3</i>: 19 e 22 Elaborar uma mini cena, para integrar o espetáculo final, que aborde um sentimento relacionado às vidas dos adolescentes. 	<p>(EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.</p> <p>(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.</p> <p>(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas interseções entre elas recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.</p> <p>(EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento.</p> <p>(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.</p>
Língua Inglesa	<p>Explorar o vocabulário referente a partes do corpo, movimentação, verbos, entre outros em Língua Inglesa por meio da manipulação de objetos e a prática corporal circense; Planejamento, produção e edição de textos orais, escritos e multissemióticos; Análise e produção de discursos nas diversas linguagens e contextos.;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabares e acrobacia individual e coletiva Jogos indicados: 4, 2, 3, 8, 9, 16, <i>Apêndice 3</i>: 22 e 12 com adaptações para vocabulário em inglês. Produção de um cartaz de divulgação, em Língua Inglesa, do espetáculo final. 	<p>(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).</p> <p>(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.</p> <p>(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentido em diferentes contextos.</p> <p>(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.</p> <p>(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.</p> <p>(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.</p>
Educação Física	<p>Compreender e aplicar os conceitos de prática e consciência corporal, do corpo movimento e saúde, assim como o processo de criação e sua relação com o antipodismo;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: antipodismo Jogos indicados: 7, 5, 6, 10, 15, <i>Apêndice 3</i>: 9 e 10 adaptados para a prática do antipodismo. Elaboração de uma mini cena, para compor o espetáculo final, que evidencie a percepção dos alunos sobre os próprios corpos, utilizando o antipodismo. Produção de objetos para a prática do antipodismo. 	<p>(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais)</p> <p>(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.</p> <p>(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentido em diferentes contextos.</p> <p>(EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.</p>

<p>Língua Portuguesa</p>	<p>Compreender a relação entre a linguagem oral e o texto escrito e a expressividade da linguagem corporal circense; Explorar a movimentação do corpo, em atividades circenses, e sua potencialidade expressiva; Relacionar questões sociais retiradas de textos/obra literária com o universo do adolescente e expressar esses sentimentos através das atividades circenses;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de diversas modalidades circenses Jogos indicados: 9, 2, 3, 7 Elaboração de mini cenas circenses, para compor o espetáculo final, com base na obra literária e nas discussões e problemas levantados pelos adolescentes. 	<p>(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais). (EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social. (EM13LGG105) Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, desenvolvendo diferentes modos de participação e intervenção social. (EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos. (EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros. (EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.</p>
<p>Geografia</p>	<p>Compreender a relação dos conceitos de território e fronteira, assim como tempo e espaço e o circo itinerante; Aplicar os conceitos de indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética ao universo circense itinerante;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: antipodismo Jogos indicados: 3, 2, 7, 11, 15, 16 Elaboração de esquetes, para compor o espetáculo final, abordando as questões geográficas da itinerância circense 	<p>(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos. (EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável. (EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico. (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.</p>

COMPONENTE	PRÁTICA (DESENVOLVER O PROJETO EM CADA COMPONENTE)	HABILIDADE (S) POR COMPONENTE
<p>Sociologia</p>	<p>Compreender a relação entre os conceitos de gentrificação e divisão social do trabalho ao universo circense itinerante; Discutir questões que envolvem a fixação dos circos itinerantes, o desenvolvimento de sua identidade, a rotina do trabalho circense itinerante, entre outros;</p> <ul style="list-style-type: none"> Práticas diversas com enfoque na organização Jogos indicados: 4, 6, 7, 8, 13, <i>Apêndice 3</i>: 10, 11 e 17 Aplicação dos conceitos de liberdade, empreendedorismo, autonomia, cooperação e solidariedade à organização do espetáculo final 	<p>(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico. (EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizam a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p>
<p>Filosofia</p>	<p>Compreender a relação entre os conceitos de direitos humanos e fundamentos da ética com o universo circense itinerante; discutir questões que envolvem a fixação dos circos itinerantes e o direito a educação escolar dos artistas;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: palhaçaria. Jogos indicados: 2, 7, 9, 13, 16 com adaptações para pensar nas questões discutidas Aplicação dos conceitos discutidos para criação de uma cartilha sobre o direito a educação de artistas itinerantes. Elaborar uma cena de palhaçaria sobre o assunto para ser colocado no espetáculo. 	<p>(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico. (EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizam a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p>

<p>História</p>	<p>Refletir sobre os conhecimentos do processo civilizatório (sedentarização e deslocamento) presentes na disciplina e sua relação com as transformações do fazer circense; relacionar a historiografia do circo com a historiografia dos sistemas sociais (político, econômico e cultural);</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabarismo, acrobacia coletiva e individual, equilíbrio, mágica. Jogos indicados: 2, 7, 4, 6, 10, <i>Apêndice 3</i>: 7 e 13 Elaboração uma mini cena, para compor o espetáculo final, de circo-teatro evidenciando o desenvolvimento da linguagem circense em diferentes espaços e tempo. 	<p>(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles. (EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizam a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p>
------------------------	---	---

Matemática	<p>Compreender a relação entre matemática e os truques de magia presentes no universo circense; Aplicar os conhecimentos de sequência numérica, progressão geométrica e aritmética nos truques de magia;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabarismo, palhaçaria, acrobacias. Jogos indicados: 6, 14 Elaborar truques mágicos, para serem utilizados no espetáculo final, aplicando os conceitos matemáticos discutidos. 	<p>(EM13MAT105) Utilizar as noções de transformações isométricas (translação, reflexão, rotação e composições destas) e transformações homotéticas para construir figuras e analisar elementos da natureza e diferentes produções humanas (fractais, construções civis, obras de arte, entre outras).</p> <p>(EM13MAT312) Resolver e elaborar problemas que envolvem o cálculo de probabilidade de eventos em experimentos aleatórios sucessivos.</p> <p>(EM13MAT507) Identificar e associar progressões aritméticas (PA) a funções afins de domínios discretos, para análise de propriedades, dedução de algumas fórmulas e resolução de problemas.</p> <p>(EM13MAT508) Identificar e associar progressões geométricas (PG) a funções exponenciais de domínios discretos, para análise de propriedades, dedução de algumas fórmulas e resolução de problemas.</p>
Química	<p>Compreender e aplicar a relação entre os conceitos referentes ao processo de transformação de petróleo ao uso e produção de objetos de manipulação circenses não biodegradáveis;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabarismo, equilíbrio. Jogos indicados: 6, 15, 7, <i>Apêndice 3: 7 e 8</i> Produzir objetos de manipulação circense com materiais biodegradáveis para serem usados nas práticas no espetáculo. 	<p>(EM13CNT307) Analisar as propriedades dos materiais para avaliar a adequação de seu uso em diferentes aplicações (industriais, cotidianas, arquitetônicas ou tecnológicas) e/ou propor soluções seguras e sustentáveis considerando seu contexto local e cotidiano.</p> <p>(EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos.</p> <p>(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica.</p> <p>(EM13CNT105) Analisar os ciclos biogeoquímicos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.</p>
Física	<p>Compreender a relação entre o malabarismo circense e a Cinemática e Dinâmica; Aplicar os conhecimentos de Lançamento Oblíquo e Leis de Newton ao malabarismo circense;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabarismo, equilíbrio. Jogos indicados: 6, 13, <i>Apêndice 3: 10</i> Elaborar materiais de manipulação circense, para uso no espetáculo, aplicando as Leis de Newton em sua construção. 	<p>(EM13CNT101) Analisar e representar, com ou sem o uso de dispositivos e de aplicativos digitais específicos, as transformações e conservações em sistemas que envolvam quantidade de matéria, de energia e de movimento para realizar previsões sobre seus comportamentos em situações cotidianas e em processos produtivos que priorizem o desenvolvimento sustentável, o uso consciente dos recursos naturais e a preservação da vida em todas as suas formas.</p> <p>(EM13CNT106) Avaliar, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais, tecnologias e possíveis soluções para as demandas que envolvem a geração, o transporte, a distribuição e o consumo de energia elétrica, considerando a disponibilidade de recursos, a eficiência energética, a relação custo/benefício, as características geográficas e ambientais, a produção de resíduos e os impactos socioambientais e culturais.</p> <p>(EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos.</p>
Biologia	<p>Compreender a relação entre a história do universo circense e o capacitismo e ética na ciência; Refletir e discutir como aspectos físicos-biológicos foram e são usados como forma de discriminação, de capacitismo, e de segregação;</p> <ul style="list-style-type: none"> Prática de: malabarismo, palhaçaria, acrobacias. Jogos indicados: 13, 7, 9, 2 Elaborar uma mini cena, para integrar o espetáculo final, problematizando o capacitismo. 	<p>(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica.</p> <p>(EM13CNT305) Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade.</p>

No próximo capítulo apresentaremos os planos de aula referente a cada disciplina de forma aprofundar o que foi mostrado na tabela acima, assim como os jogos de instrumentalização presentes na tabela.

3. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Análise e discussão das contribuições feitas pelas entrevistas

O objetivo da entrevista neste trabalho foi a de aprimorar os planos de aula, com a contribuição e olhar atento de docentes especializados em cada uma das disciplinas. A maioria das entrevistas (seis) foram realizadas, e gravadas, no aplicativo de vídeo chamadas Zoom, a duração das entrevistas variou de 45 minutos a 1h20. Iniciamos a vídeo chamada com uma breve apresentação da pesquisadora e da pesquisa, seguido pelo

pedido de permissão para gravar a reunião, para então abordar as perguntas e apresentar o plano de aula proposto. Outros 5 professores preferiram responder a entrevistas por meio do Google Formulário, anexamos as perguntas da entrevista no Apêndice 1. Neste capítulo faremos uma abordagem geral das entrevistas e contribuições, as mesmas estão transcritas na íntegra no Apêndice 2. Os docentes entrevistados são de diferentes universidades, alguns atuam ou já atuaram em escolas de rede pública, há professores da UFSCAR, UnB, UNESP, UFF, UNICAMP e UNIARA.

A primeira pergunta que versa sobre o conhecimento dos professores sobre a atividade circense foi respondida, em grande parte, por memórias afetivas que estes tiveram quando criança ao presenciar um espetáculo. A docente de história diz que ainda hoje leva seu filho ao circo, e o professor de educação física foi o único a relatar experiências práticas com a atividade circense, não só no âmbito escolar, mas em clubes, eventos como dia das crianças e colônia de férias. O professor ainda participou de eventos corporativos junto ao palhaço Tiririca, Jairo Garófalo, na cidade de Araraquara.

A respeito da segunda pergunta, se os docentes já tiveram contato com as atividades circenses no âmbito escolar (como alunos ou professores), com exceção do professor de Educação Física todos responderam que nunca vivenciaram a atividade circense na escola. O docente de Educação Física disse que como aluno, na educação básica não teve contato, mas como professor do Município de Araraquara ele e alguns colegas desenvolvem as atividades circenses em aulas, desde os anos iniciais, abordando a prática dentro do currículo proposto, na área de ginástica. Portanto, o único docente a responder à pergunta de número três foi o professor de Educação Física, visto que esta se aprofundava em como a prática circense era trabalhada na escola.

A pergunta seguinte, se os docentes conheciam a pedagogia das atividades circenses, foi respondida em sua maioria negativamente. A docente de Arte respondeu que já ouviu falar, mas nunca estudou, e o docente de Educação Física afirmou que não teve uma formação específica sobre a pedagogia da atividade circense, mas que buscou, em conjunto com outros professores uma formação continuada, na qual buscaram estratégias e ‘saberes sobre o circo e as práticas corporais do circo’. O professor ainda disse que estes saberes não foram muito aprofundados, e que eles tinham uma parceria com o SESI e no livro do aluno e do professor havia propostas de como trabalhar a atividade circense, não só pela perspectiva da atividade só pela atividade, mas também uma discussão reflexiva. Achamos importante pontuar aqui a fala do professor, em que ele diz que é preciso que a Educação Física escolar não foque só na prática, ele entende a

necessidade dos alunos saberem sobre o que eles estão fazendo, ocorrendo uma troca e um processo de construção de conhecimento e ressignificação dos saberes. Assim como a desconstrução da ideia de que só os alunos que têm uma habilidade prévia serão capazes de acessar essas manifestações, afirmando que a escola tem o papel de tornar acessível as práticas corporais para que todos os alunos possam usufruir e não somente os alunos que têm acesso a clubes e escolinhas fora do ambiente escolar.

As respostas para a quinta pergunta, sobre a linha de ensino e teoria pedagógica, foram variadas. A professora de Arte respondeu que segue uma pedagogia dialógica alinhada com a Abordagem Triangular, o docente de Filosofia disse que se utiliza da pedagogia libertária, já a professora de Língua Inglesa afirmou que procura trabalhar com diferentes metodologias e abordagens. A professora de Biologia, que atua na rede estadual de ensino disse que no contexto em que ela trabalha você até tenta seguir uma linha pedagógica, mas que muitas vezes é difícil, então o melhor é o professor ir se adaptando, o docente de Matemática respondeu da mesma forma. O docente de Química trabalha com a linha pedagógica de abordagem sociocultural, baseada nas ideias de Vygostsky, dialogando com a docente de História que afirmou não trabalhar com uma vertente única, mas que se alinha muito ao pensamento do construtivismo e de Paulo Freire, segue esse pensamento também o docente de Sociologia, que disse adotar a pedagogia Freiriana, assim como a pedagogia histórico-crítica de Saviani, enfatizando a autora contemporânea Bell Hooks. O docente de Física disse que utiliza da aprendizagem por investigação nas práticas científicas. A sexta pergunta, que dialoga com a anterior quando se refere a atividade circense na linha pedagógica trabalhada pelo docente, foi respondida de diversas formas, levando em conta as especificidades de cada disciplina.

Quanto a sétima pergunta, que diz respeito a transdisciplinaridade na escola, a maioria dos docentes disseram que já trabalharam de forma inter e até multidisciplinar, porém só a docente de História disse ter feito um trabalho transdisciplinar em 2008. A docente disse ter sido uma proposta desafiadora, já que o cotidiano escolar apresenta entraves para uma prática transdisciplinar, ainda assim ela conta que foi uma experiência muito rica para ela como professora e para os alunos, e que tal ação demandou muito esforço e disposição de todos envolvidos. O projeto, que rememorou o ano de 1968, teve um mês de preparação, duas semanas de realização e uma semana de avaliação. A docente relata que assim que o projeto foi finalizado eles foram atingidos pelo calendário de provas e dos conteúdos.

Para a pergunta número 8, se os docentes sabiam da presença das atividades circenses na BNCC, muitos deles expressaram surpresa. De onze, três professores (das disciplinas de Biologia, Arte e Educação Física) sabiam que as atividades circenses estão previstas na BNCC, enquanto os outros oito docentes entrevistados não tinham conhecimento.

Após as perguntas, finalizamos as entrevistas apresentando o plano de aula proposto, fazendo uma leitura rápida e passando pelos objetivos e desenvolvimento. Este momento foi muito enriquecedor para a pesquisa e para os planos de aula. Os docentes fizeram desde sugestões mais pontuais, referentes aos objetivos até sugestões de leitura para abordar uma temática específica de maneira diferente da tradicional. Esse momento de sugestões foi muito importante para que cada proposta, apresentada a seguir, estivesse coerente com o ensino de cada disciplina.

3.2 Planos de aula

Nesta seção apresentaremos os planos de aula, que foram resultado das discussões realizadas com docentes especialistas de cada área. A ideia de apresentar planos de aulas individuais é para que no trabalho transdisciplinar fique claro alguns objetivos específicos, como dito anteriormente, uma proposta por ser transdisciplinar não precisa excluir o conhecimento disciplinar, já que uma complementa a outra.

Os assuntos propostos a serem trabalhadas são sugestões, podendo o docente adaptar à sua realidade e necessidade. No plano de aula não preenchemos o campo ‘número de aulas’ por acreditarmos que a quantidade de aulas utilizadas para aplicar e desenvolver o que está proposto no plano pode ser flexível. Podemos pensar que este plano de aula possa ser utilizado em um projeto bimestral ou trimestral, assim como semestral ou anual. Estes fatores dependerão da escola e dos docentes envolvidos na aplicação. Os planos de aula que seguem foram pensados para um trabalho transdisciplinar, como organizado na tabela acima, porém nada impede que um docente que encontre limitações para aplicar um projeto transdisciplinar os utilize em um projeto interdisciplinar ou em sua disciplina de forma isolada. Claro que adaptações teriam que ser feitas e alguns elementos se perderiam nesse processo, assim como outros podem ser criados.

A atividade circense está presente em todos os planos de aula, em diversas modalidades, dentre as quais pensamos ser as mais viáveis de serem trabalhadas em ambiente escolar

Para Invernó (2003) e Duprat (2004), o trabalho com as diferentes modalidades circenses proporciona a melhora dos alunos no que diz respeito às habilidades coordenativas, ao conhecimento e ao controle corporal, mas, sobretudo, à capacidade comunicativa e expressiva. A atividade circense põe em destaque a criatividade, a cooperação, a interculturalidade e a expressão corporal, assim como a habilidade e as capacidades físicas do praticante. (DUPRAT; BORTOLETO, 2007 apud DUPRAT, 2016, p. 71)

Os roteiros para cada disciplina foram produzidos a partir de conteúdos e habilidades do Ensino Médio presentes na BNCC. Contendo as Competências Específicas, os temas, as habilidades da BNCC, os objetivos, o desenvolvimento da aula (dividido em três partes: Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; Contextualização e Problematização), assim como os recursos didáticos pedagógicos e as referências bibliográficas. Apresentaremos os planos de aula, organizados pelas Linguagens.

Área de Linguagens e suas Tecnologias: Arte, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Educação Física.

Plano de Aula	
Disciplina: Arte	Série: Ensino Médio
Nome do(a) professor(a) regente: -----	
Data de aplicação da regência: -----	Número de aulas: ----
<p>Área do conhecimento: Área de Linguagens e suas Tecnologias</p> <p>Competência específica 5: Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.</p> <p>Competência específica 6:</p>	

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Tema:

- Movimentos corporais;
- Processo de criação;
- Mediação e Patrimônio cultural;
- Materialidade;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

(EM13LGG503) Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

● **Objetivos:**

- Compreender os conceitos e problemáticas referentes aos temas propostos;
- Aplicar os conceitos da disciplina com o universo da atividade circense proposta;
- Discutir a diversidade da linguagem circense, desde o artista de rua até um grande circo como Cirque du Soleil;
- Elaborar ao final do levantamento e discussões uma mini cena evidenciando algumas situações e sentimentos vividos pelos adolescentes no dia a dia

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Arte e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Conceituar as temáticas através da apreciação cultural da apresentação de um artista de rua. Seria interessante o docente realizar um encontro de algum artista circense de rua com os alunos, em que haja uma performance e bate papo. Nesse bate papo pedir que o artista leve informações acerca da construção histórica do circo, e instigar os alunos a fazerem perguntas pertinentes ao modo de vida, questões políticas, sociais e econômicas do que é ser um artista de rua. Organizar uma prática rápida (de malabares e/ou acrobacia individual e coletiva) através de um jogo circense em conjunto com o artista.

- **Problematização:** Explorar com os alunos o autoconhecimento da capacidade de seus corpos e de sua criatividade. Por meio de jogos circenses e teatrais possibilitar aos alunos, experimentar e descobrir novas formas de se movimentar dentro da linguagem artística circense escolhida (de malabares e/ou acrobacia individual e coletiva). Inserir perguntas das quais eles tenham que responder somente com o corpo (sem a fala) por exemplo, como o corpo expressa a tristeza/ a angústia/ a felicidade, etc.? Discutir questões que os alunos forem levantando e que o docente também achar pertinente, de acordo com o envolvimento e experiência de cada turma.

A partir das discussões realizadas, elaborar, em grupos uma mini cena circense que aborde um sentimento relacionado às vidas dos adolescentes, como por exemplo, relacionamento com a família, relacionamento romântico, pressão da sociedade, violência, desigualdade, entre outros. Através desse processo criativo deixar os alunos se expressarem, e por fim apresentarem aos colegas, que podem dar sugestões e fazer comentários.

A ideia deste trabalho transdisciplinar é que ao final os alunos possam elaborar um espetáculo e que possam incluir essas descobertas feitas em cada disciplina para apresentar ao público.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais necessários de acordo com a modalidade escolhida (de malabares e/ou acrobacia individual e coletiva).
- Colchão/colchonete para a prática.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Plano de Aula	
Disciplina: Língua Portuguesa	Série: Ensino Médio
Nome do(a) professor(a) regente: -----	
Data de aplicação da regência: -----	Número de aulas: ----
<p>Área do conhecimento: Área de linguagens e suas tecnologias</p> <p>Competência específica 1: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.</p> <p>Competência específica 3: Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.</p> <p>Competência específica 4:</p>	

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica 7:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Temas:

- Análise e produção de discursos nas diversas linguagens e contextos.;
- Planejamento, produção e edição de textos orais, escritos e multissemióticos;
- Circulação e recepção de textos orais e multissemióticos;
- Variação linguística;

- **Objetivos:**

- Compreender a relação entre a linguagem oral e o texto escrito e a expressividade da linguagem corporal circense;
- Explorar a movimentação do corpo (ações corporais), em atividades circenses, e sua potencialidade expressão;
- Relacionar questões sociais retiradas de textos/obra literária com o universo do adolescente e expressar esses sentimentos através das atividades circenses;
- Elaborar uma mini cena circense com base na obra literária e nas discussões e problemas levantados pelos adolescentes;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários,

infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

(EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo. Fazer um levantamento acerca de quais questões familiares, de amizade, de relacionamento amoroso, de pertencimento a sociedade, entre outros os alunos têm sentido, essa pesquisa pode ser feita através de sites como o Mentimeter.

- **Contextualização:** Para contextualizar os temas a serem abordados no conteúdo de Língua Portuguesa sugerimos a obra ‘O Cortiço’, visto que é uma obra lida em anos do Ensino Médio e requerida em vestibulares, além do fato de dialogar com questões vividas pelos adolescentes. O docente pode trabalhar a obra adaptada ou até mesmo com os quadrinhos. Seria interessante um momento em que se utilizasse alguns jogos circenses para exploração do próprio corpo e das emoções.

- **Problematização:** Explorar com os alunos como é possível se expressar sem utilizar a linguagem falado ou escrita, ou seja, utilizando a linguagem corporal das atividades circenses. Dependendo do tempo de aplicação deste plano de aula, o docente pode propor a leitura prévia da obra ‘O Cortiço’, ou a leitura em partes, para que se possa a cada aula discutir alguns capítulos. Em conjunto fazer um levantamento de questões sociais trazidas pelo livro ‘O Cortiço’, como, por exemplo, questões raciais (escravização de Bertoleza); sobre menstruação (Pombinha); questões de gênero (o personagem que tem funções de mulher, como a de lavar roupa) e de caráter sexual (Pombinha, Rita e Léonie); de machismo; questões matrimoniais e familiares (Piedade e Jerônimo); há também problematizações que podem ser feitas em relação a urbanização, a busca pela ascensão social (João Romão), violência policial, imigração, entre outros.

A partir deste levantamento discutir, em conjunto, as questões que são apresentadas pela obra, que foi escrita há mais de 130 anos, e que ainda assim continuam tão pertinentes atualmente. Promover momentos de exploração dos alunos, com a atividade circense em conexão com os temas propostos e levantados pelos alunos e docente. Em seguida pedir que os alunos se dividam em grupos e montem mini cenas a partir de um dos temas, podendo mostrar algo pessoal ou se ater ao fictício. Acreditamos que essas problemáticas levantadas serão sensíveis aos alunos, podendo pedir que eles criem um final alternativo para a cena, na qual o problema colocado em evidência seja solucionado. Nesse processo de criação seria interessante os grupos compartilharem as cenas para que os colegas possam discutir sobre. Preparar as mini cenas para serem apresentadas no espetáculo final.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Livro ‘O Cortiço’, ou adaptação do livro

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Plano de Aula

Disciplina: Língua Inglesa

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 1:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação

social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Competência específica 4:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica 7:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Temas:

- Análise e produção de discursos nas diversas linguagens e contextos.;
- Planejamento, produção e edição de textos orais, escritos e multissemióticos;
- Revisão de vocabulário: partes do corpo, cores, formas geométricas, entre outros;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).

(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

● **Objetivos:**

- Compreender a relação entre os conceitos apresentados na temática e sua relação com as atividades circenses;

- Explorar o vocabulário referente a partes do corpo, movimentação, verbos, entre outros em Língua Inglesa por meio da manipulação de objetos e a prática corporal circense;
- Discutir com os alunos a presença da língua inglesa no nosso cotidiano, inclusive no meio corporal, e suas implicações históricas, (geo)políticas, sociais, econômicas;
- Elaborar, em conjunto, um cartaz em inglês para divulgar (na escola e em meios digitais) o espetáculo final.

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Língua Inglesa e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Conceituar as temáticas através de práticas e brincadeiras circenses, por exemplo, na qual o professor fala uma cor em inglês e os alunos tenham que achar um malabar com aquela cor. Outra prática seria a de um jogo em duplas (ou grupos) em que os colegas têm que pensar uma portagem utilizando as partes do corpo ditas pelo docente (em inglês). Também pode se pensar em um jogo de mímica no qual o aluno/ grupo de alunos escolham uma emoção (podendo introduzir aqui os *idioms*, por exemplo, *to feel blue*) ou ação e utilizando os malabares ou acrobacia (individual ou coletiva) expressar a palavra para que os colegas adivinhem.

- **Problematização:** Explorar com os alunos o uso da língua inglesa no dia a dia deles, seja ao assistir uma série ou filme legendando, no vídeo game, em aplicativos, na escola, entre outros. Discutir como essa proximidade (ou não proximidade) com a língua inglesa facilita o processo de aprendizagem, e comparar com o ensino-aprendizagem de outras línguas, por exemplo, alemão. Levantar questões acerca do porque a Língua Inglesa é a mais falada no mundo, e porque quase todo mundo conhece pelo menos uma palavra em inglês, mesmo sem nunca a ter estudado. Discutir com os alunos a presença da língua inglesa no nosso cotidiano, inclusive no meio corporal (ballet que utiliza o francês, o futebol que utiliza o inglês, etc.), e suas implicações históricas, (geo)políticas, sociais, econômicas.

Evidenciar aos alunos também os diversos países em que a Língua Inglesa é oficial, decolonizar o olhar dos alunos acerca da língua inglesa (podendo falar aqui do Black English, por exemplo).

Elaborar, em conjunto, um cartaz para divulgação do espetáculo, em inglês, podendo se utilizar aqui de uma linguagem mais informal, entrando em contato com diferentes modalidades do uso da língua. Além disso, é possível criar uma mini cena, seja ela cômica e/ou dramática acerca do uso do inglês no nosso dia a dia, do processo de ensino-aprendizagem e de questões levantadas nas discussões.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Malabares necessários para as práticas circenses.
- Colchão/colchonete para a prática.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf

BELL, A. B. **Linguistic Justice Black Language, Literacy, Identity, and Pedagogy**. Routledge, 2020.

SHAMMET, T. **AAVE is not your internet slang. It is Black culture**. The Commonwealth Times, 2021.

Disponível em: <https://commonwealthtimes.org/2021/02/18/aave-is-not-your-internet-slang-it-is-black-culture/> Acesso em 20/02/2021

Plano de Aula

Disciplina: Educação Física

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 1:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

Competência específica 2:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica 3:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

Competência específica 5:

Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

Temas:

- Práticas corporais;
- Processo de criação;
- Corpo, movimento e saúde;
- Consciência corporal;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13LGG103) Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais)

(EM13LGG201) Utilizar as diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir (EM13LGG501) Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.

- **Objetivos:**

- Compreender os conceitos de prática e consciência corporal, do corpo movimento e saúde, assim como o processo de criação e sua relação com o antipodismo;
- Aplicar os conceitos de práticas corporais, consciência corporal e processo de criação ao antipodismo;
- Produzir objetos para a prática do antipodismo;
- Elaborar ao final uma mini cena evidenciando a percepção dos alunos sobre os próprios corpos, utilizando do antipodismo em cena;

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Educação Física e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Uma atividade de contextualização interessante é o docente pedir que os alunos façam ações diárias (como andar, correr, deitar, entre outras) e também que realizem alguma prática da atividade circense propondo que os alunos observem durante e posteriormente como se deu a movimentação do seu corpo. Organizar uma prática, através de um jogo ou brincadeira circense, para aguçar a consciência corporal dos alunos.

- **Problematização:** Explorar o autoconhecimento da capacidade de seus corpos, através de discussões e percepções dos mesmos sobre o próprio corpo. Estimular atividades para que o aluno entre em contato com seus limites e percepções, por exemplo, pedir que eles fechem os olhos e sigam alguns comandos (como pular, girar, estender o braço para alguma direção, etc.) filmar e mostrar para os alunos a dinâmica, com o objetivo de que estes possam ver como eles imaginavam a realização dos movimentos em contraste com o que realmente fizeram.

Propor aos alunos a reflexão de como vemos e tratamos o nosso corpo, muitas vezes de forma mecânica e compartimentalizada, por exemplo, se você pedir a eles que mexam os pés, poucos vão mexer os dedos, a maioria irá só girar os tornozelos e movimentá-los para frente e para trás. Pensar em utilizar um aquecimento no

qual os alunos tenham que movimentar- com o intuito de descobrir os movimentos- cada ‘parte’ do corpo (dedos do pé, peito do pé, tornozelo, joelho, coxas, virilha, etc.), sendo que a cada parte adicionada eles não esqueçam das anteriores. Proporcionar aos alunos um olhar crítico a essas questões do corpo, na atualidade, de um corpo mecânico, sem expressividade.

Dentro da atividade circense uma manipulação de objetos não muito comum é o antipodismo, em que o artista está deitado e manipula objetos com seus pés (há a variação da tranca, que é o jogo entre duas pessoas, porém este requer uma técnica mais aprofundada, por conta dos riscos serem maiores). Explorar com os alunos os diferentes objetos que podem ser manipulados com os pés, podendo até confeccionarem objetos a partir de materiais recicláveis. Permitir que eles explorem o antipodismo individual e em grupos (passe de objetos entre eles).

A partir das discussões e explorações realizadas, elaborar um número circense de antipodismo para ser incluído no espetáculo final, podendo aqui o docente e alunos decidirem por colocarem ou não suas reflexões sobre o corpo em cena.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais necessários para a confecção dos objetos de antipodismo.
- Colchão/colchonete para a prática.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

LOPES, D. C.; PARMA, M. **Construção de malabares**: passo a passo. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2016.

Marco Antonio Coelho Bortoleto. **Atividades circenses**: Pedagogia da Tranca. Youtube, 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4Gnzz9-e4pg&ab_channel=MarcoAntonioCoelhoBortoleto Acesso em 20/03/2021.

Érick Nascimento. **Circo dos sonhos** (antipodismo/tranca). Youtube, 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=InKZPpCrO7Y&ab_channel=%C3%89rickNascimento Acesso em 20/03/2021.

Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias: Biologia, Física e Química

Plano de Aula

Disciplina: Química

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: =====

Área do conhecimento: Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias

Competência específica 1:

Analisar fenômenos naturais e processos tecnológicos, com base nas interações e relações entre matéria e energia, para propor ações individuais e coletivas que aperfeiçoem processos produtivos, minimizem impactos socioambientais e melhorem as condições de vida em âmbito local, regional e global.

Competência específica 3:

Investigar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios das Ciências da Natureza, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Temas:

- Processos de transformação do petróleo;
- Ciclos biogeoquímicos; poluição do solo, água e ar;
- Interferência humana nos ciclos biogeoquímicos;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13CNT307) Analisar as propriedades dos materiais para avaliar a adequação de seu uso em diferentes aplicações (industriais, cotidianas, arquitetônicas ou tecnológicas) e/ ou propor soluções seguras e sustentáveis considerando seu contexto local e cotidiano.

(EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos.

(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica.

(EM13CNT105) Analisar os ciclos biogeoquímicos e interpretar os efeitos de fenômenos naturais e da interferência humana sobre esses ciclos, para promover ações individuais e/ ou coletivas que minimizem consequências nocivas à vida.

- **Objetivos:**

- Compreender a relação entre os conceitos referentes ao processo de transformação de petróleo e o uso de objetos de manipulação circenses não biodegradáveis;
- Aplicar os conceitos dos ciclos biogeoquímicos a produção dos objetos e materiais circenses;
- Discutir o uso de derivados do petróleo para produção dos malabares em grande escala;
- Elaborar ao final das discussões e experimentações diferentes objetos de manipulação feitos a partir de diversos materiais biodegradáveis;

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo. Questionar também se os alunos sabem a origem do plástico e quanto tempo o plástico leva para se decompor na natureza.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Química e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Proporcionar aos alunos um momento de construção de malabares com materiais recicláveis, e em seguida uma prática livre para que os alunos possam experimentar a movimentação, o peso, o voo destes objetos. Discutir com os alunos o consumo em massa de produtos feitos de plástico e como esse consumo afeta o meio ambiente, trazendo o assunto para uma reflexão pessoal do cotidiano deles.

- Problematização: Levando em conta a discussão feita na contextualização, analisar com os alunos a origem do plástico e o seu processo até se formar o produto que consumimos, desde a extração do petróleo, a refinaria, os processos industriais para transformação em polímero para enfim chegar aos diferentes tipos de plástico. Indagar, em conjunto, como esse processo interfere no ciclo biogeoquímico, sugere-se aqui que o docente leve os alunos ao laboratório de informática para que estes busquem artigos sobre o assunto, para em seguida gerar um debate com a sala. Em conjunto, propor soluções e ações do cotidiano para a diminuição do impacto da produção de plástico no meio ambiente e do descarte inadequado. Apresentar aos alunos uma nova teoria sobre uma nova era geológica (Antropoceno) que estamos vivendo, marcada pelo consumo de plástico, e como este tem alterado o solo e a natureza, esta apresentação pode ser feita através de filmes ou artigos que tratam do assunto.

Depois de analisar, discutir e encontrar soluções para estes problemas, pensar em como os alunos construíram objetos de manipulação circense através de materiais recicláveis, e propor a eles que pensem em outros materiais biodegradáveis que possam ser utilizados para construir estes e outros objetos de manipulação, inclusive instigando que os alunos procurem inspiração na natureza, por exemplo, utilizar galhos para fazer um *devil stick* ou folhas de árvores como objeto de manipulação, etc.

Elaborar ao final das discussões uma mini cena, para integrar o espetáculo final, na qual os alunos podem trazer as problemáticas tratadas sobre o plástico, utilizando os objetos de manipulação feitos por eles.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Pedir que os alunos tragam o material necessário para fazer seus objetos de manipulação, de acordo com a pesquisa de cada grupo.
- Colchão/colchonete para a prática.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

LOPES, D. C.; PARMA, M. **Construção de malabares: passo a passo**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2016.

Lorax: em busca da trúfula perdida. Diretor Chris Renaude. Estados Unidos: Studio Universal, 2012.

The Story of Stuff (2007, versão oficial). Canal Youtube: The Story of Stuff Project, 2007. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9GorqroigqM&ab_channel=TheStoryofStuffProject Acesso em 18/03/2021.

Onde seu plástico reciclado acaba. Canal Youtube: The Story of Stuff Project, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=urFZ5o0az_4&ab_channel=TheStoryofStuffProject Acesso em 18/03/2021.

Seaspiracy. Produção Kip Andersen. Estados Unidos: Distribuidora Netflix, 2021.

Plano de Aula

Disciplina: Biologia

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias

Competência específica 3:

Investigar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios das Ciências da Natureza, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Temas:

- Uso inapropriado da ciência;
- Capacitismo;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13CNT301) Construir questões, elaborar hipóteses, previsões e estimativas, empregar instrumentos de medição e representar e interpretar modelos explicativos, dados e/ou resultados experimentais para construir, avaliar e justificar conclusões no enfrentamento de situações-problema sob uma perspectiva científica.

(EM13CNT305) Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade.

- **Objetivos:**

- Compreender a relação entre a história do universo circense e o capacitismo e ética na ciência;
- Refletir sobre os conceitos de capacitismo e ética da ciência ao universo da atividade circense;
- Discutir como aspectos físicos-biológicos foram e são usados como forma de discriminação, de capacitismo, e de segregação;
- Elaborar ao final do levantamento e discussões uma mini cena problematizando as questões abordadas, através da palhaçaria e/ou utilizando-se de alguma modalidade circense.

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de biologia e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Conceituar as temáticas através do circo tradicional, em que se tinha o “show de horrores” (*Freak Show* em inglês), ato em que pessoas com deficiência eram expostas e tinham seus corpos explorados e objetificados como entretenimento, como motivo de riso e humilhação.

- **Problematização:** Através de produções audiovisuais explorar com os alunos como que essas relações de exploração se davam, uma indicação de filme é *Freaks* (Monstros), de 1932 e mais recente a série *American Horror Story: Freak Show* de 2015. Ambas as produções adotam personagens reais como a das gêmeas Pip e Flip, que tinham microcefalia. Há rumores de que o personagem de desenho animado *Shrek* teria sido inspirado no russo Maurice Tillet que tinha a síndrome de acromegalia. Outra história que foi contada em filmes (*Black Venus* de 2011) é a de Sarah Baartman, uma mulher negra escravizada que foi exibida (às vezes em jaula) em

circos e feiras, Sarah tinha uma condição genética denominada esteatopigia, ela foi submetida a estudos por médicos e cientistas.

Com os alunos familiarizados com os conceitos e como essas relações de discriminação, capacitismo e segregação aconteciam na prática do circo tradicional, discutir como que hoje a sociedade lida com pessoas com deficiência, e problematizar essas situações. A partir das discussões realizadas, elaborar, em grupos uma mini cena circense que aborde essa temática e toda a discussão levantada pelos alunos e professores. A mini cena pode ser realizada de forma a conter uma habilidade da atividade circense, seja da palhaçaria, malabarismo, etc. Por fim, apresentar aos colegas a mini cena produzida, utilizando-se dos conceitos aprendidos e do universo circense.

A ideia deste trabalho transdisciplinar é que ao final os alunos possam montar um espetáculo e que possam incluir essas descobertas feitas em cada disciplina para apresentar ao público.

OBS.: É importante ter cuidado e atenção ao abordar estes temas em sala de aula, pois atualmente nas escolas temos alunos com deficiência, e alunos de diferentes etnias e que podem ser alvo de bullying por colegas de sala.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Se o professor optar pelo uso de alguma modalidade circense incluir aqui os materiais necessários.
- Colchão/colchonete para a prática.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf

PARKINSON, J. **Sarah Baartman**: a chocante história da africana que virou atração de circo. BBC, 2016. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab

Freaks. Direção: Tod Browning. Estados Unidos: 1932.

Black Venus. Direção: Abdellatif Kechiche. França: distribuidora IMOVISION, 2010.

American Horror Story: Freakshow. Estados Unidos: distribuidora FX, 13 episódios, 2014-2015.

Plano de Aula

Disciplina: Física

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias

Competência específica 1:

Analisar fenômenos naturais e processos tecnológicos, com base nas interações e relações entre matéria e energia, para propor ações individuais e coletivas que aperfeiçoem processos produtivos, minimizem impactos socioambientais e melhorem as condições de vida em âmbito local, regional e global.

Competência específica 3:

Investigar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios das Ciências da Natureza, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Temas:

- Conservação da energia (trabalho mecânico; potência; energia cinética; energia potencial gravitacional; conservação da energia mecânica; forças conservativas; energia potencial elástica);
- Lançamento oblíquo;
- Força (Peso; Normal);
- Grandezas escalares e vetoriais;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13CNT101) Analisar e representar, com ou sem o uso de dispositivos e de aplicativos digitais específicos, as transformações e conservações em sistemas que envolvam quantidade de matéria, de energia e de movimento para realizar previsões sobre seus comportamentos em situações cotidianas e em processos produtivos que

priorizem o desenvolvimento sustentável, o uso consciente dos recursos naturais e a preservação da vida em todas as suas formas.

(EM13CNT106) Avaliar, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais, tecnologias e possíveis soluções para as demandas que envolvem a geração, o transporte, a distribuição e o consumo de energia elétrica, considerando a disponibilidade de recursos, a eficiência energética, a relação custo/benefício, as características geográficas e ambientais, a produção de resíduos e os impactos socioambientais e culturais.

(EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos.

- **Objetivos:**

- Compreender a relação entre o malabarismo circense e a Cinemática e Dinâmica;
- Aplicar os conhecimentos de Lançamento Oblíquo e Leis de Newton ao malabarismo circense;
- Elaborar materiais de manipulação circense, aplicando as Leis de Newton em sua construção.

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, se já assistiram a algum espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, se já tentaram jogar duas ou três bolinhas de manipulação, etc. Para introduzir ao aluno as técnicas de manipulação sugerimos o uso do tule, por ser leve, o tule sofre mais resistência do ar, “consequentemente, conferem ao lenço um tempo de queda maior depois de lançado, ou seja, ele permanece por um período mais longo no ar antes de atingir o chão, se comparado com aparelhos como: bola, clave ou aro de malabares.” (LOPES; PARMA, 2016, p. 32). Após os alunos confeccionarem os tules (60x60 cm e com as decorações que quiserem), e se familiarizarem com os lançamentos pode ser apresentado a eles os malabares com bolinhas, que também podem ser confeccionadas, com diferentes tamanhos e pesos.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Física e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Partindo de uma prática em que se utilize os objetos de manipulação, para em seguida transmitir os conceitos dos temas a serem abordados. É interessante propor aos alunos uma prática livre, estimulando a criatividade e familiaridade com o (s) objeto (s) escolhidos, aguçando a criatividade também através da observação, por exemplo, ao assistir a um número de manipulação feito com sacolas plásticas de Misha Usov, ou o vídeo de Jay Gilligan, em que ele explica a evolução do

malabarismo e demonstra a manipulação com diferentes objetos, inclusive novelos de lã, e também o vídeo do canal “Funicular Juggling” no youtube em que eles apresentam os objetos de manipulação mais estranhos e diferentes que o artista Zak MacAllister desenvolve e utiliza em suas apresentações.

- Problemática: Com os alunos familiarizados com os conceitos e com os objetos de manipulação circense, questionar sobre como os temas levantados podem ser utilizados na experiência que tiveram, de forma a melhorar o empenho dos alunos na manipulação e nos lançamentos destes objetos. Propor aos alunos que utilizem da linguagem específica da Física para descreverem a prática, como ao invés de “lançar a bola para cima”, usarem “aplicar uma força em um ângulo de cerca de 60°”, “absorver a energia cinética”, entre outros.

Refletir em conjunto sobre como os conceitos da disciplina se aplicam nos diferentes objetos utilizados, por que o tule demora mais a cair do que uma bolinha, por que a bolinha maior e mais pesada cai mais rápido que a bolinha menor e mais leve. A partir das observações, experimentações e reflexões, elaborar algum objeto de manipulação diferente dos tradicionais, levando em consideração os conteúdos e conceitos abordados, a segurança do praticante e a viabilidade de produzir aquele objeto.

Por fim, apresentar aos colegas o objeto produzido, utilizando-se dos conceitos aprendidos e da prática corporal do universo circense, além de incorporar a manipulação destes objetos no espetáculo final.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Objetos de manipulação circense (tule, bolinhas, entre outros)
- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais para a confecção de diferentes objetos de manipulação (pode ser pedido ao aluno que tragam de suas casas, que sejam materiais recicláveis, etc);

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

LOPES, D. C.; PARMA, M. **Construção de malabares**: passo a passo. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2016.

USOV, M. **Juggler with plastic bags**. Youtube, 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=p2fJeVkUC_Y&ab_channel=MishaUsov. Acesso em: 20/03/2021.

TEDxTalks. **The evolution of juggling**, de Jay Gilligan no TEDxHelsinki. Youtube, 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YB_sfnwbgvk&ab_channel=TEDxTalks. Acesso em: 20/03/2021

Funicular Juggling. **Zac MacAllister's weird props**. Youtube, 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Cq_xtkWxnO4&ab_channel=FunicularJuggling Acesso em: 20/03/2021.

Circus Unicamp. **Jogos de Malabares- Lenço**. Youtube, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Z5xWeVNWKqA&ab_channel=CircusUnicamp Acesso em: 20/03/2021.

Área da Matemática e Suas Tecnologias

Plano de Aula

Disciplina: Matemática

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: -----

Área do conhecimento: Área da Matemática e Suas Tecnologias

Competência específica 1:

Utilizar estratégias, conceitos e procedimentos matemáticos para interpretar situações em diversos contextos, sejam atividades cotidianas, sejam fatos das Ciências da Natureza e Humanas, das questões socioeconômicas ou tecnológicas, divulgados por diferentes meios, de modo a contribuir para uma formação geral.

Competência específica 3:

Utilizar estratégias, conceitos, definições e procedimentos matemáticos para interpretar, construir modelos e resolver problemas em diversos contextos, analisando a plausibilidade dos resultados e a adequação das soluções propostas, de modo a construir argumentação consistente.

Competência específica 5:

Investigar e estabelecer conjecturas a respeito de diferentes conceitos e propriedades matemáticas, empregando estratégias e recursos, como observação de padrões, experimentações e diferentes tecnologias, identificando a necessidade, ou não, de uma demonstração cada vez mais formal na validação das referidas conjecturas.

Temas:

- Sequências numéricas;
- Função exponencial;
- Progressão geométrica e aritmética;
- Transformações isométricas e homotéticas;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13MAT105) Utilizar as noções de transformações isométricas (translação, reflexão, rotação e composições destas) e transformações homotéticas para construir figuras e analisar elementos da natureza e diferentes produções humanas (fractais, construções civis, obras de arte, entre outras).

(EM13MAT312) Resolver e elaborar problemas que envolvem o cálculo de probabilidade de eventos em experimentos aleatórios sucessivos.

(EM13MAT507) Identificar e associar progressões aritméticas (PA) a funções afins de domínios discretos, para análise de propriedades, dedução de algumas fórmulas e resolução de problemas.

(EM13MAT508) Identificar e associar progressões geométricas (PG) a funções exponenciais de domínios discretos, para análise de propriedades, dedução de algumas fórmulas e resolução de problemas.

- **Objetivos:**

- Compreender a relação entre matemática e os truques de mágica presentes no universo circense;
- Aplicar os conhecimentos de sequência numérica, progressão geométrica e aritmética nos truques de mágica;
- Elaborar truques mágicos aplicando os conhecimentos matemáticos aprendidos;

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, se já assistiram a algum espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, se já assistiram a algum truque de mágica, se já decifraram alguma mágica, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Matemática e como os alunos podem percebê-los no âmbito da atividade circense. Apresentar aos alunos um vídeo com truques de mágica, que envolva a matemática, por exemplo, o espetáculo dos Matemáticos. É interessante o docente discutir como os alunos acham que as mágicas foram feitas e quais os conceitos matemáticos que podem estar envolvidos.

- Problematização: Refletir em conjunto sobre como os conceitos da disciplina se aplicam nos truques de mágica, por exemplo, no espetáculo dos Matemáticos no qual eles utilizam três dados para um jogo de “adivinhação”, deixar os alunos discutirem e chegarem a uma solução. A mágica com os dados se dá da seguinte forma: um espectador é escolhido para embaralhar três dados (são dados grandes, de mais ou menos 25 cm) e empilhá-los, enquanto o espectador realiza esta ação, o mágico está vendado, o espectador leva o mágico até os dados e coloca a mão dele no topo da pilha, dando a resposta da soma das faces escondidas, o espectador é encorajado a fazer a soma e verificar o número. Isto acontece porque a soma das faces escondidas dos três dados sempre soma o número 21, então o mágico, através do tato, descobre o número da face que está no topo e subtrai de 21, dando a resposta correta.

Outro truque de mágica muito famoso contendo números é “Adivinhando o número”, por meio de operações básicas, como subtração e adição, os espectadores seguem cinco comandos: 1- Pense em quatro algarismos distintos, desde que não seja o zero; 2- Com os mesmos números que você utilizou, forme outro número com os mesmos algarismos; 3- Subtraia o maior número formado pelo menor; 4- Some os algarismos que formam o resultado entre si. Ex.: $1234 = 1+2+3+4$; 5- Sobraram dois algarismos! Some-os entre si novamente. Ex.: $12 = 1+2$. Após seguir as cinco etapas, o mágico adivinha o resultado das operações feita pelo espectador.

Esses são alguns exemplos de truques de mágica que podem ser feitos em conjunto com os saberes da matemática, a ideia é que em conjunto, os alunos descubram as explicações matemáticas e façam o uso delas.

A partir dessas observações, experimentações e reflexões, elaborar algum truque de mágica- contendo matemática- diferente das que foram colocadas pelo docente, e elaborar um número de mágica para fazer parte do espetáculo final.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais para a confecção dos objetos a serem utilizados na mágica (dados, cartas, etc.)

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

LOPES, D. C.; PARMA, M. **Construção de malabares**: passo a passo. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2016.

O truque do aniversário- Explicação Matemática. Youtube Canal Sigmaweb, 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ACGtU_msmYw&ab_channel=sigma3web Acesso em: 20/03/2021.

Isto é Matemática- T06E03 Circo Matemático. Youtube Canal Sigmaweb, 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=PmABW7tj8Fk&ab_channel=sigma3web Acesso em: 20/03/2021.

Área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas: História, Sociologia, Geografia e Filosofia

Plano de Aula

Disciplina: História

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Competência específica 1:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Competência específica 2:

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Competência específica 5:

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Temas:

- Usos do espaço: processos civilizatórios, sedentarização e deslocamentos na configuração territorial em diferentes temporalidades;
- Processos migratórios, suas motivações e desdobramentos;
- A herança cultural e a valorização da memória e do patrimônio histórico material e imaterial.;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

• **Objetivos:**

- Compreender a relação entre os diferentes momentos da atividade circense e seu uso do espaço/tempo;
- Refletir sobre os conhecimentos do processo civilizatório (sedentarização e deslocamento) presentes na disciplina e sua relação com as transformações do fazer circense;
- Relacionar a historiografia do circo com a historiografia dos sistemas sociais (político, econômico e cultural);
- Elaborar uma mini cena de circo-teatro evidenciando o desenvolvimento da linguagem circense em diferentes espaços e tempos, e sua relação com as continuidades e rupturas, permanências e mudanças dos sistemas sociais (político, econômico e cultural);

• **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de História e como os alunos podem percebê-los no âmbito do universo circense. Conceituar as temáticas através de

perguntas sobre o universo circense, por exemplo, se já viram um circo de lona itinerante, uma escola de circo na cidade, ou um artista que se apresenta no semáforo. Seria interessante também o docente perguntar aos alunos se eles sabem a origem do circo e outras questões históricas ligadas às atividades circenses, esses questionamentos podem ser feitos, por exemplo, através de um quiz (podendo ser online, via kahoot, forms e/ou outros aplicativos de ensino).

- Problematização: Explorar e discutir com os alunos as respostas às questões já colocadas e relacioná-las aos conteúdos da disciplina, por exemplo, quando se pensa na origem do circo, qual foi a época que os alunos mais sugeriram, ou das personagens circenses que eles mais conheciam (bobo da corte, palhaço, equilibrista, entre outros.).

Investigar, em conjunto, os períodos históricos em que temos registro das produções circenses e como a forma de se fazer circo se transforma de acordo com os diferentes períodos e épocas da história, chegando até hoje. Propor aos alunos questionamentos, para que relacionem a evolução histórica e a transformação no fazer circense (do circo de lona até as escolas de circo que vemos hoje).

Elaborar, em conjunto, a historiografia do circo assim como uma linha do tempo dos sistemas sociais (político, econômico e cultural), fundamentando-as a partir do estudo da história e da pesquisa científica. Quando falamos em linha do tempo ou historiografia é importante lembrar das discussões acerca do ensino desta temática (Sônia R. Miranda, Lana Sima, entre outros), que levantam problemáticas sobre como se pensa a passagem do tempo, como se o tempo fosse realmente uma linha reta e que esse processo de evolução do tempo significa avanço. O que se defende é uma visão panorâmica e integradora acerca do ensino do tempo.

Além disso, a linha do tempo, normalmente compreendida somente no singular, pressupõe muitas linhas paralelas, o que ancora a construção da compreensão de simultaneidade e permite, ao estudante, a percepção de que determinados aspectos se cruzam na experiência temporal compartilhada. Isso significa dizer que linhas do tempo pautadas em uma vida, desconectadas de outras, pouco ou nada favorecem essa compreensão (MIRANDA, 2013, p.51)

Propomos então que as linhas do tempo, do surgimento e desenvolvimento do circo, assim como a do sistema social (político, econômico e cultural) sejam pensadas partindo do presente e não do passado, para formular inquietações no tempo presente e através de fontes analisar e aprofundar as questões até o passado. É interessante que as linhas do tempo sejam feitas separadamente, mas que ao final sejam colocadas juntas para que se possa, com essa comparação chegar a reflexões sobre o desenvolvimento (continuidades e rupturas, permanências e mudanças) do circo ao longo da história e sua relação com o sistema social (político, econômico e cultural) vigente nas sociedades. É importante pensar na representação visual das historiografias, que não

necessariamente precisam ser feitas em linhas retas, e quando colocadas juntas podem se misturar, se enrolando uma na outra.

Ao final da elaboração das historiografias criar, em conjunto, uma mini cena de circo-teatro em que o corpo realizando uma atividade circense possa demonstrar essa passagem do tempo e suas continuidades e rupturas, permanências e mudanças no desenvolvimento do circo e dos sistemas sociais (político, econômico e cultural).

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais necessários para fazer a linha do tempo

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Entrevista com Ermínia Silva. Site: Escola Pernambucana de Circo, 2017. Disponível em: <https://www.escolapecirco.org.br/website/noticias/entrevista-erminia-silva/>. Acesso em: 20/03/2021.

NEAD UNICENTRO. **História do circo.** Youtube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1w3aAHDq5BE&ab_channel=NeadUnicentro. Acesso em: 20/03/2021.

CADENA PRODUÇÕES. **História do Circo: 27 Mil Anos de Proezas Insólitas**, com Alice Viveiros de Castro. Youtube, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6C7HQeB8v-g&ab_channel=cadenaproducoes Acesso em 20/03/2021

OLIVEIRA, S. R. F. **O tempo, a criança e o ensino de História.** In: SABONGI, V. L.; ZAMBONI, E. (Org.) Quanto tempo o tempo tem! Campinas (SP): Alínea, 2003. p.145-172.

WHITROW, G. **O Tempo na História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MIRANDA, S. N. **Temporalidades e cotidiano escolar em redes de significações**: desafios didáticos na tarefa de educar para a compreensão do tempo. In: Revista História Hoje, v. 2, nº 4, p. 35-79 – 2013.

Plano de Aula

Disciplina: Sociologia

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas

Competência específica 1:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Competência específica 2:

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Competência específica 5:

Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Temas:

- Assimilação;
- Processos de gentrificação em territorialidades urbanas;
- Grupos sociais com vínculo identitário e a conformação do espaço social;
- Diferentes concepções de liberdade na sociedade: empreendedorismo; autonomia, cooperação e solidariedade;
- Divisão social do trabalho;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

● **Objetivos:**

- Compreender a relação entre os conceitos de gentrificação e divisão social do trabalho ao universo circense itinerante;
- Discutir questões que envolvem a fixação dos circos itinerantes, o desenvolvimento de sua identidade, a rotina do trabalho circense itinerante, entre outros;
- Aplicar os conceitos de liberdade, empreendedorismo, autonomia, cooperação e solidariedade à organização do espetáculo final;

● **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Sociologia e como os alunos podem percebê-los no âmbito do universo circense. Conceituar as temáticas através de perguntas sobre o circo itinerante, por exemplo, se já viram um circo de lona itinerante se fixar em regiões centrais e/ou privilegiadas da cidade, se conhecem alguma escola de circo, se acreditam que o circo itinerante e as pessoas que trabalham nele são livres e como se dá o dia a dia dentro daquele espaço.

- Problematização: Explorar e discutir com os alunos as respostas às questões já colocadas e relacioná-las aos conteúdos da disciplina, como, por exemplo, a questão da gentrificação e fixação dos circos itinerantes nas cidades, que se dá sempre as margens da mesma, se os artistas circenses são ou não estigmatizados (aqui pode se evidenciar alguns preconceitos e falta de informação através de expressões usuais como “isso aqui está um circo”, “palhaçada”, “ver o circo pegar fogo”, etc.).

Questionar como se deu o processo do surgimento das escolas de circo e o desenvolvimento do ensino das atividades circenses- fenômeno recente-, que antes eram restritas ao circo tradicional, aqui cabe discutir o processo de assimilação.

Sobre a liberdade em ser artista de circo itinerante, é importante observar se os alunos trouxeram questionamentos referentes as limitações, sejam elas geográficas, sociais, econômicas, entre outras. Por fim entrar nas questões sobre como é a vida de um artista itinerante e o funcionamento do circo. Nos circos de lona geralmente o artista que se apresenta exerce outras funções, como por exemplo, ficar na bilheteria, (gerando um senso de autonomia e cooperação) em contrapartida a nossa realidade, na qual vivemos uma especialização do trabalho. Para um espetáculo acontecer, todos têm conhecimento acerca do processo que precisa ser realizado, seja do montar da lona, da estrutura dos aparelhos, de maquiagem, figurino, entre outros.

Propor aos alunos que os mesmos se envolvam na montagem do espetáculo final, que exerçam a autonomia e coletividade ao se responsabilizarem pela confecção dos figurinos, da montagem do cenário- elaborando uma forma de angariar fundos, praticando o empreendedorismo- da mixagem da trilha sonora e sonoplastia, na venda da pipoca, na bilheteria, entre outros elementos necessários para o espetáculo acontecer.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais básicos necessários para montagem de figurino, cenário, entre outros.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Circenses - A vida além do picadeiro, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=kadI-2tMSB4&ab_channel=FelipeNascimento

Conheça a vida de quem vive em circos e faz apresentações itinerantes, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=C59wp6v5Quk&ab_channel=SinalVerdeCaxias

Plano de Aula

Disciplina: Geografia

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----

Número de aulas: ----

Área do conhecimento: Área de ciências humanas e sociais aplicadas

Competência específica 1:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica

Competência específica 2:

Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

Competência específica 3:

Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

Competência específica 4:

Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

Tema:

- Território e fronteira;

- Indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética;
- Tempo e espaço;

Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Objetivos:

- Compreender a relação dos conceitos de território e fronteira, assim como tempo e espaço e o circo itinerante;
- Aplicar os conceitos de indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética ao universo circense itinerante;
- Discutir e achar soluções para possíveis problemas que se encontre em relação ao impacto e transformações que o circo itinerante possa causar;
- Elaborar ao final do levantamento esquetes abordando as questões geográficas da itinerância circense.

Desenvolvimento

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo em uma lona de circo itinerante, se já viram um artista de rua se apresentando, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Geografia e como os alunos podem percebê-los no âmbito do universo circense. Conceituar as temáticas por meio da itinerância do circo, questionar como os circos tradicionais escolhem os espaços para se fixar, quais relações estabelecem com esse espaço, e com a comunidade que ali vive, entre outras questões relacionadas a itinerância (como território, tempo, espaço e sociedade). Realizar uma visita (se possível) a uma lona de circo que está

fixada na cidade, ou por meio de uma vídeo chamada, para que os alunos possam conhecer a estrutura e esse modo de vida. Instigar os alunos a fazerem perguntas e observações acerca dos temas a serem estudados.

- Problemática: Discutir os conceitos da disciplina e como esses conhecimentos fazem parte de vida dos circos itinerantes. Por meio de pesquisa encontrar padrões geográficos que foram favoráveis as instalações de circos itinerantes e quais fatores não são favoráveis. Elaborar, em grupos, uma pesquisa de campo e/ou científica sobre o impacto (geográfico, ambiental, cultural, social, econômico, etc.) causado pelos circos itinerantes. Além da elaboração de mapas temáticos feitos por meio de análise da ocupação do espaço e seus processos de transformação. Propor soluções para problemas que podem ser levantados nessas pesquisas.

A ideia deste trabalho transdisciplinar é que ao final os alunos possam elaborar um espetáculo e que possam incluir essas descobertas feitas em cada disciplina para apresentar ao público. Aqui o professor pode pensar em esquetes que os alunos criem abordando as questões geográficas (e de outras disciplinas) da itinerância circense.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Caixa de som
- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais necessários para uma pesquisa de campo e/ou científica.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

ÁVILA, F. S. **Território circense**. 2008. xiv, 125 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96698>

Plano de Aula

Disciplina: Filosofia

Série: Ensino Médio

Nome do(a) professor(a) regente: -----

Data de aplicação da regência: -----	Número de aulas: -----
<p>Área do conhecimento: Área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas</p> <p>Competência específica 2: Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.</p> <p>Competência específica 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.</p> <p>Temas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Direitos humanos; ● Fundamentos da ética; ● Narrativas e teses filosóficas sobre justiça social, solidariedade, igualdade e equidade em diferentes períodos históricos; 	
<p>Habilidades da Base Nacional Comum Curricular:</p> <p>(EM13CHS206) Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.</p> <p>(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.</p> <p>(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ● Objetivos: <p>- Compreender a relação entre os conceitos de direitos humanos e fundamentos da ética com o universo circense itinerante;</p> <p>- Discutir questões que envolvem a fixação dos circos itinerantes e o direito a educação escolar dos artistas;</p> <p>- Aplicar estes conhecimentos na confecção de uma cartilha sobre o direito a educação de artistas itinerantes;</p>	

- **Desenvolvimento**

- **Levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos:** Fazer um levantamento breve com os alunos sobre os conhecimentos prévios necessários para o efetivo entendimento do conteúdo a ser introduzido. Aguçar a curiosidade dos alunos através de perguntas sobre o universo circense, o que conhecem, se já foram a um espetáculo, se já viram um artista de rua se apresentando, etc.

- **Contextualização:** A ideia é que o docente contextualize os temas a serem abordados no conteúdo de Filosofia e como os alunos podem percebê-los no âmbito do universo circense. Conceituar as temáticas através de perguntas sobre o circo itinerante, por exemplo, se já viram um circo de lona itinerante e se foram assistir as apresentações debaixo da lona, se já estudaram na escola com alguma criança e/ou adolescente de circo itinerante, e como eles acham que os artistas, crianças e jovens estudam.

- **Problematização:** Explorar e discutir com os alunos as respostas às questões já colocadas e relacioná-las aos conteúdos da disciplina, como, por exemplo, aprimorar com os alunos a investigação científica pedindo que estes procurem no Estatuto da Criança e do Adolescente, assim como na Declaração Universal dos Direitos Humanos algum artigo que garanta o acesso à educação por crianças e jovens (Artigo 53 e 26 respectivamente). Após encontrar os artigos, investigar com os alunos se a escola em que estudam já recebeu ou recebe no momento algum aluno de circo itinerante, se sim seria interessante procurar o aluno para uma entrevista. Questionar aos alunos se eles acham que existe uma lei para amparar pessoas com vida itinerante, propor a eles que pesquisem sobre. Se os alunos não encontrarem a lei, apresentar a eles o artigo 29º da Lei 6.533 de 24 de maio de 1978 que assegura o direito a matrícula nas escolas a artistas itinerantes.

Organizar, em conjunto, uma entrevista semiestruturada para colher dados sobre o conhecimento do corpo docente e dos funcionários da escola acerca desta lei, seria interessante na entrevista questionar se estes profissionais acreditam que a estrutura escolar em que trabalham está apta a receber alunos itinerantes.

Propor aos alunos que desenvolvam uma cartilha que contenha as informações por eles pesquisadas, e que essa cartilha possa ser distribuída na escola em que estudam e em outras escolas, para que assim o corpo docente possa tomar conhecimento dos direitos dos alunos de circo itinerante -e talvez se prepararem para algum dia receberem um aluno itinerante.

- Recursos Didático-pedagógicos

- Acesso a um ambiente diferente da sala de aula (pátio, quadra, jardim, etc.)
- Lousa
- Computador e internet
- Projetor e pendrive
- Materiais para a confecção das cartilhas.

● Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Lei no 6.533, de 24 de maio de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 de maio de 1978. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

Crianças de Circo Estudam?, 2017. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=St-e-i5ihXM&ab_channel=NinaCampello

A seguir exploramos as propostas de jogos circenses, organizando-as em quadros para melhor entendimento.

3.3 Jogos de instrumentalização

O jogo ou a brincadeira é muitas vezes renegado nas escolas, ignorando seu potencial de socialização, de desenvolvimento cognitivo e motor, de estímulo a

criatividade. Quando bem planejado e com objetivos claros, o jogo ou a brincadeira, proporcionam uma volta ao lúdico, além de ser um facilitador na aprendizagem.

[o jogo] tem como uma das características a evasão da vida real (HUIZINGA, 2004), o que permite ao jogador abstrair-se das atividades diárias (trabalhos, estudos, etc.), muitas vezes estressantes, para recompor-se. Essa interrupção revela-se importante, pois é durante ela que o sujeito cria. Estando livre das amarras das obrigações e das pressões o potencial criativo pode ser libertado (BORTOLETO; PINHEIRO; PRODÓCIMO, 2011, p. 15)

Com o propósito de auxiliar os docentes na aplicação dos planos de aula, organizamos alguns jogos circenses nos quadros a seguir. O modelo de quadro segue o proposto por Duprat (2007)

que inclui a denominação do jogo, espaço requerido, duração, idade recomendada, número de participantes, nível de dificuldade, material necessário, uma descrição inicial (regras e procedimentos), as possíveis variações e medidas de segurança, como mostra o Quadro 4. Esta estrutura pode ser adaptada a qualquer tipo de jogo, a qualquer idade, diferentes níveis de prática e a quase todas as realidades escolares. Tornando-se um instrumento inspirador para os professores e uma possibilidade para os alunos, que podem ser indagados a criarem novos e diferentes jogos, ampliando o entendimento destas manifestações. (DUPRAT, 2007, p. 62)

Em uma busca cada vez mais clara e objetiva dessa instrumentalização tentamos colocar nos quadros os links de vídeos que exemplifiquem de maneira visual os jogos. Para jogos já existentes tomamos a liberdade de sistematizar alguns que foram experienciados em alguns cursos e momentos ao longo da experiência da pesquisadora com a pedagogia da atividade circense. Outros foram idealizados pela pesquisadora, que gravou e editou vídeos, disponibilizando o link do youtube para acesso. Algo importante a pontuar é que vemos, pela prática pessoal, que as atividades circenses não são criadas e renovadas por uma pessoa só, por isso acreditamos que a idealização destes jogos propostos por nós tem um pouco da prática de cada educador e instrutor de atividade circense pelo qual houve trocas muito enriquecedoras.

Achamos essencial reiterar que a segunda metade do desenvolvimento desta dissertação ocorreu durante os anos pandêmicos de 2020 e 2021, limitando muito as possibilidades de gravação em grupo, por este motivo não conseguimos explorar todos os jogos presentes nos quadros expostos a seguir.

Jogos idealizados pela pesquisadora:

Quadro 2			
Denominação	O que eu sinto	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Objetos de manipulação variados		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Um aluno um grupo de alunos deverá, por meio da expressão corporal e com o uso de algum dos malabares a disposição, expressar um sentimento escolhido para que o restante dos colegas perceba qual sentimento está sendo expresso.		
Variações	-----		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 3			
Denominação	Que objeto é esse?	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	Básico/ intermediário
Material necessário	Objetos de manipulação variados e/ou objetos do cotidiano.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Colocar um dos malabares ou outro objeto de uso cotidiano (podem ser colocados todos de uma vez ou ir trocando ao longo da atividade). Formar uma roda com os alunos, em que os objetos fiquem no centro. Um aluno por vez deverá ir ao centro e fazer uma cena na qual o objeto seja ressignificado.		
Variações	-----		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 4			
Denominação	Twister acrobático	Idade recomendada	A partir de 7 anos

Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais a vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	intermediário
Material necessário	Caixa de som, tatames (EVA)/colchonete ou colchão sarneige		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	O professor deverá a cada rodada redefinir o número de pessoas por grupo, os alunos têm que se reagrupar rapidamente e seguir as ordens do professor, que consiste em dizer quais e quantas partes do corpo podem tocar no chão, os alunos terão o tempo deles para pensar e formar uma figura de acrobacia coletiva seguindo o que foi dito. Por exemplo, ao falar que o grupo é formado por 2 pessoas e a parte do corpo em contato com o chão só dois pés, os alunos podem fazer a figura de acrobacia coletiva chamada 'bandeira'. Em um grupo de 3 pessoas o docente pode ditar que as partes do corpo são 4 mãos e 4 pés, podendo os alunos formar uma pirâmide em 4 apoios.		
Variações	É interessante o professor variar o número de alunos por grupo e as partes do corpo, propondo desafios para os alunos.		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 5¹⁶

Denominação	Malabares na mesa	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Bola de malabares, mesa ou chão lisos		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Individualmente os alunos poderão experimentar o jogo de malabares com apoio, pensando em variações no número de bolas, na velocidade, nas direções, em uma superfície plana, podendo explorar posteriormente superfícies com relevo, etc.		
Variações	-----		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 6 ¹⁷			
Denominação	Malabares na mesa em conjunto	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	Mínimo 2
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Bola de malabares, mesa ou chão lisos		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Depois de explorar individualmente os malabares em uma superfície, começar em duplas a explorar os padrões de deslizamento, velocidade e quantidade de bolinhas. Por exemplo deslizar a bola e colocar a mão na cabeça, dar um giro, mudar a direção do olhar (para a mesa, para o outro jogador), cruzar os braços no momento de fazer o deslize da bola, etc. Experimentar diferentes inclinações se possível e cada vez mais incluir outros participantes. Aqui é interessante observar o padrão de cima, se puder ser realizado algum vídeo para que os alunos observem seria enriquecedor.		
Variações	Variar a mesa (uma mesa retangular para uma mesa redonda) ou superfície		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 7			
Denominação	Ritmo e nível	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	Indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Malabares diversos, caixa de som		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Colocar músicas que apresentem diferentes sensações de velocidade, deixar alguns malabares pelo espaço. Pedir aos alunos que se movimentem utilizando os malabares, ao longo do jogo o docente pode lembrá-los de utilizar os diferentes níveis (baixo, médio, alto) e as diferentes velocidades e suas variações (lenta, pouco lenta, pouco rápida, rápida), assim como as direções do caminhar. Lembrando que aqui os alunos podem se utilizar das acrobacias também, se o espaço for apropriado.		
Variações	O professor pode parar a música e pedir que criem uma figura em conjunto com os malabares (ex. dois bambolês podem ser uma bicicleta)		

Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.
-----------------------------	-------------------------------

Quadro 8

Denominação	O equilibrista	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Variados malabares: aro, bola, clave, caixa, bambolê, entre outros		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Um aluno será o equilibrista. O professor deve delimitar a distância com uma linha no chão (pelo menos 4 metros), separando o equilibrista do resto do grupo. O objetivo do grupo é levar o maior número de objetos para o equilibrista, se utilizando de equilíbrios no trajeto. Enquanto o aluno equilibrista deve equilibrar o maior número de objeto. Cada grupo terá 3 minutos. Vence o grupo em que o participante conseguir equilibrar o maior número de malabares.		
Variações	-----		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 9

Denominação	Palavra provocadora	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Espaço amplo com EVA no chão, caixa de som		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Este jogo consiste em uma prática de autoconhecimento, na qual o professor pedirá aos alunos que pensem em uma palavra e a partir dela e da música se movimentem e sintam essa palavra fluindo pelo corpo. Se os alunos se sentirem à vontade eles podem revelar aos colegas e ao professor a palavra provocadora. Uma outra forma de iniciar o jogo seria a de o docente dizer a palavra provocadora (ex: vento, semente que germina) e os alunos se movimentarem		
Variações	Podendo expandir da palavra provocadora para frase, texto, música, situação, entre outras formas de linguagem mais complexas. O professor pode deixar a prática mais livre ou propor aos alunos que usem		

	modalidades da prática circense em sua motivação, como os malabares, equilibrismo, acrobacia, etc.
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.

Quadro 10

Denominação	Que classe de palavra é essa?	Idade recomendada	A partir de 5 anos
Espaço requerido	Externo ou interno.	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Objetos de manipulação variados		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Os alunos devem formar uma roda, com um objeto de manipulação em mãos. O aluno que começar deve dizer qual classe de palavras será usada naquela rodada, por exemplo, verbos, adjetivos, substantivos, etc. O aluno deverá realizar uma ação com o objeto de manipulação e falar uma palavra referente a classe escolhida, por exemplo, se o primeiro participante escolheu verbos, ele pode fazer uma movimentação e dizer o verbo 'sorrir'. O próximo jogador deve realizar a sua ação com o objeto incorporando a palavra dita pelo jogador anterior. Seguindo o exemplo, o jogar número 2 faria uma movimentação com seu objeto de manipulação enquanto sorria, e assim segue.		
Variações	Pode se pensar em uma variação em que o aluno seguinte incorpore o antônimo da palavra dita anteriormente, dessa forma ampliando o vocabulário.		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

O próximos dois quadros foram sistematizados a partir de uma vivência em um curso que ocorreu na UNICAMP, em fevereiro de 2020¹⁸

Quadro 11

Denominação	O chão é lava	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico

¹⁸ Formação Inicial de Formadores- pedagogia das atividades circenses, realizado pelo grupo CIRCUS, da FEF Unicamp

Material necessário	Objetos sob os quais os alunos tenham a sensação de desequilíbrio/equilíbrio, como corda, trave, banco, slack line, degrau, etc.
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Fazer um circuito com os alunos, com diferentes equilíbrios, para que eles cheguem ao final sem cair, se o aluno cair ele deve tentar novamente após o colega.
Variações	O jogo pode ser feito com a competição de dois times.
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança. Prestar atenção se o docente propor algum equilíbrio com altura, ficar ao lado para auxiliar os alunos e evitar acidentes.

Quadro 12

Denominação	Jogo do bobinho	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	2 ou mais
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Bolas de malabares		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Dispor os alunos em duplas. Cada dupla terá uma bola de malabares. O aluno que começar com a bola em mãos tem que manter a bola em movimento fazendo passes, diferentes movimentos e jogos individualmente. O objetivo do outro jogador é roubar a bolinha.		
Variações	O jogo pode ser feito com mais participantes.		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Este próximo jogo é famoso e muito utilizado em Convenções de circo e pode ser facilmente adaptado a diferentes níveis

Quadro 13¹⁹

Denominação	Gladiador	Idade recomendada	A partir de 12 anos
Espaço requerido	Quadra	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	intermediário

¹⁹ Vídeo de referência para o jogo de gladiadores:
https://www.youtube.com/watch?v=ip2rE8kZAY8&ab_channel=PipaLuke

Material necessário	Um objeto de manipulação por rodada: bambolê, bolinha, clave, aro, etc.
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Em cada rodada será utilizada um objeto de manipulação, todos podem participar. Os participantes não podem deixar objeto de manipulação cair, durante todo o jogo têm que fazer truques, dessa forma os malabares estarão sempre em movimento. O objetivo dos participantes é atrapalhar os jogadores, fazendo com que seu objeto de manipulação caia e este saia do jogo.
Variações	Nas competições de Convenção do circo os participantes jogam utilizando 3 bolas ou claves e se mantendo nas jogadas clássicas de cascata. Aqui neste jogo como a ideia é que todos participem, os alunos podem utilizar só duas bolinhas ou claves e realizar outros truques, desde que o objeto de malabares esteja sempre em movimento.
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança. Frisar aos alunos para tomarem cuidado com as intervenções e não serem violentos.

Os quadros de 13 a 16 foram sistematizados nesta pesquisa a partir do livro **Pedagogia del Malabarismo** de Sanchez *et al* (2017)

Quadro 14 ²⁰			
Denominação	Pinta Pelota/Pinta a bola	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Quadra	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Bola de malabares- 1 ou mais		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	O jogo com dois integrantes na equipe de pintores, os que possuem uma bola, com a qual devem ‘pintar’ os outros participantes. Para pintar o participante deve tocar com bola em alguma parte do corpo do outro jogador. A mão tem que estar na bola do pintor, não pode ser arremessada. A medida que os pintores pintam os colegas, estes também devem virar pintores. O participante que é pintor e tem a bola em mãos só pode ‘andar’ pulando em uma perna, portanto todos os pintores podem fazer estratégias, como jogar a bola para poder correr e pegar a bola novamente para ‘pintar’. O jogo acaba quando todos virarem pintores.		
Variações	Dependendo da quantidade de jogadores pode se usar mais de uma bola para a equipe dos pintores		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

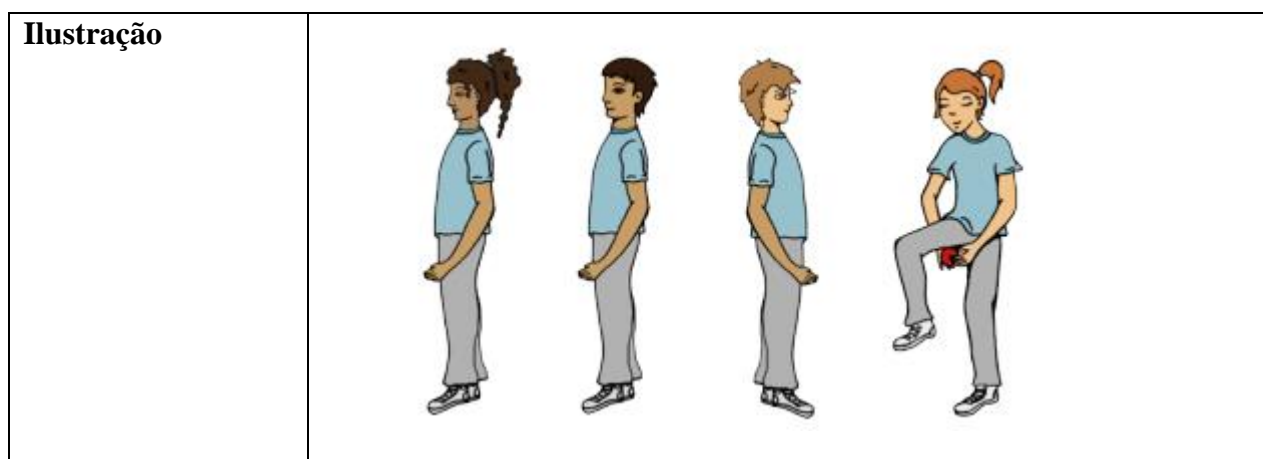
²⁰ Sanchez *et al*, 2017, p.161-2

Quadro 15 ²¹			
Denominação	Pasa pelota/ Passa a bola	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Bola de malabares		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Propor aos alunos que explorem as ‘janelas’, passagens feitas com corpo pelas quais a bolinha pode passar e ‘travas’. Por exemplo ao colocar a mão na cintura criamos uma janela pela qual a bola possa passar, assim como por debaixo da coxa, por detrás das costas, entre outros.		
Variações	O docente pode propor que os alunos formem um círculo e criem uma sequência com essas janelas e a realizem em conjunto.		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Quadro 16 ²²			
Denominação	Telefone sem fio	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Diversos malabares (bolinha, clave, aro, bambolê)		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	O jogo consiste em passar uma mensagem ao último colega da fila, para que o jogo seja dinâmico a sugestão é que seja feito em grupo de 4-5 alunos. O primeiro aluno demonstrará uma pequena sequência, essa é a mensagem a ser passada, ele demonstrará para o segundo aluno da fila, enquanto os outros ficam de costas e só se viram quando tocarem seu ombro. A mensagem deve ser repetida até chegar ao último participante, o destinatário. Ao final comprar a sequência que chegou ao último participante a que o mensageiro passou.		
Variações	Estar atento ao nível de dificuldade das sequências, se forem alunos mais experientes pode-se pensar em sequências maiores e mais elaboradas.		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

²¹ Sanchez *et al*, 2017, p. 55

²² Sanchez *et al*, 2017, p.179. Vídeo com algumas referências para o jogo https://www.youtube.com/watch?v=znY4iiXOqg8&ab_channel=LucasGardezaniAbduch

Quadro 17²³

Denominação	Mundo imaginário	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Externo ou interno, de preferência um lugar em que os alunos fiquem mais à vontade, sem interferência	Número de participantes	indefinido
Duração	Indefinido	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Diversos malabares: bola, caixa, aro, clave, etc.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Cada aluno terá um malabar, eles andarão pelo espaço livremente seguindo o que o docente falar, imaginando e criando gestos relacionados com a situação. Por exemplo, se o professor pede que imaginem uma pedra pesada.		
Variações	Sugestões: avião com passageiros, spray de grafite, raquete de tênis, flor com fragrância, ovo frágil, espada de esgrima, guitarra elétrica, comida quente, entre outros.		
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Duprat (2007), desenvolveu em sua pesquisa a sistematização de diversos jogos circenses que auxiliam o professor a aplicar as atividades circenses em sala de aula. Como há uma grande variedade de jogos decidimos por anexar (Anexo 1) alguns que acreditamos que possam ajudar o docente a aplicar o projeto transdisciplinar já descrito.

Os jogos apresentados aqui são um excerto dos jogos já existentes e utilizados por instrutores e pedagogos da atividade circense, esperamos que com os quadros e vídeos o docente que queria utilizar do projeto proposto aqui consiga desenvolvê-los e adaptá-los de acordo com a sua realidade e necessidade.

²³ Sanchez *et al*, 2017, p.166

Considerações Finais

A presente Dissertação passou por mudanças ao longo de sua escrita, principalmente por conta da pandemia da COVID-19, nossa ideia inicial era poder aplicar a pesquisa. Como isso não foi possível, modificamos a estrutura e escrevemos a Dissertação contendo a proposta de aplicação completa, para que futuramente, em um cenário mais favorável, o projeto possa ser aplicado.

Partimos de uma crítica ao ensino tradicional presente na maioria das escolas brasileiras, ensino este que apela para uma rigidez, dos corpos e das normas. Um ensino voltado para o conteúdo, para uma educação bancária e que não tem como objetivo se voltar as necessidades reais do aluno. Em contraposição, abordamos as ideias da pedagogia de Freinet e Freire, dentro do campo progressista da educação. Evidenciamos como este modo diferente de ensino se dá na Escola da Ponte, em Portugal, e mais perto de nós, o Projeto Âncora, em Cotia, São Paulo. Acreditamos neste modelo de educação, pois nele existe autonomia- para alunos e docentes-, o que leva a um senso de responsabilidade orgânico e interesse espontâneo no que se está desenvolvendo. É uma pedagogia voltada para as necessidades dos alunos, ainda que dentro do currículo de ensino. É um ambiente em que se ensina sendo e não para ser, sendo responsável, sendo ativo na solução de problemas, sendo colaborativo, sendo formador de pessoas críticas, entre outros.

Discorreremos acerca das atividades circenses em âmbito escolar, seus benefícios e as limitações, explicando o porquê dessa prática não estar presente, em grande escala, nas escolas. Um dos percalços encontrados é a falta de formação inicial para os docentes trabalharem com atividade circense. Outro fator importante é a questão da estrutura e segurança dos praticantes, nem toda escola tem uma estrutura correta ou pode investir em uma estrutura para a colocação de aparelhos aéreos, por exemplo. Ainda que as atividades circenses não estejam presentes em todas as escolas, alguns pesquisadores, grupos e artistas se propõem a levá-la para esse ambiente. O levantamento bibliográfico feito, que evidencia os benefícios da prática circense em âmbito escolar, foi de grande importância para sustentar nosso objetivo. As atividades circenses, podem proporcionar, ao praticante uma vivência lúdica, que foge das regras do dia a dia, um momento de escape e diversão,

de autoconhecimento, de desenvolvimento motor e psíquico, questões estas renegadas ou pouco trabalhadas em escolas de ensino tradicional.

A partir desses pensamentos, nos voltamos a questão do currículo, será que a escola é engessada porque o currículo apresentado também é? Através de uma leitura e análise do documento que dita o currículo atual, a BNCC, concluímos que o documento tenta propor novas possibilidades de ensino, quando discute competências socioemocionais, quando apresenta o documento ‘Guia de Temas Contemporâneos Transversais’, mas que ainda assim acaba tropeçando no ensino tradicional. Essas propostas de ensino diferenciadas não são o foco da BNCC, são colocadas em segundo plano depois de uma lista longa de habilidades conteudistas a serem abordadas. A intenção é boa, mas a escrita e atenção dada a estas questões, importantíssimas, foi pouca. Durante a escrita da pesquisa nos perguntamos se deveríamos continuar a nossa proposta com base na BNCC, porém a realidade que temos hoje é a de que este documento é o que dita os currículos de todas as escolas do Brasil. Em nossas reflexões pensamos que se este é o documento que deve ser seguido, então talvez possamos colaborar, ao tentar achar dentro dessa rigidez algumas brechas para um retorno ao lúdico e com um olhar mais atento ao aluno. Assim, analisamos a BNCC, o momento de escrita do documento, as questões políticas envolvidas, o envolvimento do público na redação do documento, entre outros. Procuramos na BNCC a forma como a prática circense havia sido abordada, e percebemos que o documento ainda trata -quando trata- de forma muito generalizante as atividades circenses, sem dar alguma instrumentalização ou dica para o docente que a lê.

A partir dessas inquietações levantadas chegamos ao nosso objetivo, de propor uma ação transdisciplinar para o Ensino Médio, na qual a atividade circense é utilizada como ferramenta pedagógica. A escolha pelo Ensino Médio se deu a partir do pensamento de Leontiev, Elkonin e Vygotsky, no qual a adolescência é o momento em que o indivíduo desenvolve, como atividade guia (principal), as relações inter e intrapessoais, podendo um projeto transdisciplinar, em conjunto com as atividades circenses, possibilitar um desenvolvimento maior nestas questões. A ação transdisciplinar foi pensada para se contrapor ao ensino tradicional, em que o aluno senta em sua cadeira e espera os professores entrarem na sala de aula e depositar os conhecimentos dentro de caixas separadas. Sabemos que uma proposta transdisciplinar é um desafio, uma vez que a própria estrutura da escola apresenta limitações para este tipo de ensino, assim como a formação dos professores e a aceitação dos alunos.

Dessa maneira, viabilizar atividades inovadoras que estimulem o envolvimento dos alunos com a escola, buscando meios facilitadores de aprendizagem, torna-se imprescindível, na medida em que as crianças e adolescentes precisam de experiências novas, já que o acesso que a mídia e a própria informática lhes proporciona faz com que o tradicional se torne cansativo e o novo seja visto como necessário (COSTA; TIAEN; SAMBUGARI, 2008, p.200)

A proposta de ação transdisciplinar foi organizada em uma tabela, constando as habilidades a serem trabalhadas no plano de aula sugerido, bem como os objetivos da aula, contendo indicações de quais modalidades circenses podem ser trabalhadas e algumas indicações de jogos circenses que tem ligação com o conteúdo e a modalidade. Como elucidado anteriormente, o trabalho transdisciplinar não exclui o conhecimento disciplinar, por isso esquematizamos os planos de aula por disciplina, também, para que desta forma fique claro a ligação entre as disciplinas, e de que maneira a atividade circense pode ser utilizada como ferramenta pedagógica. Neste sentido, realizamos entrevistas com docentes especialistas de cada área. Ao início todos os docentes, no total 11, se disponibilizaram a fazer a entrevista por vídeo chamada no aplicativo *Zoom*, porém, por questões pessoais 5 dos 11 docentes responderem a entrevista por meio do Google Formulário. As entrevistas foram de grande importância para uma maior clareza e precisão nos planos de aula descritos neste trabalho, em algumas disciplinas como Química e Física, mudaram-se completamente os assuntos e foi feita uma adaptação. Foi um momento de troca muito interessante e que enriqueceu a presente Dissertação.

Ao final da escrita apresentamos uma esquematização e organização de alguns jogos circenses. Alguns deles extraídos de um livro, outros de experiência pessoal da pesquisadora como participante de oficinas e workshops e alguns desenvolvidos para as aulas. Achamos importante esquematizar e organizar esses jogos para que algum docente que leia esta pesquisa já tenha algumas ferramentas a disposição. Em alguns quadros há uma referência de vídeos que gravamos, demonstrando a brincadeira ou jogo. Infelizmente, por conta da pandemia não foi possível fazer a gravação de todos os jogos e brincadeiras, visto que eles envolvem mais de duas pessoas, e a pesquisadora só convive com mais uma pessoa em sua casa.

A proposta desta Dissertação é, para nós, um ideal do potencial que o ambiente escolar apresenta, para além dos conteúdos. Sabemos que o trabalho docente é um trabalho árduo e que a presença do aluno na escola é de grande importância, por isso pensamos que

O professor necessita articular cultura geral, a especialização disciplinar e a busca de conhecimentos conexos com sua matéria, pois formar o cidadão hoje significa ajudá-lo a se educar para lidar praticamente com noções e problemas surgidos nas mais variadas situações, tanto profissionais quanto sociais, culturais e éticas. Portanto, viabilizar aos professores o contato com uma formação que propicie o acesso à arte circense como instrumento facilitador do processo de ensino e aprendizagem, é colocá-los em contato com os diversos campos do conhecimento e da atuação profissional. (COSTA; TIAEN; SAMBUGARI,2008, p.210)

Desta forma, esperamos que através desta pesquisa tenhamos contribuído para que o ambiente escolar seja, de fato, o próprio exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, G. **Capítulos do desmonte do ensino**. In: CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

ALVES, R. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2004. 7 ed.

ANJOS, R. E. **O desenvolvimento da personalidade na adolescência e educação escolar: aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 2017. 198 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo, 2017.

_____, R. E. **O desenvolvimento psíquico na idade de transição e a formação da individualidade para si: aportes teóricos para a educação escolar de adolescentes**. 2013. 168 f. Tese (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo, 2013.

BARBOSA, F. R.; ARAÚJO, F. R. A.; FERREIRA, N. K. V. **A prática pedagógica sob a ótica transdisciplinar: um espaço de integração de saberes**. Publicado em Anais do evento Saberes para uma cidadania planetária, 2016. Disponível em http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38713-31032016-194212.pdf . Acesso em 01/02/2021.

BIGODE, A. J. L. **Base, que base? O caso da Matemática**. In: CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto editora, 1994.

BONETI, J. C. **A Alegria na Escola**: concepções de professores em formação inicial.

BORTOLETO, M. A. C.; BARRAGÁN, T. O.; SILVA, E. (ORG.) **Circo**: horizontes educativos. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 63-82.

BORTOLETO, M. A. (ORG.) **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Vol I. Editora Fontoura, Jundiaí, 2008.

BORTOLETO, M. A. (ORG.) **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Vol II. Editora Fontoura, Várzea Paulista, 2010

_____. **Atividades circenses**: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. Cadernos de formação RBCE, v. 2, n. 2, p. 43-55, 2011.

_____; PINHEIRO, P. H. G. G.; PRODÓCIMO, E. **Jogando com o circo**. Várzea Paulista: Fontoura, 2011.

_____. **Atividades circenses**. In: Dicionário Crítico de Educação Física. 3ed. Ijuí/RS: Unijuí, v. 1, p. 60-64. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

_____. Ministério da Educação. **Guia de Implementação da Base Nacional Comum Curricular**: Orientações para o processo de implementação da BNCC. MEC, Brasília, DF, 2018.

_____. Ministério da Educação. **Temas contemporâneos transversais na BNCC**: propostas de práticas de implementação. MEC, 2019. Brasília, DF, 2019. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf>

CARA, D. **O que Paulo Freire e Anísio Teixeira diriam sobre a BNCC?** In: CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) *Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CARDANI, Leonora. **Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola**. Dissertação de mestrado–UNICAMP, Campinas, SP : [s.n.], 2018.

CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) **Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC**. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CÁSSIO, F. **Existe vida fora da BNCC?**. In: CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) *Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. **Arte Circense na escola: possibilidade de enfoque curricular interdisciplinar**. In: *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v 11, n 1: p.197-217, 2008.

DAL GALLO, F. **Escola Picolino: o circo social e a arte-educação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2018.

DUARTE JR, J. F. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 2012.

DUPRAT, R. M. **Notas sobre a formação circense no Brasil: do circo de lona às escolas especializadas**. In: (Org.)

_____, R; BORTOLETO, M. A. **Educação física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses**. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan. 2007.

_____, R. GALLARDO, S. **Arte circenses no âmbito escolar**. Editora UNIJUI, Ijuí, 2010.

_____, R. M. **Atividades circenses**: possibilidades e perspectivas para a Educação Física escolar. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERREIRA, D. L.; BORTOLETO, M. A. C.; SILVA, E. **Segurança no circo**: questão de prioridade. Várzea Paulista: Fontoura, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GAARDER, J. **O dia do curinga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GARCEZ, A; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. **Produção e análise de videograções em pesquisas qualitativas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n.2, p. 249-262, mai/ago.2011

GONÇALVES, L. L.; LAVOURA, T. N. **O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar**: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva historicocrítica. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 19, n. 4, p. 77-88, 2012.

GUIMARÃES, A. M. M. e KERSCH, D. F. (2014). “Explorando os projetos didáticos de gênero como um caminho metodológico”, in: GUIMARÃES, A. M. M. e KERSCH, D. F. (orgs.) **Caminhos da construção**: projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar, vol. 2. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, pp. 17-37.

HISTÓRIA. **Projeto Âncora**. Disponível em <https://www.projetoancora.org.br/historia>.

HUGUES, H. **Le cirque, impératifs de sécurité et imaginaire du risque**. In: Quaderni, n°44, Printemps 2001. Les industries de l'évasion. pp. 101-117.

INVERNÓ, J. **Circo y Educación Física: otra forma de aprender**. Barcelona: INDE, 2003.

JACOB, Pascal. **Le Cirque: un art à la crisée des chemins**. Découvertes Gallimard, 1992.

KIEZ, T. K. M. **The impact of circus arts instruction on the physical literacy of children in grades 4 and 5**. 2015. 85 f. (Master on Science) – Faculty of Health Sciences, Universidade de Manitoba, Winnipeg, 2015.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: _____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001b. p. 59-83.

LOPES, D. C.; PARMA, M. **Construção de malabares: passo a passo**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2016.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Evolução da pesquisa em Educação**. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: EPU, 2014.

MACEDO, C. A. **Educação no circo: crianças e adolescentes no contexto intinerante**. Salvador: Quarteto Editora, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARTINS, Lígia. LAVOURA, Tiago. **A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica**. Revista Interface, 2017; 21(62):531-41.

MELO, C. C. **Atividades circenses: compartilhando práticas pedagógicas no ensino extracurricular da escola básica**. 2020. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

MELO Caroline, RODRIGUES Gilson, CARDANI Leonora, BARRETO Mônica, BORTOLETO Marco. **Corpo e arte: uma proposta pedagógica na Educação Física a partir da bola de equilíbrio circense**. In: Educación Física y Deporte, 2019.

MORIN, Edgar. **Educação ambiental na escola**: objetivos conceitos e estratégias – pensamento sistêmico e pensamento complexo. EDIC 2010.

NEIRA, M. G. **BNCC da Educação Física: caminhando para trás**. In: CÁSSIO, F; JUNIOR, R.C. (Org.) Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

NICOLESCU, B *et al.* **Educação e Transdisciplinaridade I**. Brasília: Unesco, 2000

NOVELLY, M. C. **Jogos teatrais**: exercícios para grupos e sala de aula. Campinas: Papirus, 2007.

ONTAÑÓN, T. B. **Atividades circenses na Educação Física escolar**: equilíbrios e desequilíbrios pedagógicos. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. 114

_____. **Circo na escola**: por uma educação corporal, estética e artística. 2016. 214 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

_____; BORTOLETO, M. A. C. **Todos a la pista**: el circo en las clases de educación física. Apunts – Educación Física y Deportes, Barcelona, n. 115, p. 37-45, 2014.

_____; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. **Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”**. Movimento, v. 18, n. 2, p. -, 2012.

PACHECO, J. Escola dos sonhos existe há 25 anos em Portugal. In: ALVES, R. (Org.) **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2004. p. 65- 76.

PACHECO, J. **Reconfigurar a escola, transformar a educação**. São Paulo: Cortez, 2018.

PASQUALINI, J.; EIDT, N. M.: **Periodização do desenvolvimento infantil e ações educativas**. Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP. 1ed. Bauru: , 2016, v. 1, p. 101-148.

PASQUALINI, J. **A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil**. *Psicol. estud.* [online]. 2009, vol.14, n.1, pp.31-40. ISSN 1413-7372.

PERES, P. **A Finlândia e a Base Nacional não servem para nada, diz José Pacheco**. Nova Escola, 05 de set. de 2019. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/18295/a-finlandia-e-a-base-nacional-nao-servem-para-nada-diz-jose-pacheco>

PORTUGAL. Ministério da Educação e da Ciência. **Dispositivos Pedagógicos**. Escola da Ponte. Disponível em: [https://www.escoladaponte.pt/wp-content/uploads/2021/04/Dispositivos-Pedag%*c3*%*b3*gicos.pdf](https://www.escoladaponte.pt/wp-content/uploads/2021/04/Dispositivos-Pedag%c3%b3gicos.pdf). Acesso em 20/03/2021

PORTUGAL. Ministério da Educação e da Ciência. **Projeto Educativo**. Escola da Ponte. Disponível em: <https://www.escoladaponte.pt/wp-content/uploads/2021/04/Projeto-Educativo.pdf>. Acesso em 20/03/2021

SANCHEZ, A. P.; COLLAO, D. D.; PEÑA, N. J.; DOÑAS, A. C.; NAVARRO, V. S. **Pedagogía del malabarismo**: herramienta educativa que potencia el desarrollo integral. Chile: Donnebaum, 2018.

SANDOVAL, P. R. G *et al.* **Educación circense**: historia del circo, escuelas de formación y proyectos sociales. Mexico, cidade Juárez: Universidad autónoma de ciudad Juárez, 2019.

SANTOS NETO, E. **Por uma educação transpessoal**: a ação pedagógica e o pensamento de Stanislav Grof. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: polêmicas do nosso tempo. Campinas: Autores associados, 2000. 33 ed.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Autores Associados, Campinas, 2000.

SILVA, D. O.; SOUZA, A.; TELLES, C.; KRUG, H. N.; KUNZ, E. **Atividades circenses na escola**: caminhos à organização didática a partir da concepção crítico-emancipatória. *Licere*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 306-326, 2016.

SILVA, E. **O circo, sua arte e seus saberes**: o circo no Brasil no final do século XIX a meados do XX. 1996. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SILVEIRA, J. F. B. **No picadeiro da Educação Física**: o saber circense descortinando uma educação crítico-emancipatória. Tese de Doutorado Programa de Pós Graduação em Educação em Ciências UFPR, 2013.

SNYDERS, G. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOMME, Maria Isabel; CAMARGO, Maria Rosa de. **A arte como fomentadora do desenvolvimento humano**: um estudo com adolescentes em MogiMirim/SP. In: BORTOLETO, M. A.; BARRAGÁN, T. O.; SILVA, E. **Circo: horizontes educativos**. Campina/SP: Autores Associados, 2016.

TUCUNDUVA; BORTOLETO, M. A. C. **O circo e a inovação curricular na formação de professores de Educação Física no Brasil**. *Movimento*, ESEFID/UFRGS, v. 25, p. 1-13, 2019.

VIEIRA, V. **Educador José Pacheco aponta caminhos para transformar a educação no país**. UnB Notícias, 22 de ago. de 2017. Disponível em <https://noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/1725-educador-jose-pacheco-aponta-caminhos-para-transformar-a-educacao-no-pais> . Acesso em 19/03/2021.

Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista
ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Nome:

- 1- O que você conhece da atividade circense?
- 2- Já esteve em uma escola em que as atividades circenses estivessem presentes?
- 3- Se sim, de que maneira as práticas circenses estavam presentes nessa escola?
Como uma ferramenta pedagógica, como atividade extracurricular, dentro de alguma disciplina como Artes ou Educação Física, entre outros.
- 4- Tem algum conhecimento sobre a pedagogia da atividade circense?
- 5- Você segue alguma teoria pedagógica/linha de ensino?
- 6- Se sim, você acha que a atividade circense se encaixa nessa corrente pedagógica? Como?
- 7- Você já trabalhou de forma transdisciplinar?
- 8- Sabia que as atividades circenses estão previstas na BNCC?
- 9- Apresentarei uma proposta de como as atividades circenses podem servir como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina de Matemática, se tiver alguma sugestão que possa enriquecer a proposta ou se tiver ideias de outros conteúdos dentro de sua área que possam ser trabalhadas através do circo, comente:

Apêndice 2: Transcrições entrevistas

Entrevista com o docente de Química- UNESP/Araraquara

Pesquisadora: O que você conhece da atividade circense?

Docente: O que eu conheço do circo são das minhas experiências de ter ido ao circo. Eu nasci em São Paulo né, vivi lá até os 12 anos de idade aproximadamente, e a gente tinha um costume de ir nesses circos de bairro. A gente morava ali perto do Pirituba, e o circo montava assim em regiões mais simples ali do bairro e meus pais costumavam levar a gente, eu tenho memórias assim da infância de ter ido umas três ou quatro vezes ao circo. E agora morando aqui em Araraquara depois da época de graduação, eu me lembro de ter ido ao circo também algumas vezes. Mas nada assim do ponto de vista de ter estudado sobre circo saber um pouco sobre essa expressão artística e cultural de uma maneira geral, mas de ir me divertir bastante e gostar muito das apresentações, e principalmente da parte do palhaço do humor né e dos shows de malabarismo.

Pesquisadora: Certo, muito legal. Bom, a próxima pergunta é se você já esteve em uma escola em que as atividades circenses estivessem presentes, pode ser como o professor ou aluno.

Docente: Não, nunca estive numa escola. Não

Pesquisadora: Certo, então a terceira pergunta não se aplica, se você tem algum conhecimento sobre a pedagogia da atividade circense.

Docente: Também não, nem sabia que existia pedagogia do circo [risada]

Pesquisadora: [risada] Ok, a próxima pergunta é se você segue alguma teoria pedagógica ou linha de ensina.

Docente: Sim, eu sigo. Eu aqui no meu curso de licenciatura né, onde eu atuo, eu trabalho com os alunos.... eu sou um profissional que pode ser chama de profissional da interface né, eu sou formado em Química, mas eu tenho o meu Doutorado em Educação para Ciência, então estudei algumas teorias pedagógicas, pesquiso sobre a área de educação para a ciência. E com os estudantes da área de química, no primeiro ano que eu dou a aula de química mesmo para eles trabalhando com laboratório. Eu trabalho com uma linha pedagógica que a gente chama de abordagem sociocultural, se apoia nos trabalhos de Vygotsky como linha de base né, a ideia do social e da linguagem sendo apropriada por meio das relações sociais, aí tem uma linha específica dessa interpretação Vygotskyana, que é a do Wertsch, e aí o Wertsch vai trabalhar com um conceito, que é o conceito de ferramenta cultural, em particular uma ferramenta cultural pensada e como a

ciência produz ferramentas culturais, como a gente aprende a falar dentro da comunidade científica, e como que os conceitos científicos eles são validados e legitimados nessa comunidade científica. Então nessa proposta, você tem que organizar o ensino de tal modo que as trocas linguísticas as interações com os estudantes sejam no sentido que eles consigam fazer uma apropriação dessa ferramenta cultural, que é a ferramenta da ciência. Então ...é...a gente trabalha com diferentes tipos de interação discursiva em sala de aula e aí mediado por diferentes tipos de estratégias, que aí pode ser usando da experimentação, da produção de relatórios, das rodas de discussão, resolver estudos de caso. Então trabalho muito nessa linha, com bastante preocupação com a linguagem e a sua apropriação no contexto da ciência.

Pesquisadora: Certo, e dentro dessa linha que você trabalha ,você consegue ver alguma relação, alguma proposta que envolva atividade circense?

Docente: Então... talvez assim, como eu respondi anteriormente né. Eu não sabia que existia a pedagogia do circo, assim pela minha, pelo meu senso comum vamos dizer assim. Eu tenderia a achar que a pedagogia do circo esteja muito relacionado a algo lúdico, a trocas, né, a movimentação, ao corpo, coisas desse tipo. E parte das estratégias que a gente usa em sala de aula envolve também o lúdico, como, por exemplo, jogos didáticos para ensino de ciências, mas atividades específicas que poderiam ser próximas do que a gente vê no circo, da minha experiência de circo, e eu não saberia responder, né, mas se for dentro da linha do lúdico o circo se encaixaria.

Pesquisadora: Ok, hoje quando a gente fala de pedagogia da atividade circense, algumas pesquisas vão dialogar com a pedagogia histórico-crítica né. A nossa proposta, inclusive, é baseada, né, numa pedagogia histórico-crítica. Mas vou falar do proposta depois [risadas]

Docente: Tá, legal [risadas]

Pesquisadora: Bom, a outra pergunta é se você já trabalhou de forma transdisciplinar.

Docente: Pergunta difícil. Bom, eu não sei se, qual que é a relevância disso para sua pesquisa, eu não sei se eu vou tá fugindo da pergunta, tá. Na minha leitura da BNCC, eu considero equivocada a proposta e o conceito transdisciplinar que utilizam. Eu não vejo a transdisciplinaridade apenas como uma prática social, para adquirir o status de transdisciplinar, a partir das leituras que a gente faz sobre epistemologia da ciência, você teria que ter uma outra outra prática de investigação, produção e legitimação de conhecimento que não parta da base disciplinar. Então, você olhar para o mesmo objeto,

mas com olhares disciplinares, você pode pela integração produzir o que a gente chama de interdisciplinaridade, mas romper as barreiras das disciplinas e criar uma epistemologia distinta, pra conhecer os objetos e legitimar esse conhecimento sobre esses objetos, produziria o que a gente chama de transdisciplinaridade. É... não vejo a proposta da BNCC nesse sentido e com essa definição mais ampla de transdisciplinar, eu não vejo nenhum grupo [risadas] no Brasil produzindo conhecimento que poderia ser considerado de base transdisciplinar. Já trabalhei em diversas experiências de forma interdisciplinar, tanto fazendo pesquisas nessa proposta interdisciplinar, que você não abandona o olhar disciplinar sobre o objeto e você busca integrar né depois desses diferentes modos de olhar o objeto. E também no ensino de forma interdisciplinar, vários projetos com vários professores, inclusive na minha experiência como coordenador do PIBID nas escolas nós fizemos muitos projetos interdisciplinares.

Pesquisadora: Sim, o transdisciplinar, ele é muito difícil, né, de ser pensado e ser colocado em prática também. É um desafio que a gente tá se propondo aqui né, [risadas] na pesquisa. Bom, a outra pergunta antes de eu falar do plano de aula mesmo, é se você tem conhecimento, né, que as atividades circenses elas estão previstas na BNCC.

Docente: Então, eu li a BNCC, aquela parte introdutória toda, e depois eu me debrucei, para um trabalho que a gente fez aqui, na parte de Ciências da Natureza. Eu não sei se me falha a memória, mas eu não lembro de ter visto nada na parte de Ciências da Natureza sobre atividade circense. Eu até fiquei curioso, mas eu não me lembro de ter visto nada lá nessa parte.

Pesquisadora: É, não, ela não aparece nessa parte né. As atividades circenses aparecem lá na primeira parte, na das linguagens e suas tecnologias, que envolve Educação Física, Arte né, então quando ela é citada, ela tá ali.

Docente: A tá, então eu não tô [risadas] assim numa leitura né, que ficou pra trás. Perfeito.

Pesquisadora: [risadas] Sim. Bom, eu gostaria de apresentar para você o plano de aula que a gente pensou, né. Então utilizando né a atividade circense como uma ferramenta pedagógica para o conteúdo de química, né. Preciso confessar que eu tive muita dificuldade nessas disciplinas como Química e Física de dar nome aos bois, [risadas] de nomear os temas né. Enfim, talvez tenha alguma ou outra coisa equivocada, então por favor me corrija se tiver. Deixa eu abrir aqui o plano de aula. Então o plano de aula né, é para o Ensino Médio, o nosso foco é Ensino Médio. A gente não coloca aqui o número de aulas aqui no plano de aula, porque isso vai ser explicado dentro da nossa

proposta que é uma proposta que é um pouco aberta. Então ela pode ser utilizada numa escola que tem bimestre, então, pode ser ao longo do bimestre, pode ser ao longo do trimestre, ao longo de um semestre, ao longo de um ano também, isso vai depender aí de quem for aplicar. Nessa primeira parte a gente coloca a área do conhecimento, as competências específicas e logo aqui embaixo as habilidades que a gente elencou. E aqui no caso são quatro da área de Química, e os temas é exatamente o que eu falei -deixa dar um zoom porque eu não sei se dá para enxergar né- os temas foi essa questão que eu falei, que eu fiquei muito em dúvida dos nomes, assim, dos conceitos, mas a gente elencou como: soluções e concentrações, espectroscopia e análise de material, ciclos biogeoquímicos; poluição do solo; água e ar, e interferência humana nos ciclos biogeoquímicos. Certo, vou só falar rapidinho para você dos objetivos que são: compreender os conceitos e problemáticas dos temas propostos, relacionar os conceitos da disciplina com essa atividade circense propostas pelo docente; discutir o uso de diferentes materiais para construção de malabares. Então pensando por exemplo no bambolê, ele é feito de plástico, e aí a Química vai estudar os elementos, né, então às vezes discutirem- inclusive a gente coloca ali né, procurar elaborar um bambolê feito de outro material em que aí eles vão ter que pensar não só na Química, mas por exemplo na Física né- Ah será que um bambolê de papelão vai rodar? Um outro ponto que a gente coloca, que são quais são os elementos químicos presentes nas maquiagens. Então os circenses, o palhaço, enfim eles usam muito pancake, que é aquele pó branco, o palhaço o vermelho né. Então, quais elementos que estão presentes nas maquiagens e propor também a elaboração de maquiagens por meio de elementos da natureza como urucum, beterraba, carvão vegetal, entre outros. Colocamos também, elaborar ao final das discussões e experimentações, diferentes objetos de manipulação, feitos a partir de diversos materiais e propor o uso da maquiagem natural para ser utilizada no espetáculo final. Então a nossa proposta, no final a gente tem uma um espetáculo aberto a comunidade

Bom, como que a gente pode desenvolver a proposta né. Fazer um levantamento prévio do conhecimento, então sobre as questões, né, da química. E também aguçar a curiosidade deles sobre o universo circense, então, o que eles conhecem o que é aquela maquiagem branca... então através de perguntas aguçar a curiosidade dos alunos. Bom aí a gente vai pra contextualização, então a gente pensa em como contextualizar esses temas, que foram colocados lá em cima através da universo circense. Porque aqui a gente tá abarcando a atividade física e a questão da maquiagem, né. Então, através da observação

e análise dos diferentes tipos de malabares- a gente fala de malabares a gente pensa em bolinha, mas tem a clave, tem o bambolê, tem o aro- que são feitos de plástico. Então observar com os alunos e explorar esses materiais. E aí começar a parte de problematização né, de problematizar o uso dos químicos nocivos nos produtos de beleza que a gente tem hoje, e um deles que a gente vai focar é a maquiagem. Através destas observações que os alunos fizerem, a gente pedir que eles em grupos tentem desenvolver, por exemplo, -eles podem focar, cada grupo foca em um tipo de malabares- e a partir desses malabares eles vão desenvolver com outros materiais. Está nas referências um livro que chama ‘Construção de malabares: passo a passo’ tanto para o professor quanto para o aluno verem que a gente tem a construção de bolinhas com saco plástico, com bexiga, que dá para ser feita com outros materiais. Bom, enfim essa construção dos materiais, levando em consideração os conceitos da química né, que foram aprendidos pelos alunos. A gente fala também de levar em consideração as variantes do peso do material e também da viabilidade não adianta a gente pensar ‘nossa, um malabar de tal jeito’ mas não dá para jogar ou não é seguro. Um exemplo que a gente colocou aqui, que já foi feito numa escola foi um bambolê, que ele foi desenvolvido com CDs, então também tem a questão da física, né, da refração da luz. A gente coloca também o estímulo para que eles utilizem materiais recicláveis também. Bom, ao final de todo esse processo a ideia é que eles mostrem para os outros colegas esse objeto que foi desenvolvido e expliquem- de uma forma talvez utilizando os termos da química- do que que é feito o material, como foi pensado. E no ponto da maquiagem fazer um levantamento com os alunos de produto que podem ser utilizadas para produzir maquiagem, a gente vê muitas pessoas fazendo batom com urucum ou com a própria beterraba. Então como que eles poderiam fazer isso, pensando por exemplo, no carvão vegetal que as pessoas utilizam para fazer sombra no olho, é até mesmo então desenvolver uma maquiagem natural para que seja utilizada, né, no espetáculo.

Os recursos didáticos pedagógicos a gente colocou os básicos de uma sala de aula, também o acesso a um ambiente diferente da sala de aula, os materiais necessários para confeccionar os objetos de manipulação e os ingredientes naturais para os experimentos com a maquiagem. Como referência a gente colocou a BNCC e este livro que eu citei sobre a construção de malabares.

Docente: Bom, vamos lá, a primeira coisa que eu poderia falar é eu não sei se esses temas em particular eles estariam associados a sua proposta, você que tá conversando ali sobre composição dos materiais que podem fazer parte dos malabares ou

até da própria maquiagem, trabalhando com soluções e concentrações, então aí é muito amplo a composição dos materiais. Quando eu falo do plástico a gente está debatendo conceitos que são da química orgânica então eu vou trabalhar pelo currículo clássico né, lá no terceiro ano, onde se discute o que são polímeros, quais são os polímeros naturais que existem, e quais são os polímeros sintéticos que são feitos pelo ser humano né. Então talvez -eu não, eu não tô aqui com o documento-, mas se olhar nos temas teria que pegar aqueles temas da BNCC mais associados com a parte de química orgânica, se for olhar a composição desses materiais. Só que também quando eu pego a composição de alguns dos materiais, como malabares ou que são de metais, você quando vai discutir sobre metais você tá falando de uma outra área da química, que é a parte da química dos metais, então a ligação é ligação metálica eu falo sobre ligas metálicas, sobre o que é a composição de um metal, porque que ele conduz corrente elétrica, porque ele é denso, porque ele é maleável, né. Tem todas as propriedades típicas de um metal, então são partes distintas né da química. Precisaria ver os temas porque eu não colocaria sistemas exatamente aí, né, quando você fala em ciclos biogeoquímicos talvez pudesse entrar a questão da reciclagem né. Aí sim né, se por exemplo, se você pegar- vamos pensar no ponto de biogeoquímico- se você pegar a química do carbono, você pode ter o carbono lá no carvão, ele faz parte de um de um minério, esse minério pode ser transformado pela ação humana e vir compor um material que vai ser usado, e esse material depois se for descartado de qualquer maneira ele pode entrar na composição do solo, afetar alguns animais ou então cair em rios e aí prejudicar alguns outros animais e peixes né, e coisas desse tipo. Quando a gente fala de ciclos biogeoquímicos, a gente tá pensando nesse ciclo, assim como que os diferentes elementos químicos que compõem as substâncias elas podem transitar de modos diferentes e com ação do ser humano, isso pode se intensificar e até acumular determinados elementos na natureza né, como é o caso do petróleo né. Então tem uma base de carbono, essa base de carbono depois eu tenho uma atividade produtiva que vai gerar muito CO₂ e o CO₂ chegou no seu estado final difícil de sofrer uma outra transformação, e aí ele se acumula na atmosfera. O ciclo biogeoquímico a gente trabalha nessa perspectiva, né. E enfim, teria que pensar bem nesses aspectos aí né.

Pesquisadora: Sim, a gente colocou aqui -eu acho que eu não comentei essa parte na verdade-, a geografia a gente vai trabalhar com circos itinerantes, né, e trabalhar essa questão do espaço que eles ocupam e como que eles agem nesse espaço que eles ocupam momentaneamente.

Docente: Legal essa questão de fazer o diálogo né da química com a geografia, aí de uma forma mais indireta, né, então se você pegar por exemplo- eu tô pensando aqui as ações mais recentes de empresas como a Natura-, eles têm uma certa preocupação com essa questão do ciclo biogeoquímico, que é por exemplo, você vai pegar alguns princípios ativos de produtos naturais para produzir batom ou maquiagem e tal tal tal, em zonas extrativistas então eles têm algumas ações né lá na na mata Amazônica e aí você pega substâncias, então essa substância tem elementos químicos que eles vão extrair da natureza então, o biogeo tá aí né, e o elemento químico vai vir para constituição de um produto que vai ser usado pelas pessoas, aí as pessoas utilizam esses materiais e muitas das vezes ele pode depois acumular na forma de lixo, então seria interessante você gerar o material que depois ele seja biodegradável, então aí você volta para o ciclo da natureza, entende, então a gente tá mais ou menos nessa linha. A maquiagem, mas aí é uma discussão bastante ampla e complexa né pro Ensino Médio, inclusive talvez ela tenha muito mais relação com ciclos biogeoquímicos, do que particularmente os malabares, eu acho que poderia entrar talvez, bom, se for explorar a questão do plástico, aí poderia entrar na parte que está relacionado a química orgânica. E se for no plástico em particular né, lixo que se acumula, o plástico, de onde vem o plástico e do que que ele é constituído, aí também dá para entrar em ciclo biogeoquímico e particularmente poluição do solo, do ar também se você for pensar que às vezes o pessoal taca fogo e não toma cuidado. Aí seria bem legal do plástico, né, você pensa eu tenho uma origem natural, que são combustíveis fósseis, né, então você vai ter toda a cadeia petroquímica de extração do petróleo, refino do petróleo, indústria de primeira geração, segunda e terceira, que é você pegar o petróleo transformar eles em polímeros, esses polímeros são utilizados pela indústria para você conseguir produzir diferentes tipos de plástico. E esse plástico depois ele não é biodegradável, esse plástico ele se acumula, aí poderia se fazer uma discussão da importância de como gerar esses malabares que não fosse desses materiais que não sejam biodegradáveis né, entendeu

Pesquisadora: Hm, muito interessante.

Docente: É talvez se você criar malabares a partir de materiais recicláveis que você já tá tentando fazer o ciclo, ou então de materiais que sejam de origem natural e você possa depois, coloca na natureza e ele é biodegradável né, portanto ele vai ser totalmente consumido e transformada. Acho que pensando talvez na questão da maquiagem, teria que talvez refinar um pouco mais a discussão, para de onde vem né esses insumos para produzir a maquiagem, vamos dizer assim de larga escala, quais são as empresas que

talvez se preocupem com isso, então aí faz sentido, e se for tratar especificamente do plástico aí entra também bastante ciclos biogeoquímicos, mas aí soluções e concentrações não, de material e espectroscopia também não. Aí teria que ver lá eu agora eu tô sem o material aqui né mas seria provavelmente a parte ligado a química orgânica, petróleo, fontes minerais, aí encaixa bem. Deu pra entender bem?

Pesquisadora: É, pra ser bem sincera a disciplina de Química foi a mais difícil pra mim, mas com você falando agora faz todo sentido.

Docente: ótimo, mas aí ficou gravado, depois você dá uma olhadinha se tiver alguma dúvida você pode me mandar um e-mail eu tento melhorar a explicação. Então é mais talvez focar num tipo de material e de onde ele vem, e qual que é o ciclo de produção dele, e onde que ele finalizaria né, no plástico no final das contas ele finaliza se acumulando nos lixões ou depois em alguns casos indo até para os oceanos que você, a gente, se vê essas imagens horripilantes aí de plástico se acumulando nas praias nas ilhas. Agora se você puder colocar ele nos objetivos, só alguns conceitos, questão de precisão. Então aí eu não sei se seria discutir os diferentes materiais para construção dos malabares, mas talvez discutir o uso de materiais derivados do petróleo para produção desses malabares em larga escala, né. Provavelmente grande parte é de plástico né, algum tipo de plástico que vem dessa cadeia aí da indústria petroquímica. Então acho que poderia ser feito uma discussão sobre o ciclo produtivo do plástico e qual, quais são os seus efeitos sociais e ambientais do descarte inadequado né, depois que eu uso um tempo malabar ele já fica meio, não fica mais bonito, talvez ele pode sofrer alguns danos aí a tendência é jogar em qualquer lugar né, então talvez deve fazer uma descrição dessa em relação ao lixo ao descarte inadequado e a importância de reciclar, ou então já fazer malabares de materiais recicláveis para dar a destinação correta. Agora, quais os elementos químicos presentes na maquiagem, essa é uma discussão assim que -do ponto de vista da química- novos elementos químicos eles são as unidades básicas para constituição de substâncias químicas, e as diferentes substâncias químicas vão produzir os materiais então tudo que é matéria, ou seja tudo que tem massa e volume, tudo que está ao nosso redor tem elemento químico. Então se eu for pegar é Urucum, beterraba, carvão vegetal e outros, todos eles têm elementos químicos que estão combinados de forma diferentes em substâncias distintas, e que essas substâncias distintas formam os diferentes materiais. Então só discussão dos elementos químicos que estão presentes é uma discussão bem introdutória, só para dizer assim ó – a gente faria lá no primeiro ano- né do que que é a matéria é constituído, do que os materiais são constituídos, ora eles são constituídos

de átomos e os diferentes átomos tem características distintas, e aí eu tenho os diferentes elementos da Tabela Periódica que são 118 elementos, tudo que existe no universo é composto por átomos, de diferentes elementos químicos, então eles são as unidades fundamentais de toda matéria. Então só estudar o elemento ele vai dizer ‘ah bacana’ tem carbono, tem nitrogênio, tem alguns metais para dar cor, tal, mas não teria qualquer relação com as diferentes propriedades das maquiagens, as vezes ser mais aderente, menos aderente e coisas desse tipo. Talvez uma discussão pensando em ciclo biogeoquímico né que você colocou pudesse discutir quais são, do que são constituídas as matérias-primas né que dão origem as maquiagens, qual é o processo de produção da maquiagem. Então aí de novo eu vou fazer aquele movimento né, do que que é constituída a maquiagem de onde vem o insumo para produzir a maquiagem e depois o que acontece com esse insumo. Essa é uma é uma questão, agora eu não lembro na minha área de especialidade na química, mas eu não sei se dá para gente fazer essa dicotomia do produto industrializado e produto natural, o que pode fazer menos mal para pele. Porque hoje em dia de modo geral, né, essa produção dos produtos de maquiagem ela é muito avançada, então eles produzem alguns produtos hipoalergênicos, para diferentes tipos de pele oleosa, pele seca, pele que tem acne, pele que tem pouca acne, tal tal tal tal, então me parece que se você for fazer uma discussão um pouco mais profunda, pode ser que esses produtos de origem natural eles podem provocar mais reações alérgicas e problemas do que os produzidos com todos os testes em cuidados, entendeu? Claro que aí tem maquiagem e maquiagem né. Enfim, eu não sei, se teria que tomar um pouco de cuidado com essa com essa dicotomia aí que eu não sei se esses de origem totalmente natural para todas as peles quanto características eles não podem acabar provocando danos que não são previstos né.

Pesquisadora: Sim, estou pensando, vai que algum aluno vai testar e tem alergia, isso não vai ser legal, nem para a escola, nem pro professor, nem pro aluno. Acho que pelo que você falou, só por causa dos malabares a questão do reciclável, do plástico mesmo, talvez seja mais interessante do que incluir também maquiagem, que é uma aula bastante complexa.

Docente: É verdade os malabares seriam sensacionais para fazer uma discussão sobre petróleo, plástico, lixo plástico e problemas de poluição que o plástico provoca. Inclusive tem até alguns antropólogos dizendo que nós vamos entrar –desculpa, geólogos-vamos entrar numa nova era geológica, eles têm um nome específico, depois você dá até uma procurada na internet, que a questão de como o plástico já está alterando a própria

constituição do solo e da natureza em alguns locais do planeta. Que isso depois dá para caracterizar, assim como tem diferentes eras e que você consegue perceber nas rochas, como que plástico está tomando conta da nossa superfície terrestre. E aí fecha bem, dá para trabalhar muitos conceitos de química orgânica conceitos químicos importantes né e entraria totalmente na ideia de ciclo biogeoquímico é legal uma abordagem muito muito bacana.

Pesquisadora: Sim, acho que eu vou focar mesmo então nessa questão. Porque já é bem complexa né, se colocar mais a maquiagem com essas coisas que você falou então fica mais ainda, então eu vou refazer o plano pensando só nisso mesmo. Legal é só isso não sei se você quer falar mais alguma outra coisa do projeto, do plano de aula

Docente: Assim, só agora coisas para você pensar, né, até para defesa e tal, eu não sei em que medida eu caracterizaria essa proposta como uma proposta transdisciplinar, eu vejo ela assim interdisciplinar na nossa área de ensino de ciências né. Tem uma abordagem que a gente chama de CTSA, né Ciência Tecnologia Sociedade e Ambiente, em que dá para você integrar bem né como a ciência se relaciona com a tecnologia, como que a tecnologia tem interface com a sociedade e quais são os impactos ambientais com isso, mas você não abandona a lógica disciplinar de pensar em cada um desses problemas e construir e validar os conceitos historicamente consolidados né só para pensar.

Pesquisadora: É, quando a gente pensou em transdisciplinar na pesquisa, a gente sabe ser algo difícil né, inclusive a gente tem repensado na palavra transdisciplinar. Na prática, hoje em dia na escola, -seja na escola pública ou particular- é muito difícil você conseguir ter um diálogo com todos os professores com pais, né, a gente tem repensado esse nome transdisciplinar, que tem nos colocado muitos desafios, inclusive na elaboração dos planos de aula né. Acho que como eu tenho uma visão mais geral da pesquisa eu consigo ver melhor esse diálogo entre as disciplinas... por exemplo de por exemplo tem alguns elementos presentes na Química do ciclo biogeoquímico, que a gente vai estudar na Geografia também né, que conecta com a disciplina de História e Filosofia, e por aí vai. Enfim, ao final a gente vai encontrando aí várias disciplinas que vão se conversando e no final essa elaboração do espetáculo né, a gente tem encontrado algumas dificuldades sim, é uma questão super válida.

Docente: Depois se puder me mandar, no no final, depois da Defesa, fiquei bem curioso, talvez trazer coisas de circo para as nossas práticas seria bem legal.

Pesquisadora: Sim, eu tenho comentado com os professores que ao final da Defesa se vocês quiserem eu envio, por que vocês fizeram parte do processo, é

interessante. Então eu agradeço pela contribuição, você ajudou bastante e agora é mão na massa.

Docente: Perfeito, sucesso, vai dar tudo certo aí depois eu quero ver o resultado final, tá bom.

Entrevista com a docente de História- UFF

Pesquisadora: A primeira pergunta é o que você conhece do circo ou da atividade circense.

Docente: A minha experiência com atividade circense é como espectadora na infância, foi um programa marcante, sim e presente nas experiências de brincar na infância né. Quando fui mãe passei um tempo vivendo no interior do Estado de Minas Gerais, e todos os grupos que chegavam nessa cidade eu fazia questão de levar o meu filho pra assistir, para mim assim como espectador a e admiradora de arte e de todos os tipos de manifestações artísticas né. Eu levando meu filho me lembro agora assim como reforçou a minha admiração né pelo pelos artistas de circo. Inclusive tudo que envolve essa dinâmica da arte Popular e das trupes né, então eu me lembro do intervalo né, do espetáculo, de caminhar com meu filho e identificar as outras atividades que os próprios artistas tavam exercendo na construção daquela lona. Minha admiração também fica muito por conta disso, além também do aspecto estético e do espetáculo mesmo tem essa vinculação com estilo de viver né. Eu também tenho..... essa.... isso que eu gostaria de ressaltar, essa admiração pelos aspectos da cultura popular das artes, dos artistas populares.

Pesquisadora: Sim, bem interessante o que você falou né, a divisão do trabalho dentro do circo de lona ela é muito interessante e diferente do que a gente vê talvez aqui na sociedade. Então o trapezista ele também vende pipoca, é bem interessante essa forma que se dá o trabalho. Bom, aí agora já voltando um pouquinho para questão escolar né, a próxima pergunta é se você já esteve presente em uma escola em que as atividades circenses fossem utilizadas.

Docente: Não estive Isabel, nem como professora, nem como aluna. Não tenho memória dessa experiência.

Pesquisadora: Certo, então a pergunta 3 aqui não se aplica. A quarta pergunta é se você tem algum conhecimento sobre a pedagogia do circo.

Docente: Também tenho que dizer que não, para mim é uma, uma novidade.

Pesquisadora: Bom, em seguida aqui, a pergunta é se você segue alguma teoria pedagógica ou alguma linha de ensino específica.

Docente: Eu fui professora de educação básica por oito anos e desde 2012 eu atuo na formação de professores. Então assim a minha defesa principal, eu respeito a multiplicidade de metodologias. Na minha área que é o ensino de história, a área de

história eu vejo que a gente tem uma preocupação central de trabalhar com a temporalidade e pra atingir o objetivo de ensinar sobre tempo, sobre sociedade no tempo, não existe uma linha única, nem teórica em relação a história e nem pedagógica. Mas eu tô muito sintonizada com o pensamento de Paulo Freire, com o construtivismo, essas são as linhas que eu geralmente me aproprio mais né. Então as relações também entre educação escolar e educação popular, eu acredito, né, dentro do meu campo, da minha área de atuação que nós aprendemos história mediados pela escola, mas muito também pelos conhecimentos, pelos conteúdos que circulam na sociedade. Eu tô falando bastante da história porque eu faço parte de uma comunidade disciplinar, né. Penso educação e penso na relação da educação com ensino de história, então essa relação entre a responsabilidade da escola e o que circula na sociedade me interessa muito, por isso também essa sintonia com o pensamento de Paulo Freire e o construtivismo também.

Pesquisadora: Dentro dessa.. bom, você falou que não adota uma metodologia né, mas nesse pensamento então, você acha que atividade circense ela se encaixa? Por exemplo para atividades dentro da escola.

Docente: Acho que sim, apesar de ter que reconhecer que eu não tenho um conhecimento sobre a pedagogia do circo né, sobre o que compõe essa perspectiva, eu gosto de pensar que pra aprender e ensinar é preciso não só dar conta de conteúdos prescritos né, conteúdos que são estipulados nas políticas públicas como prescrição, currículos oficiais, mas também naquilo que a própria comunidade escolar pode ter como meio de conhecer o mundo, de conhecer a história, a geografia, uns aos outros né. Então para mim né, acho que a atividade circense pertence, vou fazer aqui uma comparação em relação por exemplo a uma atividade de Cine Clube nas escolas. Também é um meio muito...., um caminho muito rico né para provocar encontros, provocar debates e se apropriar de diferentes áreas do conhecimento, acho que sim é muito pertinente.

Pesquisadora: Muito interessante, muitas pesquisas hoje desenvolvem disso também, e dialogam bastante com a pedagogia histórico-crítica né então quando a gente fala da pedagogia do circo a gente geralmente invoca essas pedagogias. Quando a gente pensa numa pedagogia da atividade circense não é somente ensinar o aluno a jogar três bolinhas, né, mas o conhecimento do corpo dele. E hoje a gente tem um olhar também muito social, a gente tem o circo social né. Ah bom a outra pergunta é se você já trabalhou de forma transdisciplinar.

Pesquisadora: Já trabalhei. Trabalhei, e não foi minha situação de trabalho mais comum ou simples, o próprio cotidiano escolar trava muito esse tipo de trabalho. Mas eu tive oportunidade sim, de fazer um trabalho, desenvolver um projeto, que é um projeto de rememoração, de comemoração oração do ano de 1968. Então, em 2008 nós fizemos um trabalho sobre o ano de 1968, nós estudamos os 40 anos de 1968. Isso foi um mote pra diversos atividades, como eu falei a gente trabalhou com cine clube, eu tive essa experiência né, com exposições de artes visuais, tudo isso envolvendo professores de diversas áreas. Então foi muito rica essa experiência e foi muito desafiadora também para própria rotina de como a escola estava organizada, não foi fácil, é algo que demandou de todos um esforço, uma disposição de triplicar a rotina de trabalho, tanto que o projeto durou 2 meses. Um mês só de preparação, 2 semanas de realização da culminância dos trabalhos todos que foram feitos e mais uma semana de avaliação. Ah, foi muito rico, foi muito muito interessante, foi uma experiência marcante pros alunos também, já tem... isso foi em 2008? Eu ainda tenho contato desses alunos que participaram desse projeto e através das redes sociais, e tem memórias fortes sobre isso, foi bem marcante pra mim também como professora. No entanto, acabou o projeto a gente foi atingido por um calendário de provas, que a gente tinha que dar conta dos conteúdos que estavam previstos no programa, cada um dos professores então foi outra... vamos dizer assim... investimento de energia, para gente correr atrás do que teoricamente e socialmente tava sendo visto como perda de tempo. A gente fez um trabalho tão rico, tão interessante e duas semanas vem o calendário de provas, enfim, a gente conseguiu levar questões desse projeto para as próprias avaliações, dialogando com os conteúdos. Mas eu queria dizer sobre isso né, esse trabalho teve esse contexto desafiador, adverso, mas foi muito válido.

Pesquisadora: Muito legal você compartilhar essa experiência, porque a maioria dos professores até agora não teve na sua vivência o transdisciplinar. Então é muito interessante saber, assim, que acontece. A gente sabe das dificuldades, de todos os entraves, né, o espaço físico nas escolas mas que que acontece. Certo, então voltando um pouquinho mais para BNCC, a pergunta é se você sabia, tinha o conhecimento de que as atividades circenses elas estão previstas na BNCC.

Docente: Não tinha, não tinha esse conhecimento. Confesso que me causa curiosidade quando você fez o convite. Na minha rotina intensa de trabalho né, que é o remoto pensei em ver o documento né e ver se gosta de desafiar o documento ou de atender os que estão na BNCC né, mas eu não sabia, não tinha reparado.

Pesquisadora: Elas acabam ficando mais ali na primeira parte né, das linguagens na parte do português, da educação física e da arte. Na parte de arte quando ela aparece, e na de educação física ela parece dentro da ginástica geral, então não aparece como a atividade circense, inclusive é uma crítica aí que a gente vai colocar. A gente vai se utilizar da BNCC mas com as críticas também. Bom, agora eu vou apresentar para você o plano de aula, que a gente seguiu as competências da BNCC, e a ideia é que se você tiver alguma sugestão ou crítica que você possa fazer, para gente talvez melhorar ele.

[EXPLICAÇÃO E LEITURA DO PLANO DE AULA]

Docente: Isabel, enquanto você falava, eu fui fazendo umas anotações aqui, sobre conceitos, e vou dizer assim, o campo de ensino da história é um campo não só de aplicação, mas também de pesquisa. Então assim as minhas visões, o que eu vou apresentar aqui, com comentários em relação ao seu plano, elas podem não ser consenso em todo o campo do ensino de história, mas existem dentro da área de ensino de história como campo de pesquisa, várias especializações, e eu acho que você tocou em algumas. Por exemplo, a construção de noções temporais, quando você fala da construção de uma linha de tempo isso envolve um raciocínio histórico, uma construção de raciocínio histórico que não assim simples né, e ele também é um dos elementos centrais do ensino e da aprendizagem em história. Então você tem uma reflexão sobre o tempo e as temporalidades, as diferentes temporalidades, então por exemplo, uma das especializações dentro da área de ensino de história é essa questão da temporalidade, como ensinar e aprender sobre o tempo. Uma outra que também foi mencionada no seu plano é a questão do patrimônio do ensino de história, o que é patrimônio material e patrimônio imaterial, e como isso se relaciona com educação patrimonial, como se relaciona com o ensino de história. E você, em algum momento lá, mas competências, nos objetivos mais gerais também apresenta uma preocupação com patrimônio. Outro elemento que você tocou foi o uso de fontes, os registros que você chamou de registros de atividades circenses em vários tempos né, isso é o uso de fontes, são fontes históricas, então é uma outra especialização dentro do ensino de história, que problematiza, que faz reflexões sobre o uso de fonte para o ensino de história. Ainda no campo do patrimônio, a gente tem uma discussão que é central para história, pra teoria da história, e para o ensino de história, que é a memória. A relação entre memória e história e aí eu anotei aqui quando você falou de uma ‘historiografia do circo’, achei isso muito legal de ser construída junto com os alunos. E isso pode ser muito bem assim aprofundado por você no seu plano se você tomar contato com uma outra área do ensino de história que é pensar

a relação entre conhecimento escolar e conhecimento acadêmico. Existe algumas especificidades do conhecimento produzido na escola que pra história por exemplo, você faz muitos exercícios de como se produz e como se conhece pesquisas em história, mas você não tá formando historiadores, você tá formando cidadãos né naquele naquela etapa de escolarização, enfim. Então existem diferenças entre conhecimento acadêmico e conhecimento escolar, apesar de haver relações também né. Conhecimento escolar, ele às vezes bebe do conhecimento acadêmico, e às vezes ultrapassa o conhecimento acadêmico, e tem conhecimentos do campo da história, não só da história, mas da gramática, das ciências, que primeiro foram organizados na escola e depois chegaram na universidade, a história dos currículos mostra isso. O conhecimento escolar ele também pode ser aquele conhecimento inventivo, aquele que faz uma transformação e inclusive influencia a academia, não só o contrário. Há conhecimentos que partem da escola e chegam na academia com sua relevância. Então assim, dito isso né, que seu plano envolve muitas áreas diferentes dentro do ensino de história, quais observações que eu queria fazer: que quando você, por exemplo, mobiliza a competência que faz os processos civilizatórios e transforma em um objetivo, é preciso tomar cuidado e é uma discussão ampla na área de história, na teoria da história, e toma cuidado, e levar em conta uma crítica já existente. De não apenas aceitar uma linha evolutiva né, da história que vai levando os desenvolvimentos da sociedade para níveis mais complexos de civilização, acho que a antropologia ajuda muito a entender isso né, fazer uma crítica aos processos civilizatórios. Quais são as consequências disso? Por exemplo o processo de colonização. Qual o papel aí, por exemplo, das sociedades indígenas dentro dos processos civilizatórios? Será que a gente não tem nada a aprender em relação ao modo de vida, né. Eu desconheço a discussão disso em relação a historiografia do circo tá, não tô querendo te forçar relações mas só para a gente pensar um pouco que há uma crítica, eu acho que você pode recuperar um pouquinho uma crítica aos processos civilizatórios né, “aplicar conhecimentos do processo civilizatório (sedentarização e deslocamento) presentes nas disciplinas nas transformações fazer circense. Eu não sei se seria aplicar, por que nem todos os elementos do processo civilizatório a gente gostaria que continuasse, a destruição da natureza, as permanências da colonização, das colonizações das Américas, da América Latina principalmente, na África né, nos países africanos. Então eu diria para que você repensasse a questão da aplicação desses conhecimentos, talvez reflexão, limites e possibilidades, fazer a crítica nesse sentido, a antropologia pode ajudar né. Tem um autor que ajuda muito pensar processos civilizatórios que é Norbert Elias, que é um Historiador

francês, que fala sobre o processo civilizatório e sobre o tempo também. Eu acho que relações entre diferentes momentos de atividades circenses e seu uso do espaço, eu gosto muito dessa ideia de promover reflexões, sobre diferentes temporalidades, de relações, de permanência, de continuidade e não necessariamente de avanço né. Podem ter situações em outros momentos históricos que nos inspiram né e podem ter retrocessos hoje, não necessariamente a sedentarização será um processo superior a itinerância, por exemplo. Apesar da gente ver talvez aí, pelo que eu entendi que você falou uma tendência a sedentarização, e às vezes até a situação de objetivos mais capitalistas né, de lucro, enfim de um outro tipo de relação de trabalho que se estabelece dentro do circo né, que é a relação do entretenimento capitalista. Então eu gosto da relação de se compreender os diferentes momentos né, e essa mini cena de teatro acho que é um culminância muito bacana, um momento que vai poder acontecer realmente uma materialização né dessas reflexões. Então é isso eu fiquei pensando aqui quando você fala de linha de tempo né. E também eu tô aqui tentando dar contribuições no sentido do que eu acredito que seja fundamental para a disciplina de História, para trabalhar o estudo das sociedades humanas no tempo, e o historiador ele não analisa só o passado, ele não faz só isso, ele analisa o passado a partir do presente, não tem como ser outra forma, não pode ser outra forma. Tem uma perspectiva da historiografia, a partir do século XX que já deixou de lado essa história de arrumar os acontecimentos numa linha cronológica e evolutiva. A gente tem uma perspectiva que é a perspectiva da história-problema, que o historiador sempre parte de questões do presente e formula né, inquietações e problemas no presente, e vai ao passado para através das fontes, aprofundar essa hipótese e analisar as relações entre os diferentes tempos né. Por exemplo, continuidades e rupturas, permanências e mudanças, esse jogo que nunca acaba, a gente tá vivendo hoje um contexto político que não pode ser considerado democraticamente mais sofisticado que há 10 anos atrás, porque há avanços conservadores, então a gente tem também momentos de avanços e retrocessos, continuidades e rupturas, esse jogo para você também encontra em muitos textos, eu posso te indicar alguns se você quiser, sobre temporalidade e ensino de história. Inclusive fazendo problemas de como tornar uma linha de tempo mais rica para pensar sobre a história né, não só arrumar a cronologia, mas uma linha do tempo que parte do presente pro passado, que possa ser compreendida a partir das memórias dos alunos, da investigação dessas fontes do presente do passado. Por exemplo, existem representações de tempo com duas linhas de tempo, pode se fazer uma para o Brasil e outra para França, como ser uma comparação, uma representação de comparação entre os dois países isso é

possível de você fazer relações né, o que que acontecia lá de simultaneidade, de diferenças e semelhanças. Seria muito legal pensar na historiografia escolar do circo, você já tem as suas historiadoras, suas referências sobre historiografia acadêmica de circo né, pesquisa sobre circo eu acho que essa pesquisa poderia dar contribuição nesse sentido.

Pesquisadora: Eu gostaria que você me passasse sim esses textos, até aqui com a sua fala né.... porque quando eu pensei em historiografia do circo, eu pensei em colocar na cartolina, o uso da cartolina, mas nossa é tão batido né, será que não tem outro jeito né? E agora com a sua fala fiquei pensando numa linha do tempo através do corpo né dos alunos, então eles expressarem isso através do corpo né, então já veio algumas ideias já.

Docente: Posso te passar sim, tem uma autora chamada Sônia Regina Miranda, ela é da Federal de Juiz de Fora, ela tem vários artigos sobre temporalidade, ensino de história, sobre museu mediado pela preocupação do papel na escola nisso. Se você quiser eu coloco para você no seu e-mail algumas sugestões. Do conhecimento histórico escolar e conhecimento acadêmico, talvez essa possa ser uma chave para você, não sei se você teve contato mas eu acho que pode te ajudar até nas outras disciplinas, nos outros planos de aula para as outras áreas. E fortalecer essa produção do conhecimento original que ultrapassa os cânones né acadêmico-científicos mais tradicionais assim.

Pesquisadora: Pode ser, gostaria sim! Patrícia muito obrigada gostei muito das contribuições assim, acho que com esses textos e essas suas pontuações vou conseguir elaborar um pouco mais o plano.

Docente: Sucesso e força para você escrever, para concluir esse trabalho nesse momento tão diverso, em concentrar em produzir. Desejo muita sorte.

Entrevista com a docente de Língua Inglesa- UFSCAR

1ª pergunta: O que você conhece do circo e das atividades circenses?

Docente: Minhas lembranças de circo me remetem à minha infância (década de 1980), momento em que ainda havia animais no circo (não tínhamos esse entendimento dos maus tratos aos animais naquela época). Meus pais e avós nos levavam ao circo para entretenimento. Já mais para o fim da década de 1990 e anos 2000, começou a aparecer cursos sobre atividades circenses e o circo tomou outro rumo - mais acrobático, mais performático, talvez. O Cirque du Soleil, por exemplo, trouxe uma outra perspectiva do que é o circo hoje em dia.

2ª pergunta: Já esteve em uma escola de ensino básico (particular ou pública) em que as atividades circenses estivessem presentes?

Docente: Não

3ª pergunta: Se sim, de que maneira o circo estava presente nessa escola? Como uma ferramenta pedagógica, como atividade extracurricular, dentro de alguma disciplina como Arte, Educação Física, entre outros

Docente: Eu, particularmente, nunca estive em uma escola em que essas atividades estivessem presentes, mas conheço o trabalho de um professor de educação física de escola municipal do interior do estado de SP que, dentre outras atividades, também trabalha com atividades circenses com seus alunos.

4ª pergunta: Tem algum conhecimento sobre a pedagogia do circo? Se sim, qual?

Docente: Não conheço a pedagogia do circo.

5ª pergunta: Você segue alguma teoria pedagógica e/ou linha de ensino? Qual?

Docente: Sou docente de ensino superior e atuo principalmente em disciplinas teórico-práticas em licenciatura em Letras inglês. Dependendo da disciplina, há uma certa linha teórica para seguir e metodológica também. Seguindo sempre os preceitos da Linguística Aplicada, penso que minha tendência é trabalhar com diferentes metodologias voltadas à formação de professores de língua inglesa como língua estrangeira, independentemente da especificidade da ementa da disciplina, fazendo com que os estudantes (professores em pré-serviço) tenham oportunidade de reconhecer e aprender diferentes metodologias e abordagens.

6ª pergunta: Você acha que as atividades circenses se encaixam na corrente pedagógica que você segue? Como?

Docente: Pontualmente, há uma disciplina em que trabalho com 'projetos' de aulas na área de ensino-aprendizagem de inglês. Nessa disciplina, ao aplicar a teoria das Inteligências Múltiplas (em seu aspecto voltado à sala de aula), talvez as atividades circenses pudessem ser encaixadas em alguma atividade projetada pelos alunos, com objetivos específicos. Por exemplo, em um dado projeto, cujo objetivo fosse trabalhar com o tema "Health" (saúde), para atingir esse objetivo, talvez fosse possível criar uma atividade circense em que os alunos entenderiam o tema trabalhando seus corpos, movimentos, etc.

7ª pergunta: Você já trabalhou de forma transdisciplinar? Se sim, por favor comentar sobre.

Docente: No exemplo da disciplina acima, sobre projetos pedagógicos para a sala de aula de língua inglesa como língua estrangeira, há o entendimento do que seja um trabalho transdisciplinar (ou seja, espera-se que os projetos pedagógicos realizados pelos estudantes tragam característica de trabalho transdisciplinar, dependendo do público alvo do contexto), entretanto, pensando em minha prática, não posso dizer que já trabalhei dessa forma.

8ª pergunta: Sabia que as atividades circenses estão previstas na BNCC?

Docente: Não

9ª pergunta: Apresentei uma proposta (através do plano de aula) de como as atividades circenses podem servir como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina de Língua Inglesa, se tiver alguma sugestão que possa enriquecer a proposta ou se tiver ideias de outros conteúdos dentro de sua área que possam ser trabalhadas através do circo, por favor comente:

Docente: Penso que toda e qualquer atividade que utilize o movimento, a linguagem corporal para atingir seu objetivo de aprendizagem (seja ele qual for) poderia acomodar uma atividade circense, dependendo, claro, do contexto educacional e do público alvo, e, principalmente, do empenho do professor.

Último tópico: Deixo este espaço para se você tiver mais algum comentário ou sugestão, e desde já agradeço pelas respostas!

Docente: Boa sorte em sua pesquisa, Isabel. Acho que será de muito valor para a nossa área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Abraços e bom trabalho.

Entrevista com a docente de Arte- UNESP/IA

1ª pergunta: O que você conhece do circo e das atividades circenses?

Docente: Conheço o circo como público, pelo prazer e diversão.

2ª pergunta: Já esteve em uma escola de ensino básico (particular ou pública) em que as atividades circenses estivessem presentes?

Docente: Não

3ª pergunta: Se sim, de que maneira o circo estava presente nessa escola? Como uma ferramenta pedagógica, como atividade extracurricular, dentro de alguma disciplina como Arte, Educação Física, entre outros

Docente: ----

4ª pergunta: Tem algum conhecimento sobre a pedagogia do circo? Se sim, qual?

Docente: Já ouvi falar, mas não conheço.

5ª pergunta: Você segue alguma teoria pedagógica e/ou linha de ensino? Qual?

Docente: Uma pedagogia dialógica alinhada com a Abordagem Triangular.

6ª pergunta: Você acha que as atividades circenses se encaixam na corrente pedagógica que você segue? Como?

Docente: Intuo que sim.

7ª pergunta: Você já trabalhou de forma transdisciplinar? Se sim, por favor comentar sobre.

Docente: Não.

8ª pergunta: Sabia que as atividades circenses estão previstas na BNCC?

Docente: Sim

9ª pergunta: Apresentei uma proposta (através do plano de aula) de como as atividades circenses podem servir como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina de Arte, se tiver alguma sugestão que possa enriquecer a proposta ou se tiver ideias de outros conteúdos dentro de sua área que possam ser trabalhadas através do circo, por favor comente:

Docente: Além das questões referentes ao corpo e movimentos, poderia explorar a estética circense mais voltada as artes plásticas.

Último tópico: Deixo este espaço para se você tiver mais algum comentário ou sugestão, e desde já agradeço pelas respostas!

Docente: Boa pesquisa!

Entrevista com a docente de Biologia- Professora da rede estadual PEI
(Ensino Integral)- SP

1ª pergunta: O que você conhece do circo e das atividades circenses?

Docente: Não conheço muita coisa, o trampolim, equilibrar-se na corda, malabarismo

2ª pergunta: Já esteve em uma escola de ensino básico (particular ou pública) em que as atividades circenses estivessem presentes?

Docente: Não

3ª pergunta: Se sim, de que maneira o circo estava presente nessa escola? Como uma ferramenta pedagógica, como atividade extracurricular, dentro de alguma disciplina como Arte, Educação Física, entre outros

Docente: ----

4ª pergunta: Tem algum conhecimento sobre a pedagogia do circo? Se sim, qual?

Docente: Não.

5ª pergunta: Você segue alguma teoria pedagógica e/ou linha de ensino? Qual?

Docente: Nas escolas estaduais não tem como seguir uma teoria. Você vai se virando, fazendo as coisas para o aluno aprender

6ª pergunta: Você acha que as atividades circenses se encaixam na corrente pedagógica que você segue? Como?

Docente: Intuo que sim.

7ª pergunta: Você já trabalhou de forma transdisciplinar? Se sim, por favor comentar sobre.

Docente: Já trabalhei com outras matérias das ciências da natureza. Fazer fizemos um projeto de reciclagem, de produção de cosméticos.

8ª pergunta: Sabia que as atividades circenses estão previstas na BNCC?

Docente: Sim

9ª pergunta: Apresentei uma proposta (através do plano de aula) de como as atividades circenses podem servir como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina de Arte, se tiver alguma sugestão que possa enriquecer a proposta ou se tiver ideias de outros conteúdos dentro de sua área que possam ser trabalhadas através do circo, por favor comente:

Docente: Achei importante a parte de socialização, principalmente para os alunos mais tímidos também. É um jeito deles se soltarem

Último tópico: Deixo este espaço para se você tiver mais algum comentário ou sugestão, e desde já agradeço pelas respostas!

Docente: Com esse plano de aula, essas atividades podem ser usadas também como disciplina eletiva.

Entrevista com o docente de Filosofia- Professor da rede estadual PEI (Ensino Integral)

1ª pergunta: O que você conhece do circo e das atividades circenses?

Docente: O circo não foi uma experiência da qual tenho familiaridade, no entanto, as poucas vezes que tive contato, e isso são recordações do tempo de criança, que era fantástico em suas peculiaridades, os animais, o colorido, as pessoas, sim, as pessoas que eram iguais a nós, mas que também eram diferentes. Transparecia de certa forma um aspecto de liberdade. Mas são recordações de criança. Infelizmente o meu conhecimento sobre o circo não passa de uma concepção pré-conceitual, mas penso que são artistas itinerantes que vivem um agrupamento social com características culturais próprias.

2ª pergunta: Já esteve em uma escola de ensino básico (particular ou pública) em que as atividades circenses estivessem presentes?

Docente: Não

3ª pergunta: Se sim, de que maneira o circo estava presente nessa escola? Como uma ferramenta pedagógica, como atividade extracurricular, dentro de alguma disciplina como Arte, Educação Física, entre outros

Docente: ----

4ª pergunta: Tem algum conhecimento sobre a pedagogia do circo? Se sim, qual?

Docente: Não!

5ª pergunta: Você segue alguma teoria pedagógica e/ou linha de ensino? Qual?

Docente: Sim! Pedagogia libertária.

6ª pergunta: Você acha que as atividades circenses se encaixam na corrente pedagógica que você segue? Como?

Docente: Não sei perfeitamente o que viria a ser uma atividade circense, entretanto, posso supor por analogia que tais atividades se assemelham à ginástica olímpica, teatro, música, arte... o que se desenvolveria sem qualquer problema. A pedagogia libertária, e tomamos como referência os trabalhos desenvolvidos na escola Summerhill, tem como proposta desenvolver a capacidade cognitiva do aluno para que ele possa se encontrar no mundo. Não se trata de uma educação para outro tipo de educação, ou de uma educação para o trabalho, e sim para a vida.

7ª pergunta: Você já trabalhou de forma transdisciplinar? Se sim, por favor comentar sobre.

Docente: Sim! Dentre as atividades do dia a dia escolar, posso dizer que desenvolvi um projeto propondo a junção das disciplinas de física, matemática e filosofia; PROJETO PEDAGÓGICO: O Protagonismo Juvenil construindo uma Interdisciplinaridade entre a Filosofia, Física e Matemática. Projeto coordenado por mim e desenvolvido por dois alunos do ensino médio, sendo um do 2º ano e o outro do 3º. trabalho este que resultou de uma comunicação oral no Congresso Nacional de Filosofia e Educação da PUC em Campinas. Trabalho apresentado pelos alunos Jamil Menck Jr. 3ºB, Victor H. Gomes 2ºD

8ª pergunta: Sabia que as atividades circenses estão previstas na BNCC?

Docente: Não

9ª pergunta: Apresentei uma proposta (através do plano de aula) de como as atividades circenses podem servir como ferramenta pedagógica no ensino da disciplina de Arte, se tiver alguma sugestão que possa enriquecer a proposta ou se tiver ideias de outros conteúdos dentro de sua área que possam ser trabalhadas através do circo, por favor comente:

Docente: Quem está por trás da maquiagem? e o custo de se fazer rir.

Último tópico: Deixo este espaço para se você tiver mais algum comentário ou sugestão, e desde já agradeço pelas respostas!

Docente: Filme brasileiro: O Palhaço

Docente de Física- UnB (Instituto de Física)

Pesquisadora: Então vamos lá, o que você conhece do circo?

Docente: O meu conhecimento sobre o circo são as minhas memórias afetivas de quando eu era criança e ia com, principalmente com meu pai, sempre tinha circo na minha cidade, sou do Paraná, de uma cidade chamada Londrina, uma cidade de médio porte de lá, então eu acredito que pelo menos uma vez ao ano você tinha circo, isso nos anos 90. Eu tenho aquela lembrança do circo dos anos 90, da época que você tinha, por exemplo animais no circo e depois quando já não ia mais o circo fiquei sabendo que isso não é mais uma prática realizada, conheci um pouco o trabalho do Circo Du Soleil, cheguei acho que assistir duas vezes, isso lá nos meus acredito que entre 18 e 19 anos, e a partir dos meus 20 anos, é nos últimos 10 anos, não tenho tido contato com nada muito próximo e não tenho nenhuma proximidade, então o que eu tenho são memórias de 10 anos para trás.

Pesquisadora: Tá, então acho que você já respondeu à pergunta número dois, que é se você já esteve em uma escola em que as atividades circenses estivessem presentes.

Docente: Dentro da escola eu acredito que não, eu estudei em escola particular, para não dizer que eu não lembro de nada talvez eu tenha visto alguma apresentação de palhaços na escola, mais que isso eu acho que não.

Pesquisadora: Certo, então a outra pergunta é se você tem algum conhecimento sobre a pedagogia das atividades circenses.

Docente: Não, nenhuma, nenhum conhecimento. Eu sei que existe um processo diferente de aprendizagem nas atividades, eventualmente vi alguma coisa de documentário de TV, mas algo muito superficial, nada que eu posso dizer que eu sei.

Pesquisadora: Ok, vou modificar a ordem das perguntas e ir para a número 8, você sabia que o circo está previsto na BNCC?

Docente: Não, eu não sei exatamente em que ponto da BNCC isso tá. Eu trabalho bastante com a BNCC, mas o documento é muito grande, a parte do ensino fundamental e ensino infantil eu não li praticamente nada, eu li basicamente a parte de ensino médio, eu li muito e as partes introdutórias também. Acredito que em um pedaço que eu não li, deve tá isso, então eu não sabia.

Pesquisadora: Sim, a linguagem circense ela tá muito presente na primeira parte, na apresentação de Linguagens, tanto no fundamental quanto no médio, mas assim como eu falei ele é citado poucas vezes também, e de uma forma muito escassa né. Bom,

partindo pra próxima pergunta... se você segue alguma teoria pedagógica ou alguma linha de ensino, e se sim, se você acha que eu a atividade de ciências se encaixaria nessa corrente pedagógica.

Docente: Bom, eu, nós enquanto professores de Universidade temos esse certo distanciamento da nossa prática com o nosso estudo de teoria, principalmente o pessoal da licenciatura, porque por exemplo, eu dou aula para licenciandos, então eu tô em grande parte das minhas aulas ensinando técnicas de ensino pra esses meus estudantes, que vão aplicar essas técnicas na sala de aula, a maioria deles no ensino básico. Mas eu não tenho tanta oportunidade de utilizar essas técnicas com eles, por que eu estou ensinando alguém a ensinar então, a minha metodologia não é a mesma que eu estou ensinando, às vezes é mas nem sempre, então se for para fazer esse comentário em cima da minha prática diária, eu acredito que a resposta seria diferente do que eu fazia enquanto eu era professor do ensino básico, antes de eu entrar na universidade, eu dei acho que 7/8 anos de aula no ensino básico, ou mesmo sobre as abordagens que eu acredito que são interessantes para serem utilizados no básico. O que você prefere que eu converse sobre o que eu fazia quando eu tava no ensino básico ou o que eu ensino para os meus estudantes que são licenciandos, ou se você quer que eu fale mesmo do que eu faço no meu dia a dia?

Pesquisadora: Acho que o ensino básico encaixa mais aqui.

Docente: Quando eu trabalhava no ensino básico, eu tentava, na medida do possível, inserir a aprendizagem por investigação na minha prática. A aprendizagem por investigação, ela parte da premissa que o estudante e a estudante podem desenvolver práticas semelhantes de alguma forma, com as práticas científicas pra construir o seu conhecimento. Então você incentiva aspectos de uma investigação científica no decorrer das discussões em sala de aula, ou mesmo fora da sala de aula, para que esse estudante ele desenvolva não só esses conhecimentos, mas também compreenda um pouco do fazer científico. Um exemplo muito simples que eu posso colocar aqui para você é que, digamos que eu tô numa aula de laboratório, e ao invés de ensinar a lei eu posso ensinar uma lei específica ou uma fórmula específica, e aí os estudantes entendem, fazem as contas e veem como funciona, e aí os estudantes vão pro laboratório fazer experimentos que comprovem essas formulas que nós utilizamos, isso é uma metodologia tradicional que a maioria dos professores usam, e provavelmente foi assim que você foi ensinada. Mas a gente pode inverter isso, a gente pode começar do experimento e a partir do experimento trabalhar algumas ideias e jogar algumas perguntas pro estudante, e aí ele vai criando hipóteses e testando as hipóteses dele, e a partir desse teste, e dessa construção, do que

que aquele experimento diz, é que ele constrói aquela teoria, que antes era apresentada de forma expositiva. Então você inverte a ordem do processo, você faz com que ele construa esse conhecimento de situações que você coloca, e não contrário, de você ensinar uma coisa depois você trazer situações que ilustrem o que foi dito. Essa é basicamente a minha abordagem favorita do ensino de ciências. Por exemplo, se você vai ensinar o movimento de um pêndulo pro estudante, e aí você tem uma certa fórmula que é o período de oscilação desse pêndulo é igual a 2π raiz quadrada de... aí dentro dessa raiz quadrada você coloca o comprimento desse fio dividido pela aceleração da gravidade. Eu posso falar essa fórmula pro estudante, depois levar ele pro laboratório, colocar um fio e deixar ele brincar com esse fio e fazer as medidas, e ver se bate, e aí eu posso levar ele pro laboratório e falar para ele colocar pesos diferentes na ponta desse fio e percebe que não faz diferença, porque o peso não importa, aí falo pra ele agora coloca um tamanho de fio, faz a conta pra ver qual deve ser o período, mede no cronômetro pra ver se bate. Ou eu posso fazer ao contrário, antes de ensinar a fórmula, eu dou o fio para ele e falo “mede tudo que você consegue pensar”, começa a pensar em hipóteses, o que você acha que influencia, é diretamente proporcional? É inversamente proporcional? Quando você dobra o fio, o que acontece com o período? O que acontece se você aumenta? O peso que eu coloco, importa ou não importa para o período de oscilação? Então você inverte e aí ele vai construindo a partir dos resultados dessa investigação e dessas hipóteses que ele vai criando e que ele vai recebendo, e assim você não precisa trabalhar isso necessariamente com experimentos, você pode trabalhar com exercício de papel e caneta, ou você pode criar situações complexas o suficiente para que ele possa criar hipóteses e você pode ir guiando a partir de perguntas e respostas o processo dessa construção de conhecimento. Então talvez essa seja a minha abordagem favorita, que é você tentar fazer com que o estudante aprenda ciências de uma forma parecida, é claro que a gente sabe que não é a mesma coisa, como a ciência é construída no laboratório ou mesmo nas instituições.

Pesquisadora: Muito legal! Na proposta né, que eu vou te mostrar aqui do plano de aula, a ideia é essa né. Eu coloquei o bambolê como um objeto circense para a gente descobrir um pouco algumas questões das, da lei da física. Eu tive que dar uma pesquisada aqui, mas ainda assim não sei se está correto os termos, os conceitos que eu uso né.

[LEITURA E APRESENTAÇÃO DO PLANO DE AULA]

Docente: Tá, entendi. volta lá naquela parte que você coloca os temas pra eu poder falar com você sobre isso especificamente. O bambolê, ele funciona, assim, a dinâmica principal dele tá baseada nas rotações, e as rotações ou a rotação, principalmente do jeito que ele se movimenta, possui uma física muito difícil de se explicar, então assim, sendo simplista aqui eu acho que é bem difícil discutir física do bambolê no ensino médio. Porque assim, é bem difícil no sentido de que para discutir o que realmente faz a diferença no bambolê funcionar né, quando você falou do bambolê, eu já imaginei aqui rebolando o bambolê aqui, e o que que tá acontecendo ali, hora já comecei a analisar, eu nunca tinha parado pra fazer essa análise, mas eu comecei a imaginar aqui a relação entre forças que acontece ali, e me parece um tanto quanto complexa, mesmo se você girar ele na vertical no braço ainda é uma dinâmica muito complexa, que para se explicar em termos físicos é um tanto quanto difícil. Então assim, a primeira coisa que vem na minha cabeça, e aí você falou “outros objetos”, a minha primeira sugestão seria trocar esse objeto, seria colocar como você mesmo falou ali de bolinhas ou ‘massas’, aí é show falar de física, porque você conversar sobre centro de gravidade, é um assunto muito legal. Você pode explicar o porquê a massa gira daquele jeito, que a parte leve, certamente vocês têm isso internalizado na cabeça de vocês, de quando você gira a massa, por mais que você gire ela, ela tá girando em torno de um certo ponto, como um martelo né, não tá girando em torno do meio dele. Isso é o centro de gravidade, e isso é discutido em aula no ensino médio, então esse já é um tema que pode ser aproveitado, você discutir isso mostrando o martelo, mostrando o outro objeto, mas você pode discutir exatamente isso a partir das massas. Massa, clave... qual a diferença entre massa e clave?

Pesquisadora: Varia muito de região pra região, e massa também é o objeto utilizado na ginástica rítmica, que é parecido com a clave.

Docente: Ah, entendi. Então, eu acredito que você consegue fazer uma discussão muito interessante de centro de gravidade com as claves então, e quando você falar sobre o malabarismo simples, mesmo com as bolinhas você vai discutir bastante sobre lançamento oblíquo. E aí você faz uma discussão sobre lançamento oblíquo e forças, que é muito feita no ensino médio, então você tá pegando uma coisa que o professor passa duas semanas discutindo lançamento oblíquo em sala de aula e ele vai fazer essa discussão baseado em um tema circense. Só que aí, é importante só ficar claro que normalmente esses dois temas que eu falei para você, centro de gravidade e lançamento oblíquo não estão ligados, eles costumam estar meio distantes, e junto com o lançamento oblíquo você

pode certamente fazer essa discussão que você colocou ali, de conservação de energia e falar um pouquinho de força. Só que aí quando você falar de força, você não vai estar falando sobre força tração, peso normal vai tá falando, mas a tração não, porque a tração tem a ver um pouco com o puxar, eu entendo que não vai entrar a tração neste contexto. E grandezas escalares e vetoriais são um tema meio coringa, tudo discute ela. É como eu falar que eu tô ensinando um problema de matemática, e eu falo que um dos temas que eu tô ensinando ali é somar e diminuir, é uma coisa fundamental, então é meio trivial você falar que você tá ensinando operações básicas quando você tá falando de coisas mais complexas. Por exemplo, eu quando eu tinha o quê, uns 12 anos, eu aprendi a fazer malabarismo com três bolinhas, então eu tenho a lembrança muito clara de quando me ensinaram a fazer isso e hoje com a minha cabeça, que pensa a partir de conceitos físicos, eu consigo ensinar numa aula de física, ensinar malabarismo utilizando os termos físicos e não como me ensinaram de “a joga a bolinha, faz assim”, eu posso trocar, ao invés de falar para jogar bolinha eu posso falar pra você aplicar uma força específica ou você realiza um trabalho específico, você dá uma energia cinética, eu posso trocar esse meu vocabulário para o vocabulário físico para ensinar os alunos. Isso eu consigo imaginar, por outro lado eu acho que bambolê é mais fácil para todo mundo acabar fazendo né para no final da aula, eu posso tá enganado né, acho que se você passa algumas horas, uma hora com bambolê, e passar uma hora com o malabares vai, muito mais crianças conseguiriam usar o bambolê do que efetivamente sair jogando duas bolinhas né. Não sei, o que você acha?

Pesquisadora: Hmm, o bambolê é muito difícil, tem gente que não consegue rodar na cintura, porque tem a questão do diâmetro, de todo o entendimento do corpo, geralmente o bambolê tá caindo e a pessoa abre perna, mas isso faz o bambolê cair [risadas]. A bolinha ela é mais adaptável, por exemplo na pedagogia né quando a gente fala de malabares, é mais adaptável a idade, por exemplo a galerinha mais nova, a gente não vai usar bolinha direto, a gente usa pedaços de tule, porque ele fica mais tempo no ar, ele não desce tão rápido, então dá para adaptar.

Docente: Entendi, tá então eu acho isso, assim eu consigo pensar em bastante coisas a partir do que você falou, eu acho que dá para dá para adaptar e trabalhar toda uma sequência que discuta principalmente o lançamento oblíquo e que faça essa discussão bem feitinha a partir dos malabares, e aí você falou do tule, eu nunca tinha pensado nisso, que pode ajudar. Eu acho que faz uma discussão bem interessante, que comece com o

lançamento oblíquo, que fale de força e termine na conservação de energia, se você fizer isso você vai gastar aí um mês e meio mais ou menos.

Pesquisadora: Bem interessante né, porque eu não sabia, eu fiquei tentando imaginar né, como que explica o giro do bambolê através da física. Mas agora que você falou dos malabares é até interessante né pensar nessas variações, então começar com o tule e tal, tem um número muito famoso do Circo de Soleil que um plhaço faz com sacolinha de supermercado, por exemplo. Então também abordar isso, de diferentes materiais e trabalhar as diferenças, acho que é interessante isso sim, acho que vai acabar sendo por aí mesmo.

Docente: E aí então eu não sei eu não sei como você quer, eu realmente acho que a gente pode entender essa conversa, eu não sei se você se você quer refletir um pouco nisso que eu falei, se você gostaria que eu te contasse algumas coisas e que a partir dessas coisas para delinear melhor, o que você tá pensando. Acho que a gente pode estender essa conversa e continuar para organizar então esse tema. E aí não sei se você quer um tempo para você pensar o que você quer trabalhar.

Pesquisadora: Para mim já com alguns apontamentos que você colocou no plano de aula, encontrei um caminho, acho que vou ficar realmente com essa questão do lançamento oblíquo, porque achei bem interessante pensando diferentes objetos, aí eu vou dar uma modificada aqui, posso te enviar talvez para você dar uma olhada aqui nessa parte do desenvolvimento

Docente: Pode ficar à vontade, você pode me mandar, a gente continua trocando.

Entrevista docente de Educação Física

Pesquisadora: Você já trabalha na área de Educação Física, então acredito que a maioria dos professores que eu perguntei o que você conhece do circo, a maioria foi memória afetiva né, mas vamos ver aqui como profissional de educação física. Porque também é uma discussão que a gente coloca na pesquisa né, o circo ele tá na educação física ou em arte fale, né, quando a gente fala da escola né. Então vamos lá.

Docente: Na educação física também tem esse desafio porque por exemplo as práticas corporais por exemplo é uma arte né você tem você pode discutir o esporte como arte de filmes e documentários a própria estética de um jogo de futebol e aí você imagina dança também tá na educação física mas ela tem tudo a ver com a arte, a própria capoeira, o jogo e a brincadeira, enfim... Eu vejo que é um desafio mesmo e você tá colocando a mão aí numa cumbuca que talvez vai aparecer eu posso fazer esse comentário no final da entrevista, que são Desafios que os professores e as professoras que tem uma formação mais tradicional e mais antiga eles tem resistência ainda em relação.

Pesquisadora: É um tema que eu quero, inclusive, pesquisar na Uniara, essa formação de professores para circo, as vezes propor uma formação, enfim... A primeira pergunta bem simples, o que você conhece do circo?

Docente: Bom, a memória primeira que eu tenho do circo, e eu na minha trajetória, infância, o circo aqui na cidade de Araraquara era algo recorrente, então eu fui muito Então, os elementos que se manifestam no circo, as atrações, eu tenho esse contato pela experiência da infância e depois no meu processo de formação continuada, como professor de educação física, eu fui acessar e conhecer alguns elementos do circo na minha atuação profissional, porque eu trabalhei 12 anos no clube 22 de agosto, aqui de Araraquara, de 1997 a 2008. Um período desse tempo de 1997 a 2002 como professor de atividade física, especificamente de hidroginástica e professor na academia de musculação, e paralelo a isso, eu trabalhava já desde 1994 com recreação, animação de festas de aniversários e também eventos, festas de dia da criança, festa junina, eventos em clubes, evento de Dia das Crianças, eventos de final de ano. E eu também tive uma experiência com o palhaço Tiririca, que é um profissional aqui da cidade de Araraquara, que inclusive, antes de ingressar como estudante de Educação Física em 1993, eu o conhecia porque ele era Tio de uma namoradinha minha. Quando ingressei na faculdade e comecei a ter disciplina de Recreação e fui trabalhar em academia de natação e foi aí que eu me envolvi com o trabalho de animação de festa com recreação, ele me convidou

para participar de alguns eventos que ele fazia. Então ele animava festa de aniversário (o palhaço Tiririca), mas ele também tinha muitos eventos corporativos ,então, festa do Dia da Criança de grandes empresas, chegada do Papai Noel de grandes empresas. Ele tinha uma tenda de circo né, como ele a personagem dele era o palhaço, ele tinha uma tenda de circo que ele levava, montava a tenda e as atividades acontecia embaixo dessa tenda. Então aí veio uma segunda experiência. A terceira experiência foi nessa trajetória do Clube, quando eu me tornei coordenador de esportes e lazer em 2002 e não era mais só professor, eu montava as colônias de férias, o que são as colônias de férias? No período de férias escolares as crianças passavam a tarde no clube com a gente. Então tinha todo um processo de inscrição e a gente montava uma programação. E eu montei uma equipe de recreação e nessa equipe, tinha algumas profissionais algumas ex ginastas também devem ser conhecidas sua, a Banana, a Mariana, o Adam, que eles estavam fazendo Federal, estavam no curso de Educação Física, tinha essa trajetória da ginástica artística e estavam se envolvendo com o circo. E a Mariana, especificamente, conhecia um garoto que inclusive também foi da ginástica e ele tem uma carreira acho que Internacional e propôs numa das colônias de férias, a gente resolveu fazer a colônia de férias temática, então tinha, oficina de culinária, oficina de jogos e brincadeiras, oficina de lutas e nós fizemos a oficina circense, com a questão dos malabares, a questão do equilíbrio, levou esse menino para trabalhar com a gente, o tecido, a gente pendurou o tecido lá na estrutura do ginásio do clube. Fizemos essa oficina, eu tenho até as fotos, né, eu tenho aí. Então aí eu comecei a ter esse contato com essas outras atividades circense mas que tinha um trato pedagógico, os elementos da com os elementos dos malabares, com essa atividade do tecido e em 2006 eu prestei concurso para ser professor da rede municipal, eu prestei o curso, mas eu fui chamado só em 2008, fevereiro de 2008 eu fui chamado. E aí eu mudei um pouco a minha trajetória de formação, eu trabalhava então no clube e academia e com essa questão de eventos, organização de eventos, então eu já tinha esse olhar um pouco multifacetado. Quando eu fui fazer o mestrado, que eu fui estudar o Lazer, porque a minha atuação do Clube começou a exigir de mim e eu percebi que eu precisava ter outros saberes para poder atuar como gestor, a minha visão de Lazer ampliou, e por isso que a gente começou a organizar essas oficinas, porque eu fui fazer o mestrado em 2004, comecei como aluno especial em 2003 na Unimed em Piracicaba, ingressei como aluno regular em 2004 e a minha dissertação foi entender o Lazer e os Clubes da cidade de Araraquara. Então entrevistei professores, professoras, diretores e associados. E essa proposta de trazer para Colônia de Férias outras manifestações culturais que não são só

os jogos e brincadeiras também foi uma provocação do mestrado, que mostrou para mim que o lazer, ou seja, no tempo livre as pessoas podem acessar diferentes práticas que não só as esportivas como também e atividade física e como eu sou da Educação Física, a gente achava que todo mundo só, tinha uma visão restrita do entendimento de recreação até porque a na minha formação, que foi posto para mim como recreação, eu nem estudei o Lazer eu tive uma formação técnica para conhecer jogos e brincadeiras daí minha visão ampliou inclusive nas atividades que a gente organizava no clube, a gente sempre oferecia atividades propostas ligada a várias linguagens, então tinha lá, palestras, já tinha os eventos artísticos né, porque aí você tinha uma diretoria social que organizava esses eventos, mas especificamente na sede de Campo, a gente começou a levar outras atividades culturais para além dos jogos e das brincadeiras, para além das aulas específicas de academia, de natação, de escolinhas de esporte e para os campeonatos esportivos das diversas modalidades. Então a gente teve essa experiência com esse grupo né que eu acabei fazendo um processo seletivo para trazer esses estagiários para atuar, e aí eles vieram com esses saberes do circo, que a gente implementou na colônia de férias. E quando eu passei no concurso para professor de escola, mudou um pouco né, porque eu deixei de trabalhar no clube e fui entender a escola, que também não era só a educação escolar, não era só o esporte, porque a formação que eu tive na década de 90, por isso que a nossa trajetória de formação na área de atuação é importante né, você ressignificar a formação continuada é importante, para você poder entender se eu fosse atuar com o conhecimento, com saberes que tive na universidade, eu não ia dialogar com essas outras manifestações, nem no clube e muito menos quando ingressei na escola. E quando ingresso na escola, que você vai ler os documentos orientadores, na época era os PCNs, agora que surgiu aí a BNCC, a gente lá no debate sobre ginástica falava das ginásticas de academia, ginástica artística e ginástica rítmica e também falava da ginástica circense, mas inclusive na perspectiva da ginástica geral né, trabalhar alguns elementos que tem... então aí, só para você entender um pouco trajetória do meu contato enquanto criança na infância com o circo enquanto o espetáculo, até chegar a entender as práticas circenses com uma possibilidade de vivência para as crianças tanto no espaço de educação não formal que é o clube ou as festas de aniversários e eventos, como espaço de educação formal que é a escola

Pesquisadora: É tá muito legal... a Mari já comentou comigo sobre quando ela trabalhou na 22

Docente: Nós escrevemos, inclusive, a gente tem trabalho publicado no maior evento de recreação e lazer acadêmico que é o ENAREL (Encontro Nacional de Recreação e Lazer), a gente tem isso publicado né, em 2007, acho que 2006, nós levamos, e aí a molecada estava com pique, a gente tinha a equipe e a gente tinha um grupo de estudo aos domingos, olha que louco, eu provoquei esses estagiários a escrever sobre aquela experiência, como eu estava também terminando o mestrado, ajudei a sistematizar, e a gente levou seis trabalhos, seis apresentações de poster, e um deles foi sobre as atividades circenses no clube

Pesquisadora: Muito legal... É interessante quando você falou dos PCNs que o circo tanto no PCN, na LDB, inclusive na BNCC, ele entra em outras áreas, eu não lembro agora, eu acho que é a LDB, ele está dentro da área de teatro. Então na BNCC vai ser citado umas quatro vezes e como artes circenses, que aí também é outra questão né essa nomenclatura, mas está sendo citado, é uma crítica que a gente coloca, as vezes de forma escassa, e criticando um pouco a nomenclatura, mas está lá. E aí a próxima pergunta já é direcionada a escola mesmo, se você já trabalhou ou já estudou em uma escola em que tivesse as atividades circenses?

Docente: Então, como é interessante de novo, eu falo muito da trajetória porque a trajetória foi um dos objetos de investigação do meu doutorado, e a gente passa a entender a importância do que a gente vive na nossa trajetória profissional, pessoal, no nosso tempo livre, enfim... Enquanto aluno de uma escola, enquanto estudante na Educação Básica, nunca porque o que rolava era quem gosta de esporte vai lá jogar futebol, vôlei, basquete, quiçá, handebol na época, o quarteto fantástico, quem não gostava ficava sentado, porque a concepção que se tinha na Educação Física na escola era para formação de atletas, era uma Educação Física esportivizada. Eu fiz Educação Básica na década de 80, então não tive experiência nenhuma. A minha experiência do circo foi essa de ir ao circo enquanto um espetáculo. Agora, enquanto o professor, a gente trabalha, eu e os colegas que atuamos na Escola Municipal de Ensino Fundamental, a gente trabalha as atividades circenses, as práticas circenses, desde os primeiros anos até os anos finais.

Pesquisadora: Então aí dentro currículo mesmo né?

Docente: Como que é? Desculpa...

Pesquisadora: Dentro do currículo, não como atividade extracurricular?

Docente: Dentro do currículo, isso, até porque a gente faz o planejamento e tenta abordar no conteúdo ginástica, as atividades circenses.

Pesquisadora: Certo... Bom, a próxima pergunta é se você tem algum conhecimento sobre a pedagogia do circo.

Docente: Uma formação específica para trabalhar com a atividade circense, não tenho... o que a gente foi buscar nessa formação continuada, nessa formação continuada que a gente tem nos nossos horários de htpc, de planejamento de aula, buscar estratégias, buscar saberes que falam sobre o circo e sobre as práticas corporais do circo. Então a gente trabalha muito com os elementos da ginástica que tem relação com o circo: cambalhota, rolamento, fazer grupos que conseguem fazer figuras de equilíbrio, trabalhamos com a construção de alguns brinquedos que possam servir como malabares, enfim... bem nessa perspectiva, que não é muito aprofundada né, a gente não tem os saberes aprofundados sobre o circo, inclusive a gente tem um material pedagógico, até tinha, mas permanece com a gente, acabou a parceria com o Sistema SESI, mas o Sistema SESI trazia no livro do aluno e no livro do professor, propostas de como trabalhar a atividade circense. Mas não só na perspectiva da atividade pela atividade. Lógico que isso também vai muito pela formação do professor, porque tem professor que não concebe, você discutir sobre a prática, ele entende que a aula de Educação Física tem que ser 100% prática. Eu atuo numa perspectiva, que eu entendo a necessidade dos alunos saberem sobre aquilo que eles estão fazendo, eu trabalho muito para prática reflexiva, tanto a minha, quanto a dos alunos. Eu entendo que há uma troca ali, é um processo de construção de conhecimento de ressignificação dos saberes, até para eles entenderem quais são outras manifestações possíveis de serem acessadas. Entendo que a Educação Física na escola tem esse papel, de desconstruir que vai ali colocar o seu corpo em movimento só quem já tem alguns pré-requisitos, algumas habilidades, já tem essa oportunidade no seu cotidiano da família o espaço que ele frequenta como escolinhas das diferentes modalidades. E tem um grupo significativo de crianças que não têm essas oportunidades e a escola tem esse papel e não só na Educação Física né, como que os outros componentes curriculares poderiam, por exemplo, a disciplinar, a chamar atenção das crianças para as artes visuais né, para visita de museus, bibliotecas, leitura, a própria língua portuguesa. Como pensar uma prática pedagógica que estimule o desejo pela leitura, ouvir música, entender sobre a letra da música. Então eu vejo que todos os componentes curriculares, você comentou um pouco aí na sua apresentação que ontem você estava tentando discutir isso com o professor de física, mas é um desafio. Não tem física na arte circense? Lógico que tem! O cara dá uma cambalhota, o seu corpo fica determinado tempo em suspensão, a questão da gravidade e o centro de gravidade, tem

tudo a ver com física. Mas é que a gente teve uma formação segmentada, a Educação Física vai ensinar sobre o movimento, tem que entender a anatomia e a biomecânica. Não importa as questões sociais que tem ali na vida de quem é profissional do circo, quais são os valores que eles trabalham, e por aí vai...

Pesquisadora: Sim... você já respondeu um pouco sobre a teoria pedagógica ou a linha de ensino que você segue né? Não sei se você quer falar um pouco mais, é que era a próxima pergunta aqui

Docente: Então, legal que o roteiro de pesquisa é isso né. A gente gosta de trabalhar com roteiro semiestruturado porque ele permite essa ressignificação, às vezes, o entrevistado avança um pouco e já contempla algo que estava previsto. Mas especificamente quando a gente fala da pedagogia, não sei quem curso de arte circense, qual é a pedagogia proposta. Eu entendo muito, Bel, a minha percepção, independente da profissão, você pode ter um professor que ele é tecnicista, o que é um professor tecnicista? É aquele que vai exigir de todos um padrão de movimento. Você tem um padrão de movimento como referência e você vai colocar aquele padrão para que todos tentam atingir o mais próximo possível. A pedagogia que eu entendo é aquela que o nosso papel enquanto professor é oferecer acesso, despertar o interesse e se for por esse viés da técnica, da valorização da técnica, a gente não vai conseguir isso, porque cada um tem um corpo diferente do outro, uma experiência com o movimento influenciada - essa que era a palavra que eu estava procurando - pelas experiências que ele teve. Se ele teve uma experiência corporal em que ele se sentiu ridicularizado ele vai ter dificuldade para reproduzir aquele movimento, e nós, enquanto professores, em qualquer área, a gente tem que pensar uma estratégia em que a pessoa se sinta à vontade para experimentar. Então eu penso numa prática pedagógica, numa teoria pedagógica, eu tenho me aproximado muito teoria da Pedagogia Cultural, que a BNCC foi tomar um pouco, foi beber um pouco nessa fonte, mas como você disse aí, houve alguns deslizes né, e no próprio processo de construção da BNCC, começou no processo mais democrático e participativo com pessoas de diferentes setores ligados a área de Educação Física, mas que depois teve uma batida de martelo meio que deixando para trás alguns elementos estruturantes importantes. Mas eu tento sempre partir da realidade dos meus alunos, então por exemplo, eu vou trabalhar as atividades circenses com meus alunos, eu nunca levo uma atividade pronta e peço para eles reproduzirem. Eu sempre começo mapeando os saberes que ele tem, que é mais ou menos o que você você fez comigo: quem já foi no circo? Quem

conhece o circo? Que tipo de atividade vocês assistiram no circo que é possível a gente fazer aqui na escola? Para você ter uma ideia, em 2008, 2009 e 2010, quando eu entrei na escola, os três primeiros anos, o terreno do lado, que hoje é uma creche - uma escola de educação infantil - era o terreno que o circo se aloca, o Circo do Bochechinha, que é o circo que rodava pelos bairros periféricos da cidade e eu tinha vários alunos que frequentavam o circo, vendendo a pipoca para poder assistir, alguns indo mesmo como espectador e a gente fazia várias experiências utilizando aquela vivência que ele tinha ali, do como equilibrado, do como fazer um rolamento, enfim... Então eu costumo trabalhar em todas as unidades temáticas que estão previstas, que a gente entende que são relevantes na Educação Física, nessa perspectiva de tornar o aluno participativo do processo né, não participativo no sentido de realizar a atividade, mas de trazer as experiências que ele tem, os saberes que ele tem, a gente trocar esses saberes, enfim, é mais ou menos nesse caminho.

Pesquisadora: Interessante, né, o circo hoje, a maioria das pesquisas vão trabalhar a atividade circense com a pedagogia histórico-crítica né, que é uma pedagogia que, enfim, como você falou, vai abarcar mais essa questão social, enfim... Bom, aqui você já respondeu também... Aí a gente iria para pergunta número 7, se você já trabalhou de forma transdisciplinar

Docente: Bel, você fez um preâmbulo da sua pesquisa né, desse seu desejo de levar o circo como um tema transversal, cara, é o desafio que todo Professor como nós assim, que chega com a vontade de trabalhar nessa perspectiva de abordar um conteúdo a partir de várias dentes, a gente... eu já tentei várias vezes, eu confesso que acho que alguns momentos se concretizou isso, muito mais em atividades extracurriculares na própria escola do que nos momentos curriculares. Porque trabalhar na perspectiva transdisciplinar, multidisciplinar, exige uma organização da escola em que os componentes curriculares não sejam colocados cada um dentro da sua caixinha. Então você propor para um professor de artes dialogar com você e tentar andar junto é difícil, às vezes, para você ter uma ideia, às vezes o seu horário, que a gente chama de HTPC (horário de trabalho pedagógico) que horário a gente tem para planejar as aulas, não é o mesmo horário e dia do seu colega. A gente tem duas horas semanais que é o tal do horário de trabalho pedagógico coletivo, que é para todos os professores estarem lá. Só que as escolas, as vezes tem dois períodos desse horário de trabalho pedagógico, porque alguns professores trabalham em outros lugares e naquele dia à tarde não é possível, o dia dele é

de manhã, não bate com o seu. Então é uma série de fatores, lógico que isso não é uma desculpa, mas o profissional da escola se encosta em alguma dificuldade, alguma barreira para não avançar, porque dá trabalho, é mais trabalhoso né, eu investigar algo ou algum objeto em que eu não tenho domínio, outro professor também investigar algo que não é seu domínio. O professor ter esse entendimento em que aquele objeto é comum, é comum para o professor de matemática, é comum para o professor de ciências, de geografia, mas só que dá muito trabalho. E é uma pedagogia ainda que exige você está aberto para essa prática diferenciada né, então assim, na escola enquanto componente curricular da grade curricular oficial, especificamente sobre a atividade circense, não, algumas outras práticas, por exemplo, sobre determinadas práticas esportivas, quando você vai falar de jogos olímpicos, consegue fazer uma aproximação com isso né. Mas as atividades extracurriculares que são as famosas ACL (atividade de cultura e lazer) que toda a escola, pelo menos Municipal, tem que realizar, quatro vezes ao ano, uma a cada bimestre. Então aos sábados, a gente fazia um projeto em parceria, inclusive, com o curso de Educação Física, que eram os estudantes do curso de Educação Física que planejavam as ações da perspectiva do lazer, com essa ideia de levar diferentes experiências para Além das práticas esportivas, então tem música, tem dança, tem culinária, tem jogos e brincadeiras, tem os esportes, enfim... Isso às vezes se concretiza, mas não necessariamente envolvendo os professores da escola, as vezes você tem a parceria de um ou dois professores que entendem a relevância do projeto, que é um projeto que acontece em um dia e horário em que ele não trabalha, ele só vai se ele é convocado, se aquilo é hora extra, porque eu também acho justo, entendeu, você receber pelo seu trabalho, mas a própria escola, a própria estrutura da educação, ela tem ainda algumas barreiras que impedem esse trabalho transdisciplinar / multidisciplinar ele se concretize com mais frequência e vou mais longe, inclusive, a própria organização do espaço da escola dificulta isso.

Pesquisadora: Eu sou um pouco sonhadora, assim, eu adoro trabalhar com esses temas transdisciplinares, mas eu sei da dificuldade que é numa escola. O projeto foi pensado para uma escola pública né, então inclusive pensando no espaço, mas a gente tenta né.

Docente: Se a gente não tiver esses objetivos, nós enquanto profissionais, professores, que a profissão nossa é ser professor/professora, a gente vai se frustrar muito, entendeu? Então a gente vislumbrar alguma possibilidade que a gente entende possa mudar aquela realidade, é a chama que nos mantém. Mas assim, é muito debate, é muita

argumentação, você tem que fazer, especificamente Educação Física, Artes, Inglês, a todo momento tem que se fazer um componente curricular que faz parte do currículo. Chama componente curricular, mas muitos colegas das outras áreas, dão valor menor para nós, às vezes o próprio gestor na escola, você entendeu? Então se você é um profissional que não tem essa compreensão da sua área, você também vai fazer o mínimo do mínimo.

Pesquisadora: Vai ficar ali na caixa né...

Docente: Exatamente!

Pesquisadora: Você comentou sobre esse programa de sábado, é uma dúvida aqui meio fora da pesquisa na verdade, mas é o Escola da Família esse programa? Ele existe em Araraquara?

Docente: Então, a Escola da Família é o programa do Estado de São Paulo que já teve uma abrangência muito maior do que tem hoje, mas por um equívoco das escolas de como trabalhar esse programa, ele acabou permanecendo só nos territórios que tiveram êxitos. Quais foram os territórios que tiveram êxito? Aqueles que efetivamente a escola entendeu qual que era a proposta de trabalhar nessa perspectiva de envolver a comunidade no processo, e não simplesmente estabelecer um conjunto de atividades de por lá e vai quem quer. Quem fez essa perspectiva não conseguiu ter a continuidade, porque percebeu que o projeto teve uma baixa adesão. Quem trabalhou com uma proposta, que a gente chama da ação comunitária, de envolver a comunidade no processo, de despertar o interesse das pessoas em ocupar aquele espaço que, às vezes, é o único espaço que vai ter uma quadra, uma sala de projeção, uma sala para você experimentar atividades artísticas, as artes manuais, as palestras, se permanece hoje. Não, até porque esse projeto da escola, a escola que eu trabalho é municipal e não tem esse projeto da Escola da Família. Na escola municipal, para atender as 800 horas anuais que o estudante deve cumprir na escola, e que a escola deve oferecer, existem algumas horas extracurriculares, que é a escola tem que estar aberta para comunidade, geralmente são aqueles eventos tradicionais que a escola já organizava, que é: a Festa Junina, o Dia das Crianças e o Aniversário da Cidade. E eu com essa minha característica semelhante a sua de ser um pouco sonhador, quando eu estudo, meu objeto de pesquisa é o lazer, eu comecei a provocar a comunidade a entender a escola como um equipamento não específico de lazer que eles poderiam ocupar quando a escola não tivesse tendo aula. Então na verdade esse projeto que eu faço, que comecei a levar os alunos da Educação Física para concretizar os seus projetos que a gente começa na disciplina Lazer II, a disciplina de Lazer II da faculdade é o que, você

elaborar um projeto e colocar em prática para gente sair da teoria que discute no Lazer I ir para prática. Ah, mas Lazer I não tem prática, a gente tem umas aulas práticas, várias dinâmicas que uso na aula são práticas, mas é que prática para quem vai na Educação Física é estar tendo movimentos específicos, virando cambalhota, chutando a bola. E aí então na disciplina Lazer II, a gente monta um projeto e se possível esse projeto será aplicado. Eu já fui para Matão com os alunos que moram em Matão para eles colocarem em prática o projeto deles. Aqui na cidade já fomos em vários lugares, já fui lá no Vale Verde, no projeto da horta, já fui em algumas associações de pessoas idosas, muito massa. E aí eu dou uma opção, para aqueles alunos que não acham opção nenhuma, essa data que já tem prevista na escola, então eles têm que ir lá na escola, mapear as turmas que tem, mapear material que tem, andar pelo bairro para saber que equipamento que tem, se já tem oficina de esportes, já tem atividades físicas para as pessoas, e, a partir dessa análise da realidade, eles montam uma atividade para oferecer na escola nessa data. Eu comecei com isso em 2008 e na verdade, a gente fez dois meses todo sábado direto, e aí um professor de história que foi meu parceiro, que ele era muito meu amigo: - Não, dia de sábado eu não faço nada, vamos lá! E a gente atendia 200 pessoas por sábado, das 1:30 da tarde às 5:00 horas da tarde.

Pesquisadora: Muito legal... Bom, a penúltima pergunta aqui é se você sabia que as atividades circenses estão previstas na BNCC?

Docente: Sim, sei dessa previsão da atividade circense, dialogando lá, prevista ali no componente curricular Artes, se eu não estou enganado, é isso?

Pesquisadora: Uhum

Docente: E na Educação Física quando está previsto lá a unidade temática ginástica né, você tem essa possibilidade de trabalhar na ginástica geral esses componentes do circo, da arte, da dança. Então a gente transita por esses caminhos. Eu sei que existe porque eu sou professor da rede Municipal e a gente tem contato, também sou professor do curso de ensino superior que trabalha com essa disciplina Educação Física Escolar e a gente tem contato com esses documentos e também em várias produções de experiências sobre as atividades circenses na escola.

Pesquisadora: Bom, a última pergunta ela tem a ver com plano de aula, então laborei um plano de aula com Educação Física e, bom, Educação Física e atividade circense está muito próximo né. Então eu vou compartilhar aqui rapidinho, passar um pouquinho para cima e perguntar se você tem alguma crítica, alguma sugestão.

[LEITURA E APRESENTAÇÃO DO PLANO DE AULA]

Pesquisadora: Não sei se você tem algumas críticas ou sugestões em relação também aqui aos temas?

Docente: O que eu queria despertar interesse em você, se você quiser baixar um pouquinho. Isso aí é para o ensino médio?

Pesquisadora: Sim, para o ensino médio

Docente: Sobe ali nas habilidades. Essa você pegou do material do Currículo Paulista?

Pesquisadora: Não. O Currículo Paulista eu peguei os nomes aqui para os temas, as habilidades eu peguei da BNCC mesmo.

Docente: E essa sigla significa o quê? Ensino médio? E o “LG” é qual?

Pesquisadora: É da área de linguagens e suas tecnologias

Docente: É porque se fosse Educação Física era para ser “F”, né? Ensino médio? Inclusive está uma discussão sobre isso aqui, mas não importa, você pegou na íntegra o que estava lá, não é isso, as habilidades? E você não pegou as habilidades específicas da Educação Física?

Pesquisadora: É porque na eles não dividem né eles não fazem essa divisão então eu fui olhando lendo e né Paulista tem eu fui até comparando algumas daqui no currículo Paulista é porque na verdade assim as habilidades é entendido como aquilo que vai nortear a o que que você quer discutir o programatizar com seus alunos e tentar fazer com que eles desenvolvam habilidades para ter capacidade né de compreender por exemplo discursos textuais peças diversas semioses visuais verbais como você vai fazer isso lá no seu no seu plano de aula me leve a atingir a unidade então só depois você fazer uma revisão para entender esse jeito que você está dele é seu conta de atingir essas habilidades que você tá pretendendo desenvolver eu acho que organização É essa mesmo você tem conteúdo para trabalhar 6 meses com seus alunos, entendeu.

Anexo 1: Quadros de jogos Duprat (2007)

Quadro 5			
Denominação	Parada de Mãos (ver seqüência de imagens 1.1 no DVD)	Idade recomendada	A partir dos 5 anos
Espaço requerido	Quadra, ginásio ou campos de futebol.	Numero de participantes	independe
Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	De preferência colchões (tipo sarneges) de segurança, mas não se faz necessário.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	Em duplas, um dos parceiros deve ficar em apoio invertido e a outra pessoa deve auxiliá-lo da melhor maneira. (ver no DVD como seqüência 1.1.)		
Variações	Sem o auxílio do companheiro. Realizar com o apoio de uma parede, tanto de frente para a mesma, quanto de costas. Tentar manter-se em parada de mãos por alguns segundos ou minutos.		
Medidas de segurança	Atentar ao local da pratica, se este se encontra em condições de uso, e se houver um colchão de segurança, seria ideal.		

Duprat, 2007, p. 67

Quadro 7 ²⁴			
Denominação	Desafio dos lenços (seqüência de imagens 2.1.2 no DVD)	Idade recomendada	A partir de 5 anos
Espaço requerido	Preferência interior (exterior sem a presença de vento), mínimo de 2 m ² por pessoas	Numero de participantes	ilimitado
Duração	Em torno de 15 minutos	Nível de dificuldade	básico
Material necessário	Um lenço (tule de 50 x 50 cm) por jogador, podendo ser substituído por saco plástico de supermercado para baratear o custo (material alternativo).		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	<p>O jogo começa com a exploração do material por parte dos participantes. É importante ressaltar que o objetivo deste jogo é não deixar que o lenço toque o solo, devendo ser recepcionado antes disto.</p> <p>Os alunos devem manusear o objeto de distintas maneiras: jogando por trás das costas, por baixo do braço, jogando e dando um giro no próprio eixo, entre outras possibilidades. Depois desta fase e do reconhecimento do material, iniciam os desafios.</p> <p>1º Desafio: abrir o lenço sobre a cabeça, olhando para cima o jogador tentará com um assopro forte manter o lenço no ar.</p> <p>2º Desafio: Lançar o lenço e bater o maior número de palmas possíveis, antes de recepcioná-lo.</p> <p>3º Desafio: Lançar o lenço, bater uma palma na frente do corpo, outra atrás do corpo, uma debaixo da uma perna e recepcioná-lo.</p>		
Variações	Existem inúmeras variações dos desafios propostos, uma possibilidade é deixar com que os praticantes em pequenos grupos proponham seus próprios desafios.		
Medidas de segurança	Manter um espaço mínimo entre os jogadores para que não se choquem ou se golpeiem acidentalmente ao tentar agarrar os lenços.		

DUPRAT, 2007, p. 73

Quadro 8			
Denominação	Lançar e trocar de lugar (ver seqüência 2.1.3 no DVD)	Idade recomendada	A partir de 5 anos
Espaço requerido	Externo ou interno (de preferência)	Numero de participantes	Mínimo dois

²⁴ Há um vídeo do grupo CIRCUS que pode auxiliar o docente neste jogo https://www.youtube.com/watch?v=Z5xWeVNWKqA&t=3s&ab_channel=CircusUnicamp

Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Um lenço de tule por pessoa.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Um de frente para o outro, cada participante segurando um lenço, quando uma pessoa der o sinal, os dois jogam o lenço ao mesmo tempo e correndo tentam pegar o lenço do companheiro.		
Variações	Lançar de diferentes formas.		
Medidas de segurança	Cuidado básico com os possíveis choques entre os participantes.		

Idem, p.74

Quadro 9			
Denominação	Quem pode mais	Idade recomendada	A partir de 5 anos
Espaço requerido	De preferência interior	Numero de participantes	De 5 a 6 participantes por grupo
Duração	Indeterminado	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Um lenço (tule de 50 x 50 cm) por jogador, podendo ser substituído por saco plástico de supermercado.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	<p>O grupo formará um círculo, todos olhando para o centro. O primeiro jogador irá lançar seu lenço e fará um gesto, “cantando” a jogada. Por exemplo: Jogo o lenço e ponho a mão na cabeça.</p> <p>O segundo jogador, após o primeiro, devera repetir a primeira ação e acrescentar uma outra: Jogo o lenço, ponho a mão na cabeça e dou um salto.</p> <p>O terceiro deve repetir os gestos do primeiro e do segundo e acrescentar um outro. Desta maneira, a brincadeira continua ate que um participante não consiga mais executar as ações em seqüência ou não consiga recepcionar o lenço antes de cair no solo.</p>		
Variações	<p>Pode-se variar a velocidade com que os jogadores executam e repetem os movimentos. O jogador que acrescentou o gesto, “canta” sua jogada e pede a qualquer jogador da roda para ser o próximo, não respeitando uma seqüência lógica, desta forma aumenta-se o nível de atenção do grupo.</p> <p>A cada nova jogada acrescida, todos repetem a seqüência de movimentos. Assim, os jogadores irão participar de maneira mais efetiva.</p>		
Medidas de segurança	Verificar a distancia entre os jogadores, preocupando-se com possíveis choques entre eles.		

Idem, p. 74

Quadro 10			
Denominação	Lançamento simultâneo (ver seqüência de imagens 2.1.4 no DVD)	Idade recomendada	A partir de 6 ou 7 anos
Espaço requerido	De preferência interno	Numero de participantes	De 5 a 10 por grupo
Duração	Indeterminada	Nível de dificuldade	Básico a intermediário
Material necessário	Um lenço (tule de 50 x 50 cm) por jogador, podendo ser substituído por saco plástico de supermercado.		

Descrição (regras e procedimentos do jogo)	O grupo estará em círculo, todos voltados para o centro. Após um sinal todos os jogadores deverão jogar o lenço, simultaneamente, a sua frente e darão um passo para o lado direito, pegando o lenço do vizinho (ao mesmo tempo todos devem jogar e ir para o lado), podemos tanto ir para um lado como para o outro, depende do comando do responsável.
Variações	Pode-se diminuir o tempo entre um lançamento e outro, aumentando a velocidade de execução e de tempo de reação. Cada pessoa do grupo cria uma seqüência de movimentos a serem seguidos pelo grupo, por exemplo: direita, direita e esquerda, que deverão ser seguidos consecutivamente após o sinal. Esta brincadeira vai se desenrolando praticamente sozinha, pois os integrantes vão tendo idéias diferentes, desde, girar no mesmo lugar, até trocar de lugar com a pessoa da frente, o professor deve estar atento a integração do grupo e dar algumas dicas de exploração.
Medidas de segurança	Estar atento a possíveis choques entre os participantes.

Idem, p. 75

Quadro 11			
Denominação	Para quem passar	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Interno ou externo	Numero de participantes	Grupos de 5 a 7
Duração	Indeterminada	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Uma bola de esporte tradicional, como futebol, basquete, handebol. Materiais alternativos como bolas de borracha, meia ou jornal. Materiais específicos próprios de malabarismo.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	Usando uma bola por grupo, a primeira pessoa fala o nome de uma outra para quem ela irá jogar a bola, lembrando que é uma brincadeira de cooperação, devendo preocupar-se com a maneira de jogar a bola, permitindo para o jogador que for recepcioná-la, fazê-lo de uma maneira confortável. Após agarrar a bola, este deve falar o nome de outra pessoa e fazer um lançamento em sua direção.		
Variações	Pode-se variar as maneiras de lançamento e de recepção, por exemplo: lançar por cima da cabeça, ou com uma mão, ou por trás do corpo; e recepcioná-la com uma mão, dando um giro. Ao dizer o nome da próxima pessoa a receber a bola, o jogador poderá dissimular e blefar, olhando para uma pessoa e falar o nome de outra, respeitando a regra principal que a bola deve ir para a pessoa cujo nome foi falado.		
Medidas de segurança	Mínimas, preocupando-se com possíveis choques entre os participantes.		

Idem, p. 75

Quadro 12			
Denominação	Siga a bola mestra	Idade recomendada	A partir de 8 anos
Espaço requerido	Interno ou externo	Numero de participantes	Grupos de 5 a 7
Duração	Indeterminada	Nível de dificuldade	Intermediário
Material necessário	Bolas de malabarismo de diferentes tamanhos e cores.		

Descrição (regras e procedimentos do jogo)	O grupo formará um círculo de frente para o centro. A pessoa que inicia a jogada deve falar o nome do jogador para quem irá jogar a primeira bola, a segunda deve ir para a mesma pessoa, sem a necessidade de repetir seu nome. Após recepcionar a primeira bolinha e antes que receba a segunda, o outro jogador deve anunciar outra pessoa e jogar a primeira bola e em seguida a segunda. É importante que os participantes nunca permaneçam com duas bolinhas na mão, ou seja, devem lançar uma antes de receber a outra.
Variações	Para aumentar o grau de dificuldade podemos adicionar gradativamente mais bolas. Lembrando que as demais devem fazer uma seqüência de ordem, por exemplo, por cores, a primeira azul, a segunda verde, a terceira amarela. Para dar uma continuidade ao jogo, o integrante que recepcionar a bola nunca deve ter duas bolinhas nas mãos, deve jogar a primeira antes que a segunda chegue, e jogar a segunda antes que a terceira chegue e assim sucessivamente.
Medidas de segurança	Mínimas, preocupando-se com possíveis choques entre os participantes.

Idem, p. 76

²⁵ Quadro 13			
Denominação	O tempo do malabarismo (ver seqüência de imagens 2.1.9, 2.1.10 e 2.1.11 no DVD)	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Interno ou externo	Numero de participantes	Indeterminado
Duração	Indeterminado	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Duas a três bolinhas de malabares por dupla.		
Descrição (regras e procedimentos do jogo)	Em duplas, um de frente para o outro, cada um com a pose de uma bolinha, em uma distância razoavelmente próxima, devem ao mesmo tempo trocar as bolinhas, explorando as formas de lançar e recepcionar. Em um segundo momento, cada dupla terá três bolinhas, um dos jogadores iniciará o jogo com duas bolinhas nas mãos, enquanto o outro terá apenas uma. O jogo começa quando o primeiro lança uma bolinha para seu companheiro, este antes de recepcioná-la deve lançar a sua para o primeiro jogador, que antes de recebe-la, lançará a outra bolinha que estava em sua mão. Temos três objetos e apenas dois integrantes e para que nenhum deles tenha duas bolinhas nas mãos é necessário que o trocar de bolinhas seja alternado.		
Variações	Para um melhor entendimento do tempo das bolinhas no ar, solicitamos que as duplas joguem e recepcionem com as duas mãos ao mesmo tempo, isso porque, não poderão ter duas bolinhas nas mãos neste momento. Variar a mão que joga e recebe, somente as mãos direitas, as esquerdas, um com a direita e o outro com a esquerda. Variar a posição do corpo, jogar um de lado para o outro, abraçados, um joga com a mão direita o outro com a esquerda, respeitando o tempo das bolinhas, sempre uma das bolinhas deve estar no ar para que o outro possa se livrar da sua e recepcionar a outra.		
Medidas de segurança	Mínimas		

Idem, p. 76

Quadro 17			
Denominação	Pé com pé (ver seqüência 3.2 no DVD)	Idade recomendada	A partir de 7 anos

Espaço requerido	Externo ou interno	Numero de participantes	Mínimo dois
Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Nenhum material específico.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Uma das pessoas deve subir em cima do peito do pé do seu companheiro, daí esse deve tentar andar ate o outro lado da quadra. Chegando la, devem voltar correndo parar trocar a dupla, isso é repetido ate que todos façam a atividade.		
Variações	Diferentes maneiras de andar, variar a velocidade e a distância.		
Medidas de segurança	Cuidado básico com os possíveis choques entre os participantes e quedas.		

Idem, p. 82

Quadro 19 (nota rodapé do quadro: adaptado de Bortoleto, 2006)			
Denominação	Jogo das Mascaras (mimetismo)	Idade recomendada	A partir de 9 anos
Espaço requerido	De preferência interno com pouca movimentação externa a classe	Numero de participantes	Limitado pelo espaço
Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	indeterminado
Material necessário	Nenhum material específico.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Consiste em ir mudando a interpretação segundo a mascara fictícia que os jogadores colocam na frente do rosto. Recomenda-se a prática diante de um espelho para que se possa desenvolver a auto-regulação das expressões desejadas.		
Variações			
Medidas de segurança	Mínimas medidas de segurança.		

Idem, p. 84

Quadro 22			
Denominação	Jogo do espelho (ver seqüência 4.5 no DVD)	Idade recomendada	A partir de 7 anos
Espaço requerido	Mesmo que o anterior.	Numero de participantes	indefinido
Duração	Indefinida	Nível de dificuldade	Básico
Material necessário	Utilização de aparelho de som.		
Descrição inicial (regras e procedimentos do jogo)	Agora as duplas ou grupos estão de frente um para o outro, uma pessoa fexecuta os movimentos, enquanto os outros imitam, devemos ter em mente que a idéia é a de um espelho, ou seja, quando um faz movimentos com o lado direito o outro faz com o lado esquerdo.		
Variações	Variar os diferentes níveis de trabalho: baixo, médio e alto. A velocidade dos ritmos musicais e/ou o de execução.		
Medidas de segurança	Mesmo que o jogo anterior.		

Idem, p. 82